



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

REBECA RAYANE CUNHA SILVA

**A INFLUÊNCIA DA IMAGEM DO LUGAR NA APROPRIAÇÃO
DO ESPAÇO PÚBLICO: O CASO DO PARQUE SANTANA.**

RECIFE
2021

REBECA RAYANE CUNHA SILVA

**A INFLUÊNCIA DA IMAGEM DO LUGAR NA APROPRIAÇÃO
DO ESPAÇO PÚBLICO: O CASO DO PARQUE SANTANA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Urbano. Área de concentração: Desenvolvimento Urbano.

Orientador(a): Professora Doutora Julieta Maria de Vasconcelos Leite.

RECIFE

2021

Catálogo na fonte
Bibliotecária Lílian Lima de Siqueira Melo – CRB-4/1425

S586i Silva, Rebeca Rayane Cunha
A influência da imagem do lugar na apropriação do espaço público: o caso do Parque Santana / Rebeca Rayane Cunha Silva. – Recife, 2021. 132p.: il.

Orientadora: Julieta Maria de Vasconcelos Leite.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2021.

Inclui referências.

1. Espaço Público. 2. Parque Santana - Recife. 3. Apropriação social. I. Leite, Julieta Maria de Vasconcelos (Orientadora). II. Título.

711.4 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2021-144)

REBECA RAYANE CUNHA SILVA

**A INFLUÊNCIA DA IMAGEM DO LUGAR NA APROPRIAÇÃO
DO ESPAÇO PÚBLICO: O CASO DO PARQUE SANTANA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Urbano

Aprovada em: 12/11/2020.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Julieta Maria de Vasconcelos Leite (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Maria de Jesus de Britto Leite (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Eduardo Duarte Gomes da Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Aos meus pais, Suzanete e Petrônio, que vêm desde sempre me acompanhando na descoberta do mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha orientadora, Julieta, pelo olhar clínico, paciência, mente inquieta e orientação impecável. Sem suas críticas e contribuições, este trabalho não seria possível. Agradeço a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, agência que fomentou a realização desta pesquisa.

Agradeço a painho e mainha, seu Pré e dona Nana, pela minha vida e por todo o apoio que recebi durante essa jornada. Mainha, obrigada por toda presença e amor. Painho, obrigada pela condução e incentivo. Agradeço a João, minha pessoa no mundo, a quem posso contar e confiar sempre. Agradeço as minhas tias, avó, primos, por todas as vibrações positivas.

Agradeço a Luana e Marina, que por inumeráveis momentos fizeram às vezes de mainha no cuidado e atenção. Agradeço a Amanda, por permanecer aqui todo esse tempo. Meninas, vocês são incríveis.

Agradeço a toda equipe do INCITI, com quem pude compartilhar tantos aprendizados e que me ajudaram tanto na percepção das cidades. Em especial, todos os pandas, Marta, Raquel, Circe, Tita, e seus olhares atentos. Agradeço aos amigos do Gatilho do Bem, do Amor, real? e da Negada, sem nossos momentos eu não teria chegado até aqui. Em especial, agradeço a Ronaldo, Moisés, Andrezza, Jéssica, Thais, Leonardo, Leila, Thiago, Mateus, Kaio, Wolfgang, Lucas, pela ajuda nesse processo. Agradeço a Eduardo, por ter estado ao meu lado em diversos momentos importantes. Agradeço a Caio, Pedro, Lia, Ana Clara, Talys, Daniel, por seus ouvidos sempre atentos e divagações preciosas. Agradeço aos colegas do MDU, vocês entendem, melhor do que ninguém, esse processo. Agradeço aos poligonais, que vibraram junto comigo no fim. Aos que me permitiram entrevista-los e a todos que responderam ao questionário aplicado.

Agradeço aos que caminham comigo lado a lado, aos que me ajudaram de forma direta ou indireta. Agradeço a todos, que de maneiras infinitas, agiram como um vetor para a conclusão deste ciclo.

RESUMO

Os espaços públicos são fundamentais para a qualidade de vida e manutenção da cidadania, pois permitem trocas sociais e inter-relações entre os moradores de uma cidade. Entretanto, a partir de visitas constantes e observações empíricas, percebemos certa estranheza na apropriação social em alguns parques da cidade do Recife-PE. A inquietação inicial deste trabalho surgiu do incômodo com a aparente pouca diversidade do público frequente do Parque Santana, localizado na zona norte da cidade. O parque tem boa infraestrutura e está localizado em uma região com perfil de público socioeconomicamente diversificado, porém essa pluralidade não é percebida em sua apropriação social, e supostamente existe um predomínio de utilização por determinada parcela da vizinhança. Acreditamos que a não apropriação do Parque Santana por uma parcela mais ampla da população do entorno decorre ao menos por dois fatores distintos, porém relacionados: um de ordem físico-espacial, sobretudo associado à falta de visibilidade proveniente de sua localização, e outro de ordem social, causado por certa imagem atribuída ao parque, mais fortemente partilhada entre não usuários. Pretendemos, então, verificar a existência e caracterizar a imagem do Parque Santana, entendendo como esta, associada a fatores físico-espaciais e sociais, pode influenciar sua apropriação. Para isso, primeiramente, analisamos aspectos físico-espaciais da localização do parque e fizemos uma investigação histórico-documental acerca do Parque Santana em matérias jornalísticas divulgadas ao longo dos últimos nove anos. Em seguida, aplicamos um questionário on-line aberto às pessoas que já ouviram falar no parque, tendo o visitado presencialmente ou não. Logo depois, realizamos entrevistas semiestruturadas com moradores locais. Com esses procedimentos conseguimos identificar respostas para a constituição e para o entendimento do imaginário coletivo urbano que compreende o parque, e conferimos a interação da localização, da legibilidade, e da imagem construída na apropriação social do Parque Santana.

Palavras-chave: Espaço público; parque; imaginário; legibilidade; apropriação social.

ABSTRACT

Public spaces are fundamental for the quality of life and maintenance of citizenship, as they allow social exchanges and interrelationships between residents of a city. However, from constant visits and empirical observations, we noticed a certain difference in social appropriation in some parks in the city of Recife-PE. The initial concern of this work arose from the discomfort with the apparent little diversity of the frequent audience of Parque Santana, located in the northern part of the city. The park has good infrastructure and is located in a region with a socioeconomically diverse public profile, however this plurality is not perceived in its social appropriation, and supposedly there is a predominance of use by a certain portion of the neighborhood. We believe that the non-appropriation of Parque Santana by a wider portion of the surrounding population is due to at least two distinct but related factors: one of a physical-spatial nature, mainly associated with the lack of visibility arising from its location, and another of an environmental nature. social, caused by a certain image attributed to the park, more strongly shared among non-users. We intend, therefore, to verify the existence and characterize the image of Parque Santana, understanding how it, associated with physical-spatial and social factors, can influence its appropriation. To do this, first, we analyzed the physical and spatial aspects of the park's location and did a historical-documentary investigation about Parque Santana in news articles published over the past nine years. Then, we applied an online questionnaire open to people who have heard about the park, whether they visited it in person or not. Soon after, we conducted semi-structured interviews with local residents. With these procedures we were able to identify answers for the constitution and for the understanding of the collective urban imagery that comprises the park, and we check the interaction of location, legibility, and the image built on the social appropriation of Parque Santana.

Keywords: Public space; park; imaginary; legibility; social appropriation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - À esquerda, imagem aérea do Parque Santana.	15
Figura 2 - À direita, imagem aérea do Parque da Jaqueira.	15
Figura 3 - À esquerda, imagem voo de pássaro do Parque Santana.	15
Figura 4 - À direita, imagem voo de pássaro do Parque da Jaqueira.	15
Figura 5 - À esquerda, vista do pedestre do Parque Santana.	16
Figura 6 - À direita, vista do pedestre do Parque da Jaqueira.	16
Figura 7 - Mapa de localização dos parques.	17
Figura 8 - Mapa de sintaxe espacial (integração global) da cidade de Recife-PE e recorte ampliado do trecho onde se localizam os parques Santana e Jaqueira.	18
Figura 9 - Mapa de localização – Parque Santana destacado em vermelho.	23
Figura 10 - Rua para o acesso principal.	23
Figura 11 - Acesso principal.	23
Figura 12 - À esquerda, bairro de Santana.	24
Figura 13 - À direita, Vila Santa Luzia.	24
Figura 14 - Planta do Parque Santana.	25
Figura 15 - Imagem aérea do Parque Santana.	26
Figura 16 - À esquerda, Ponte Emocy Krause vista de dentro do Parque Santana Ariano Suassuna.	26
Figura 17 - À direita, Ponte Emocy Krause vista de dentro do Parque Santana Ariano Suassuna.	26
Figura 18 - À esquerda, trecho antes de chegar à ponte vista de dentro do Parque Santana.	27
Figura 19 - À direita, praça de eventos.	27
Figura 20 - À esquerda, pista de skate.	27
Figura 21 - À direita, pista de skate.	27
Figura 22 - À esquerda, pista de cooper.	27
Figura 23 - À direita, academia da cidade.	27
Figura 24 - À esquerda, parque infantil com brinquedos.	27
Figura 25 - À direita, informações do Parque Santana Ariano Suassuna.	27
Figura 26 - À esquerda, informações do Parque Anna Laura.	28

Figura 27 - À direita, Parque Anna Laura.....	28
Figura 28 - À esquerda, parque infantil com brinquedos.....	28
Figura 29 - À direita, banheiros.....	28
Figura 30 - À esquerda, quadra poliesportiva.....	28
Figura 31 - À direita, quadra de tênis.....	28
Figura 32 - À esquerda, parcão.....	28
Figura 33 - À direita, pista de cooper e ciclovia.....	28
Figura 34 - À esquerda, pavilhão coberto.....	29
Figura 35 - À direita, caminho central visto da entrada principal.....	29
Figura 36 - À esquerda, caminho central e campo de futebol.....	29
Figura 37 - À direita, campo de futebol.....	29
Figura 38 - À esquerda, academia do Recife.....	29
Figura 39 - À direita, entrada e nome do Parque Santana.....	29
Figura 40 - Mapa com entorno do Parque Santana.....	37
Figura 41 - Mapa da estrutura viária do entorno do Parque Santana.....	38
Figura 42 - Manchete da inauguração da ponte Emocy Krause.....	39
Figura 43 - Mapa de sintaxe espacial mostrando a integração local das ruas da cidade do Recife, ampliando-se a região do Parque Santana.....	40
Figura 44 - Mapa de uso do solo.....	41
Figura 45 - Mapa de usos diversos.....	42
Figura 46 - Local do terminal de ônibus.....	43
Figura 47 - Horário da linha de ônibus 411.....	43
Figura 48 - Vista da parada de ônibus na rua de acesso do Parque Santana.....	44
Figura 49 - Vista da parada de ônibus na rua de acesso do Parque Santana.....	44
Figura 50 - À direita, gráfico da quantidade de matérias por categoria.....	59
Figura 51 - À direita, gráfico representando quantidade de matérias positivas e negativas.....	59
Figura 52 - Matéria jornalística de 24/07/2012.....	60
Figura 53 - Matéria jornalística de 31/12/2012.....	60
Figura 54 - Matéria jornalística de 12/10/2014.....	61
Figura 55 - Matéria jornalística de 30/10/2014.....	61
Figura 56 - Matéria jornalística de 19/12/2014.....	61
Figura 57 - Matéria jornalística de 05/11/2015.....	62

Figura 78 - Gráficos comparativos sobre a conotação dos elementos representativos do parque. À esquerda, quem já visitou o parque e, à direita, quem nunca visitou.	74
Figura 79 - Gráfico com elementos de conotação negativa mais citados entre pessoas que já visitaram o parque.	77
Figura 80 - Gráfico com elementos de conotação negativa mais citados entre pessoas que nunca visitaram o parque.	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados sobre o bairro Santana.	30
Tabela 2 - Dados sobre o bairro Torre.	31
Tabela 3 - Resumo da quantidade de usuários no parque por dias da semana	33
Tabela 4 - Relação entre áreas dos parques, áreas de alcance e quantidade de habitantes atendidos.	34
Tabela 5 - Renda familiar dos usuários do Parque Santana.	35
Tabela 6 - Correlação entre renda familiar e parques.	35
Tabela 7 - Tabela de correlações entre parques e motivações para visita dos usuários.	36
Tabela 8 - À esquerda, quantidade de matérias por categoria.....	59
Tabela 9 - À esquerda, quantidade de matérias positivas e negativas.	59
Tabela 10 - Principais motivos de visitas ao parque.	68
Tabela 11 - Motivos das não visitas ao parque.	68

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	PARTE 1 – O PARQUE SANTANA: ESTRUTURA FÍSICA E SOCIOESPACIAL.....	22
2.1	ASPECTOS FÍSICOS.....	22
2.1.1	Localização e entorno.....	22
2.1.2	Estrutura interna.....	24
2.2	ASPECTOS SOCIAIS DO PARQUE E SEU ENTORNO.....	30
2.3	ANÁLISE FÍSICO-ESPACIAL.....	37
3	PARTE 2 – O ESPAÇO PÚBLICO E SUA IMAGEM.....	45
3.1	ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS NA CONTEMPORANEIDADE.....	45
3.2	A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM E O IMAGINÁRIO COLETIVO URBANO.....	50
3.3	A CONFIGURAÇÃO FÍSICA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO.....	54
4	PARTE 3 – O PARQUE SANTANA NO IMAGINÁRIO COLETIVO URBANO.....	56
4.1	ANÁLISE HISTÓRICO-DOCUMENTAL EM JORNAIS.....	57
4.2	QUESTIONÁRIOS.....	63
4.3	ENTREVISTAS COM MORADORES.....	82
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
	REFERÊNCIAS.....	114
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOBRE O PARQUE SANTANA.....	118
	APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS..	132

1 INTRODUÇÃO

O espaço urbano é o palco de encontro entre relações sociais e configuração física, estabelecendo-se como a fusão dessas duas esferas distintas e inseparáveis, que exercem influências mútuas uma sobre a outra, formando e modificando, assim, o espaço. Essa ideia é teorizada por Milton Santos na forma de relações entre sistemas de ações sociais e sistemas de objetos:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. (SANTOS, 2014[1996], p. 63).

O espaço urbano que estabelecemos como objeto de estudo desta pesquisa é o Parque Santana, localizado no bairro Santana, na zona norte da cidade do Recife-PE. O Parque Santana foi construído em 1985, com 26mil m² de área, e existia em estado de abandono, numa situação negativa, marcada por pontuais casos de violência, gerando uma imagem de degradação e perigo. Após a reforma, em 2012, que o ampliou em 37mil m² – totalizando 63mil m² a área do parque, o espaço público ganhou campo de futebol, quadras de tênis, pista de skate e bicicross, além da recuperação dos brinquedos infantis e da pista de cooper, ocorrendo, assim, o processo de maior ocupação do mesmo.

Ângelo Serpa (2007) afirma que “na análise do espaço público urbano, forma e conteúdo são, portanto, indissociáveis”, e Rogério Proença Leite (2002) diz que “a cidade é sempre o resultado convergente de distintas influências formais e cotidianas”. Considerando essas afirmações, entendemos que o espaço público necessita tanto do âmbito social quanto do físico-espacial para existir como tal, e é o resultado justamente da interação de ambos. E se na comparação entre dois parques semelhantes em suas formas, verifica-se que seu “conteúdo” é distinto, ou seja, sua apropriação social difere, que aspectos invisíveis contribuem na caracterização e constituição desses “conteúdos”?

Para a definição do nosso objeto de pesquisa tomamos como pontapé inicial a comparação entre o Parque da Jaqueira e o Parque Santana, ambos localizados na

zona norte da cidade do Recife – Pernambuco, em bairros próximos, com área total e configuração espacial similares, porém com uma desigualdade perceptível quanto aos usuários, o primeiro, com público maior, consideravelmente diverso e heterogêneo, o segundo mais homogêneo e aparentemente segregador.

Figura 1 - À esquerda, imagem aérea do Parque Santana.
Figura 2 - À direita, imagem aérea do Parque da Jaqueira.



(Fonte figura 1: frame de vídeo disponível no YouTube¹.
Fonte figura 2: Julliana Galvão, via pinterest².)

Figura 3 - À esquerda, imagem voo de pássaro do Parque Santana.
Figura 4 - À direita, imagem voo de pássaro do Parque da Jaqueira.



(Fonte figura 3: frame de vídeo disponível no YouTube³.
Fonte figura 4: folha de PE⁴.)

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5bcbMYHHGeA>>. Acesso em: 08 out. 2020

² Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/496873771370899517/?nic_v2=1a5rd1GBd>. Acesso em: 08 out. 2020

³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5bcbMYHHGeA>>. Acesso em: 08 out. 2020

⁴ Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/noticias/pernambuco/jaqueira-e-jardim-botanico-com-atividades-gratuitas-neste-fim-de-seman/103808/>>. Acesso em: 08 out. 2020

O parque da Jaqueira tem área total de 70mil m², foi construído em 1985, possui uma pista de cooper de 1000m, uma pista de bicicross, uma ciclovia com 1100 metros, três áreas de brinquedos infantis, e é bastante arborizado. O parque Santana tem hoje área total de 63mil m², foi construído também em 1985, possui uma pista de cooper de 670 metros, pista de bicicross e skate, ciclovia com 1000 metros, duas áreas de brinquedos infantis, e arborização satisfatória. Sendo assim, os parques apresentam-se de formas similares quanto aos seus aspectos estruturais, como podemos observar nas figuras 5 e 6.

Figura 5 - À esquerda, vista do pedestre do Parque Santana.
 Figura 6 - À direita, vista do pedestre do Parque da Jaqueira.



(Fonte figura 5: a autora
 Fonte figura 6: site visit recife⁵.)

O Parque da Jaqueira, como vemos nas figuras 2 e 4, aparentemente possui uma área vegetada maior, tomando quase que sua totalidade, enquanto o Parque Santana apresenta arborização em cerca de metade de sua área, o que deve ser considerado como fator importante nesta comparação entre os parques. O Parque da Jaqueira (marcado à direita no mapa a seguir) também apresenta uma localização privilegiada, com maior centralidade, sendo delimitado por duas vias arteriais importantes na cidade – Av. Rui Barbosa e Rua do Futuro –, recebendo maior visibilidade das pessoas que transitam, com um acesso mais fácil, abastecido por diversas linhas de transporte público, e o Parque Santana (marcado à esquerda no mapa a seguir) é menos visível, sendo delimitado por uma rua sem muito movimento – Rua Jorge Gomes de Sá – e pelo Rio Capibaribe, com a oferta de apenas uma linha

⁵ Disponível em: <<https://visit.recife.br/o-que-fazer/atracoes/parques-e-pracas/parque-da-jaqueira>>

de transporte público. Sabe-se que a centralidade e a visibilidade proporcionadas pela localização são qualidades importantes tanto na identificação e fixação da imagem do lugar (LYNCH, 1989[1960]), quanto na utilização e apropriação do espaço público, sendo assim, esse são alguns fatores que, já de início, podemos apontar como influentes na apropriação social dos espaços a serem considerados nessa avaliação.

Figura 7 - Mapa de localização dos parques.

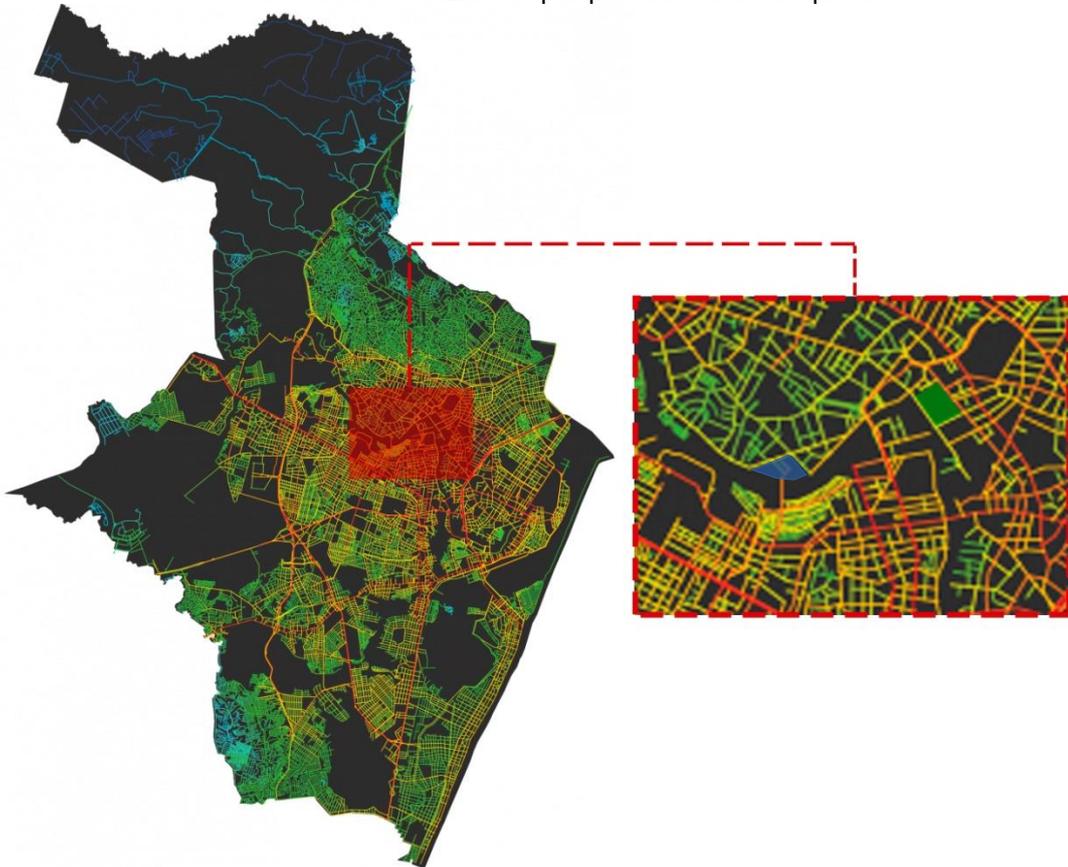


(fonte: google street view)

Trouxemos também algumas análises feitas através de estudos de sintaxe espacial. A teoria da sintaxe espacial busca descrever a configuração das ruas de um determinado recorte urbano, que pode ser um bairro, uma quadra, ou toda uma cidade, através de medidas quantitativas, que permitem entender aspectos importantes do sistema urbano, tais como a acessibilidade, a conectividade, e a integração das ruas. Para compreendermos tais análises, devemos saber que o mapa é composto por linhas axiais, linhas essas que representam o eixo das ruas e suas conexões. Após o processamento dos dados, feitos por programas específicos, as linhas axiais ganham cores, que variam do vermelho ao azul (vermelho – laranja – amarelo – verde – azul, nessa ordem). A cor vermelha indica o valor mais alto do aspecto analisado, e a cor azul o valor mais baixo. Podemos observar, no mapa apresentado a seguir, a integração global das ruas dentro da cidade do Recife,

utilizados para representar a centralidade, conectividade e visibilidade dos parques em questão em relação à cidade.

Figura 8 - Mapa de sintaxe espacial (integração global) da cidade de Recife-PE e recorte ampliado do trecho onde se localizam os parques Santana e Jaqueira.



(Fonte: produzido pela autora com base em mapas cedidos pelo inciti/ufpe)

Através dessas análises sintáticas espaciais, vemos que o Parque da Jaqueira (destacado pela cor verde na ampliação da figura 8) encontra-se entre linhas laranjas e amarelas quanto a integração global, e o Parque Santana (destacado pela cor azul na ampliação da figura 8) está entre linhas amarelas e verdes. Isso demonstra que o Parque da Jaqueira possui maior integração com outras ruas na escala da cidade. Esses dados mostram que realmente espera-se que o Parque da Jaqueira possua um número maior de visitantes e contemple uma área maior da cidade, e o Parque Santana seja encarado como parque mais local, voltado principalmente para o uso da vizinhança. Assim, compreende-se o porquê de o Parque da Jaqueira possuir mais visitantes.

Contudo, ainda permanece uma inquietação quanto ao uso do Parque Santana pelos habitantes vizinhos, pois, aparentemente, mesmo em escala local, o parque não é contemplado pela totalidade e diversidade de moradores da região.

O Parque Santana localiza-se nas margens do Rio Capibaribe, em um bairro nobre da cidade, porém é diretamente ligado, por uma ponte, a uma comunidade de classe social baixa e média baixa. Seu entorno é diversificado, dentre moradores de classe média, média alta, alta, e também média baixa e baixa. Porém, através de visitas pessoais cotidianas e observações empíricas, notamos no Parque Santana certa homogeneidade socioeconômica em seu público. O parque não possui uma diversidade de usuários correspondente aos moradores do entorno. A percepção de usuários com perfil predominantemente homogêneo é reafirmada pela pesquisa realizada por Raquel Menezes para sua dissertação de mestrado, intitulada “Gestão de Parques Urbanos” (2018), onde traz dados – apresentados no capítulo 02 deste trabalho – que corroboram a ideia de que atualmente a utilização do parque se dá predominantemente por um público de classe social de baixa renda, certamente da comunidade Santa Luzia, localizada na margem direita do Rio Capibaribe, delimitador do parque. Essa informação, de certa forma, nos inquieta ainda mais, e nos serve como alicerce para a justificativa deste trabalho.

Perpetuamos a inquietação sobre a pouca diversidade do público para alguns moradores da cidade, e a resposta geral se configura em forma de medo e em uma ideia de que o parque seria supostamente perigoso e abandonado. Porém, em nossa percepção, com visitas diárias, não nos deparamos no parque com o perigo e abandono propagados na imagem socialmente construída sobre o parque entre os recifenses. O que faria, então, uma suposta percepção distorcida ser fortemente partilhada, e influenciar tanto na apropriação social de um espaço livre público?

Sabe-se, segundo Saboya (2016), que para uma boa vitalidade social urbana existem alguns condicionantes preestabelecidos, além de centralidade e visibilidade, tais como densidade, variedade de usos, complexidade, localização, insolação, segurança, iluminação, entre outros. Mas apenas estes aspectos já conhecidos promovem realmente um bom uso e apropriação social de um espaço público? Além desses fatores físico-espaciais supracitados, **em que medida outros fatores**

agregam ou excluem pessoas no processo de apropriação do espaço público? Por que um parque livre público, inserido entre bairros de perfis socioeconômicos diversificados, é ocupado, em sua maioria, por um público específico, e não pela multiplicidade da vizinhança?

Acreditamos que esse fenômeno decorre ao menos por dois fatores distintos, porém relacionados: um de ordem físico-espacial, sobretudo associado à falta de visibilidade proveniente de sua localização, e outro de ordem social simbólica, causado por uma provável imagem negativa atribuída ao parque.

A consciência dispõe de duas maneiras de representar o mundo. Uma direta, na qual a própria coisa parece apresentar-se ante o espírito. (...) Outra indireta, quando por uma ou outra razão a coisa não pode apresentar-se em 'carne e osso' à sensibilidade. (...) Neste caso de consciência indireta, o objeto ausente é representado diante dela (a consciência) mediante uma imagem, no sentido mais amplo do termo. (Durand, 1968, *apud* Silva, 2006, p.91).

Durand fala que a consciência humana tem a capacidade de representar algo ou algum lugar de forma imaginária, a partir de nossas impressões pessoais ou coletivamente partilhadas. Quanto da imagem atribuída ao lugar – e entendemos por imagem a representação, na consciência, de algo que é real – pode influenciar a variedade do perfil dos usuários na dinâmica de uso e apropriação do espaço público por diferentes grupos sociais?

Os questionamentos iniciais formulados partiram da inquietação em compreender como se dá o processo de apropriação social de um determinado espaço público, considerando sua legibilidade e sua imagem. Como é construída e atribuída, por usuários e não usuários, uma determinada imagem simbólica a um lugar, especificamente no caso do Parque Santana. E assim, finalmente, buscamos averiguar quanto e como esses aspectos citados possuem a influência de agregar ou excluir pessoas heterogêneas, de diferentes raças e níveis socioeconômicos.

Admitimos que, em geral, a memória afetiva das pessoas antecede e dá origem a um imaginário coletivo urbano, e faz com que um local não seja apenas um local, mas sim um lugar com referências preexistentes e relações afetivas que podem ser boas ou ruins. E que essa memória e esse imaginário são tão importantes quanto, ou

até se sobrepõem, ao espaço físico conformado. Assim, procuramos aqui verificar a existência e entender qual seriam as origens e a imagem perpetuada acerca do Parque Santana, determinando seus símbolos, representações e significados, e como essa possível imagem, relacionada aos fatores físico-espaciais, contribui para a não apropriação pela multiplicidade e totalidade da população local.

O trabalho é dividido em três partes. Na parte 1 – O parque Santana: estrutura física e social, trazemos a descrição socioespacial do objeto de estudo, observando aspectos físicos, como a localização, entorno, e estrutura interna, e os aspectos sociais dos moradores locais, finalizando com uma análise destes itens. Na parte 2 – O espaço público e sua imagem, temos o nosso referencial teórico, que nos ajuda a entender a construção da imagem do lugar acerca de um parque em Recife-PE, englobando ideias sobre espaços livres públicos na contemporaneidade, a construção da imagem atribuída ao lugar e o imaginário coletivo urbano, e a configuração física como contribuição para a construção do imaginário. Na parte 3 – O parque Santana no imaginário coletivo urbano, apresentamos dados de nossas pesquisas de campo aplicadas e suas análises a respeito do imaginário coletivo urbano que o Parque Santana traz. Temos a justificativa dos procedimentos metodológicos utilizados, a análise histórico-documental em jornais, questionários aplicados e entrevistas semiestruturadas com moradores, com uma análise desses dados. Por fim, temos nossas considerações finais a respeito de todo o trabalho, que comprovam e corroboram a ideia de que a imagem do lugar, associada a fatores físico-espaciais, influencia de forma efetiva a apropriação social do espaço público.

2 PARTE 1 – O PARQUE SANTANA: ESTRUTURA FÍSICA E SOCIOESPACIAL

Neste capítulo, entendemos como é conformada a configuração física do Parque Santana, considerando aspectos como a localização e o entorno, e a estrutura interna, além de analisarmos aspectos sociais dos moradores da vizinhança. Compreendemos, com o entrecruzamento dessas informações, como se dá a inserção do parque na cidade, e como esses fatores podem influenciar sua apropriação social.

2.1 ASPECTOS FÍSICOS

2.1.1 Localização e entorno

O Parque Santana foi construído em 1985 e reformado em 2012, e está situado na região norte da cidade do Recife/PE, na Rua Jorge Gomes de Sá, bairro Santana. O parque está locado às margens do Rio Capibaribe, o que faz com que exista uma grande vegetação de mangue em seus limites que margeiam o rio. Essa área do parque mais próxima ao rio possui uma arborização expressiva, que durante o dia proporciona uma agradável sombra, contudo nas demais áreas do parque não existe muita sombra, o que pode desestimular a permanência durante o dia.

Apesar do parque não estar muito distante de uma das avenidas mais conhecidas da cidade, Av. 17 de agosto, o acesso por transportes públicos não é abrangente. Hoje, apenas uma linha de ônibus chega até o parque. Seu entorno imediato não compreende ruas de grande fluxo, ao contrário, ele localiza-se entre ruas de nível hierárquico local, com um fluxo de automóveis e pedestres não muito intensos.

Figura 9 - Mapa de localização – Parque Santana destacado em vermelho.



(fonte: google street view)

Seu entorno conta com muitas residências, principalmente prédios, casas com muros altos, e condomínios fechados. Além disso, existem pontualmente escolas e colégios próximos, instituições governamentais, supermercado, bares, e uma praça – Praça Compositor Antônio Maria. Em frente a entrada principal do parque existe um grande terreno vazio, onde ocorrem eventos fechados esporadicamente.

Figura 10 - Rua para o acesso principal.

Figura 11 - Acesso principal.

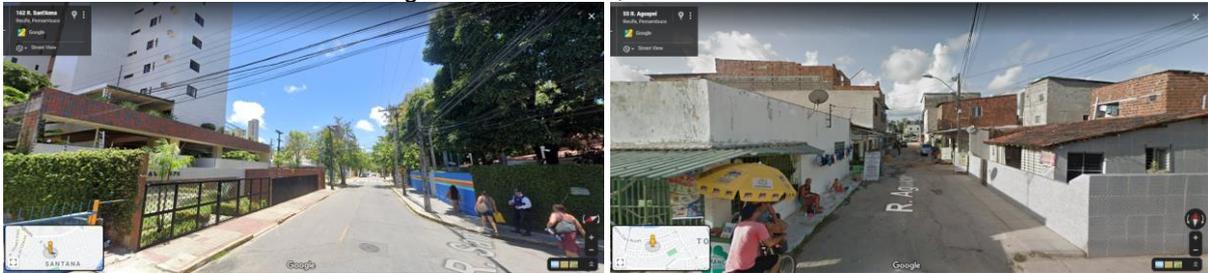


(Fonte da figura 10: google street view.

Fonte da figura 11: a autora)

O parque encontra-se no bairro Santana, vizinho ao bairro do Poço da Panela, porém serve também ao bairro da Torre e a comunidade Santa Luzia, que encontram-se na outra margem do rio, e estão conectados ao parque diretamente por uma ponte. A Ponte Emocy Krause foi inaugurada em 1980, antes da construção do parque, e é exclusiva para pedestres e ciclistas. Destaca-se por ter um grande fluxo de movimento dos moradores da comunidade Santa Luzia, que constantemente a atravessam para realizar afazeres diários nos bairros do outro lado do rio.

Figura 12 - À esquerda, bairro de Santana.
Figura 13 - À direita, Vila Santa Luzia.

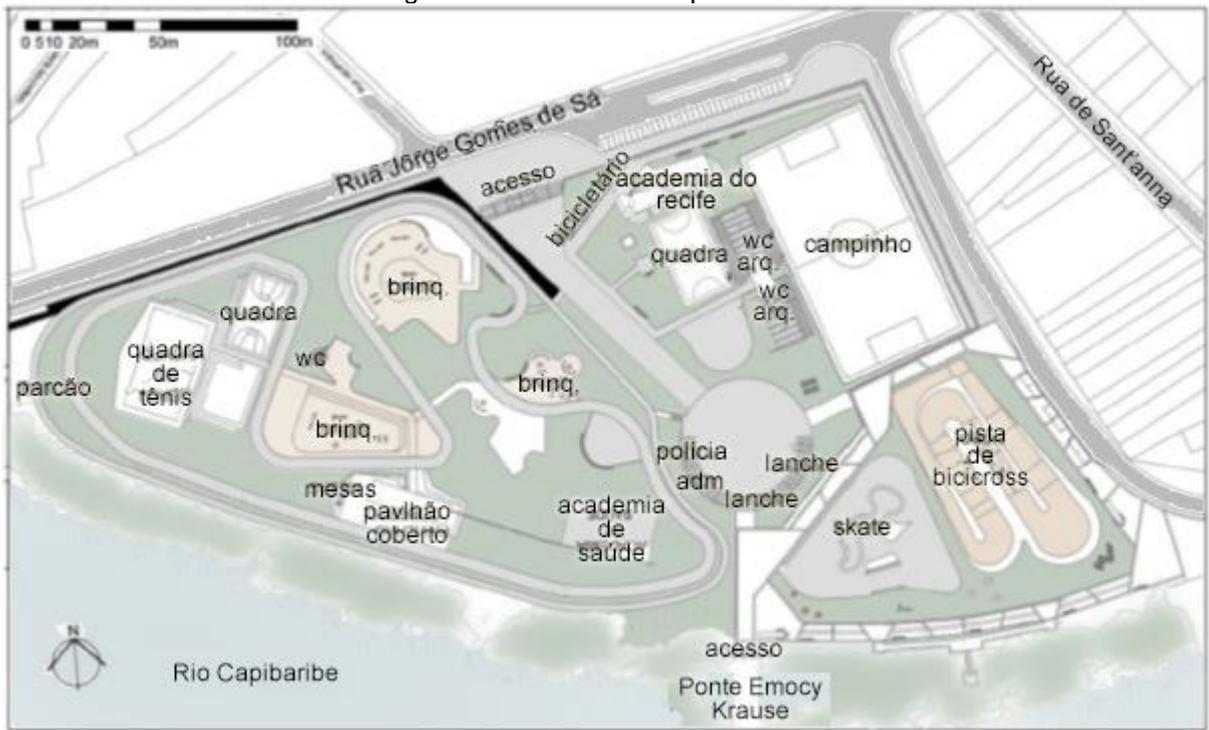


(Fonte das figuras 12 e 13: google street view.)

2.1.2 Estrutura interna

O Parque Santana Ariano Suassuna, com 63 mil metros quadrados, é um dos parques urbanos do Recife que é gerenciado pela Secretaria de Turismo e Lazer do Recife. O parque possui vários equipamentos para a prática de atividades esportivas e de lazer, como campo de futebol com arquibancada e vestiários, duas quadras poliesportivas, quadra de tênis, pista de skate, bicicross, cooper com 650m, ciclovia com 600m e 1000m, Academia do Recife e da Cidade, parques infantis, espaço de convivência, banheiros públicos e quiosques para comercialização de produtos, administração e guarda municipal. O parque conta ainda com bicicletário, pavilhão coberto, parque para cães e praça de eventos. Possui grande área verde, e amplo espaço para esportes e lazer.

Figura 14 - Planta do Parque Santana.



(fonte: Raquel Meneses, 2018.)

Além dos mobiliários infantis e brinquedos comuns, o Parque abriga os brinquedos inclusivos do projeto Anna Laura (<https://annalaura.org.br/>) (ver figuras 26 e 27), que “é composto por recursos lúdicos que propiciam às crianças com e sem deficiência a possibilidade de compartilharem experiências.” (ANNA LAURA PARQUE PARA TODOS⁶, c2020). A pista de skate do parque é uma das mais utilizadas e completas de toda a cidade, atende as modalidades street, freestyle, surf skate e patinação. A área de ocupação da pista de skate é de 1,6 mil metros quadrados e ela possui 12 obstáculos.

⁶ Disponível em: < <https://annalaura.org.br/#quemsomos>>. Acesso em 09 out 2020.

Figura 15 - Imagem aérea do Parque Santana.



(fonte: ESIG, 2020.)

Na imagem aérea podemos observar o mangue cercado o parque em sua margem inferior, beirando o rio. Vemos a ponte Emocy Krause, no centro da imagem, ligando o Parque Santana e os bairros do lado esquerdo do Rio Capibaribe à comunidade Santa Luzia e os bairros do lado direito do rio. A ponte pode ser observada, na figura 16, pela visão do pedestre que sai do parque, e na figura 17 temos a vista de quem chega pela ponte e olha para a direita.

Figura 16 - À esquerda, Ponte Emocy Krause vista de dentro do Parque Santana Ariano Suassuna.
 Figura 17 - À direita, Ponte Emocy Krause vista de dentro do Parque Santana Ariano Suassuna.



Figura 18 - À esquerda, trecho antes de chegar à ponte vista de dentro do Parque Santana.
 Figura 19 - À direita, praça de eventos.



Figura 20 - À esquerda, pista de skate.
 Figura 21 - À direita, pista de skate.



Figura 22 - À esquerda, pista de cooper.
 Figura 23 - À direita, academia da cidade.



Figura 24 - À esquerda, parque infantil com brinquedos.
 Figura 25 - À direita, informações do Parque Santana Ariano Suassuna.



Figura 26 - À esquerda, informações do Parque Anna Laura.
 Figura 27 - À direita, Parque Anna Laura.



Figura 28 - À esquerda, parque infantil com brinquedos.
 Figura 29 - À direita, banheiros.



Figura 30 - À esquerda, quadra poliesportiva.
 Figura 31 - À direita, quadra de tênis.



Figura 32 - À esquerda, parcão.
 Figura 33 - À direita, pista de cooper e ciclovia.



Figura 34 - À esquerda, pavilhão coberto.
 Figura 35 - À direita, caminho central visto da entrada principal.



Figura 36 - À esquerda, caminho central e campo de futebol.
 Figura 37 - À direita, campo de futebol.



Figura 38 - À esquerda, academia do Recife.
 Figura 39 - À direita, entrada e nome do Parque Santana.



(Fonte da Figura 16 à Figura 39: a autora, set. 2020)

Da figura 16 à figura 39 temos fotografias internas do Parque Santana. Através dessas imagens, observamos um parque limpo, bem cuidado, com infraestrutura adequada e boa vegetação. Vemos pessoas utilizando o espaço público, fazendo exercícios, andando de skate, conversando, sentadas. As fotografias foram tiradas em um dia de sábado, no meio da tarde.

2.2 ASPECTOS SOCIAIS DO PARQUE E SEU ENTORNO

Santana é um bairro com renda variável entre média e alta, e é separado pelo rio de um bairro tradicional, mas com renda que varia entre média e baixa, o bairro da Torre, que engloba a Vila Santa Luzia, comunidade esta que está diretamente ligada ao parque pela ponte.

De acordo com o CENSO demográfico 2010 – IBGE, disponíveis no site oficial da prefeitura da cidade do Recife (PREFEITURA DO RECIFE⁷, c2020), os dados socioeconômicos de ambos os bairros demonstram certa diferença social entre seus moradores. Comprova-se que o Bairro de Santana encontra-se em uma região socialmente privilegiada em relação ao Bairro da Torre, e principalmente em relação à Vila Santa Luzia, comunidade circunscrita no segundo bairro:

Tabela 1 - Dados sobre o bairro Santana.

Santana

Localização: RPA 3, Microrregião: 3.1, Distância do Marco Zero (km): 5,55

Área Territorial (hectare): 47,0

População Residente:	3.054 habitantes	
População por sexo	nº pessoas	%
Masculina	1.376	45,06
Feminina	1.678	54,94
População por faixa etária	hab	%
0 – 4 anos	176	5,44
5 – 14 anos	331	10,84
15 – 17 anos	101	3,31
18 – 24 anos	325	10,67
25 – 59 anos	1.605	52,55
60 anos e mais	525	17,19
População por cor ou raça		
Branca	66,4	
Preta	4,91	

⁷ Disponível em: < <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/perfil-dos-bairros>>. Acesso em 09 out 2020.

Parda	28,2
Amarela	0,39
Indígena	0,1
Taxa de Alfabetização da População de 10 anos e mais (%): 97,6	
Taxa Média Geométrica de Crescimento Anual da População (2000/2010): 2,28 %	
Densidade Demográfica (habitante/hectare): 64,65	
Domicílios (nº): 978	
Média de moradores por domicílio (habitante/domicílio): 3,1	
Proporção de Mulheres Responsáveis pelo Domicílio (%): 38,96	
Valor do Rendimento Nominal Médio Mensal dos Domicílios: R\$ 9.040,76	

(fonte: PREFEITURA DO RECIFE⁶, c2020)

Tabela 2 - Dados sobre o bairro Torre.

Torre

Localização: RPA 4, Microrregião: 4.1, Distância do Marco Zero (km): 4,80

Área Territorial (hectare): 117,00

População Residente:	17.903 habitantes	
População por sexo	nº pessoas	%
Masculina	7.919	44,23
Feminina	9.984	55,77
População por faixa etária	hab	%
0 – 4 anos	1.020	5,7
5 – 14 anos	2.115	11,81
15 – 17 anos	704	3,93
18 – 24 anos	2.252	12,58
25 – 59 anos	5.581	53,52
60 anos e mais	2.232	12,46
População por cor ou raça		
Branca	55,64	
Preta	5,36	
Parda	37,85	
Amarela	1,03	

Indígena	0,12
Taxa de Alfabetização da População de 10 anos e mais (%): 94,9	
Taxa Média Geométrica de Crescimento Anual da População (2000/2010): 0,56%	
Densidade Demográfica (habitante/hectare): 152,68	
Domicílios (nº): 5,941	
Média de moradores por domicílio (habitante/domicílio): 3,0	
Proporção de Mulheres Responsáveis pelo Domicílio (%): 48,56	
Valor do Rendimento Nominal Médio Mensal dos Domicílios: R\$ 4,827,09	

(fonte: PREFEITURA DO RECIFE⁶, c2020)

Para analisarmos os dados, precisamos inicialmente destacar que a Vila Santa Luzia, diretamente ligada ao Parque Santana pela ponte, é um recorte de toda a região do bairro da Torre. A região da Vila Santa Luzia apresenta uma área similar a do bairro Santana.

Podemos observar que o valor do rendimento nominal médio mensal dos domicílios varia consideravelmente entre ambos os bairros, apresentando a média de R\$ 9.040,76 no Santana e R\$ 4.827,09 na Torre, considerando que os dados são do último CENSO realizado no Brasil, em 2000. Isso nos mostra que os moradores de Santana estão economicamente favorecidos. Destacando-se o fato de que a Vila Santa Luzia foge ainda mais ao padrão socioeconômico da Torre, apresentando-se mais baixo do que o do próprio bairro que está inscrita.

Nota-se uma grande diferença na densidade demográfica, sendo uma quantidade de 64,65 habitantes por hectare no Santana e 152,68 habitantes por hectare na Torre, o que demonstra que a população da Torre, além de economicamente desfavorecida, é maior. Nota-se, ainda, uma pequena variação na porcentagem de cor ou raça entre os grupos, tendo o Santana 66,4% de pessoas brancas, 4,91% de pessoas pretas, e 28,2% de pessoas parda; e a Torre 55,64% de

peças brancas, 5,36% de peças pretas e 37,85% de peças pardas. Uma diferença de aproximadamente 10% entre os índices de peças brancas, e pretas.

Enfim, fica claro que o bairro Santana, além de ter uma densidade populacional menor, tem uma população composta principalmente por peças com rendas mais altas, prioritariamente brancas, enquanto que o bairro da Torre, que inclui a Vila Santa Luzia, possui uma densidade populacional cerca de 2,4x maior, com peças de renda relativamente menor.

Apesar da oferta diversificada de equipamentos, o Parque Santana Ariano Suassuna demorou muito a ser reconhecido pela população recifense como uma possibilidade de espaço de lazer segura. Por muito tempo o parque foi alvo de denúncias de assaltos frequentes, relatos que se espalharam pela cidade e que ainda são referência para parte da população.

Hoje, apesar de ainda apresentar um volume de usuários inferior a outros parques da cidade, possui visitantes, mas ainda assim não atinge os níveis de habitantes/m² indicados pela *National Recreation and Park Association*. No final da tarde as quadras poliesportivas e a pista de caminhada são ocupadas por usuários que permanecem no parque até o final da noite. O horário de funcionamento vai das 5:00h às 23:00h, horário que funciona bem para os moradores do entorno que necessitam cruzar a Ponte Emocy Krause, e conseqüentemente o Parque Santana, todos os dias com destino a suas moradias ou trabalhos. A grande maioria circula a pé ou de bicicleta. O parque possui paraciclos e estacionamento externo, que esporadicamente é utilizado para a realização de eventos gastronômicos.

Tabela 3 - Resumo da quantidade de usuários no parque por dias da semana

PARQUE	TURNO	MAPEAMENTO DE USUÁRIOS			QUANTIDADE DE USUÁRIOS POR SEMANA	MÉDIA USUÁRIOS / DIA
		QUANTIDADE DE USUÁRIOS				
		DIA COMERCIAL	SÁBADO	DOMINGO		
SANTANA	MANHÃ	175	621	906	9,370	1,339
	TARDE	301	763	784		
	NOITE	563	507	594		
	USUÁRIOS / DIA	1,039	1,891	2,284		

(fonte: Raquel Meneses, 2018.)

Tabela 4 - Relação entre áreas dos parques, áreas de alcance e quantidade de habitantes atendidos.

RECOMENDAÇÕES NRPA PARA DIMENSIONAMENTO E DISTRIBUIÇÃO DE PARQUES							
		PARQUE DISTRITAL URBANO DISTRITAL / NRPA (ALCANCE MÍNIMO = 1.600m)			PARQUE DISTRITAL URBANO DISTRITAL / NRPA (ALCANCE MÁXIMO = 4.800m)		
PARQUES URBANOS	ÁREA DO PARQUE (m ²)	QUANTIDADE DE HABITANTES NA ÁREA DE ALCANCE MÁXIMO (1600m)	RECOMENDAÇÃO DE ÁREA (m ²) MÍNIMA / HAB NA ÁREA DE ALCANCE	ÁREA DE PARQUE RECOMENDADA (m ²)	QUANTIDADE DE HABITANTES NA ÁREA DE ALCANCE MÁXIMO (4800m)	RECOMENDAÇÃO DE ÁREA (m ²) MÍNIMA / HAB NA ÁREA DE ALCANCE	ÁREA DE PARQUE RECOMENDADA (m ²)
PARQUE SANTANA	54,912.32	3,004.00	20.00	60,080.00	32,888.00	20.00	657,760.00

(fonte: Raquel Meneses, 2018.)

De acordo com as tabelas anteriores, onde temos o número médio de usuários no Parque Santana na ordem do milhar, e a quantidade geral de habitantes recomendados para a utilização de parques por área de alcance, respectivamente, podemos perceber que a média de usuários do Parque Santana é menor do que o esperado. Mostra-se que o número de usuários frequentando o parque Santana é de 1.339 pessoas ao dia, se mostrando bem menor do que o recomendado pela *NRPA - NATIONAL PARKS CONSERVATION ASSOCIATION*, que é de 3.004 pessoas, de acordo com o tamanho do parque. A NRPA é uma organização dedicada à defesa de direitos em nome do sistema de parques. Sua missão é proteger e melhorar o sistema de parques nacionais da América para as gerações presentes e futuras.

As tabelas de 3 à 6 apresentam dados coletados em questionários realizados por Raquel Meneses (2018) e foram analisados utilizando o software de correlação canônica IBM SPSS Text Analytics for Surveys, capaz de relacionar diferentes categorias de dados qualitativos. Em resumo, foi realizado o cálculo da média simples das respostas dos entrevistados a cada pergunta, e assim, foram correlacionadas as outras opções de respostas e as frequências com que apareciam, sabendo quais eram as respostas mais escolhidas e as menos, em relação à média geral.

Tabela 5 - Renda familiar dos usuários do Parque Santana.

Qual a sua renda familiar?		SANTANA
SEM RENDIMENTO	Pearson Correlation	-.103
	Sig. (2-tailed)	.113
	N	238
ATÉ 1 SALÁRIO MÍNIMO	Pearson Correlation	.242**
	Sig. (2-tailed)	.000
	N	238
ENTRE 1 E 3 SALÁRIOS MÍNIMOS	Pearson Correlation	-.032
	Sig. (2-tailed)	.627
	N	238
ENTRE 3 E 5 SALÁRIOS MÍNIMOS	Pearson Correlation	.028
	Sig. (2-tailed)	.669
	N	238
ENTRE 5 E 10 SALÁRIOS MÍNIMOS	Pearson Correlation	-.158*
	Sig. (2-tailed)	.015
	N	238
ENTRE 10 E 15 SALÁRIOS MÍNIMOS	Pearson Correlation	.008
	Sig. (2-tailed)	.903
	N	238
ENTRE 15 E 20 SALÁRIOS MÍNIMOS	Pearson Correlation	-.016
	Sig. (2-tailed)	.803
	N	238
ACIMA DE 20 SALÁRIOS MÍNIMOS	Pearson Correlation	-.034
	Sig. (2-tailed)	.603
	N	238

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).
* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

(fonte: Raquel Meneses, 2018.)

Percebe-se que o perfil dos usuários do Parque Santana Ariano Suassuna é predominantemente homogêneo, identificando-se uma população de classe social com renda mais baixa, principalmente que ganham até um salário mínimo, apesar de o Parque Santana estar localizado entre bairros de classe social com renda mais alta e média, como mencionado anteriormente.

Tabela 6 - Correlação entre renda familiar e parques.

Escolaridade	SANTANA	
SEM ESCOLARIDADE	Pearson Correlation	.039
	Sig. (2-tailed)	.539
	N	246
ENSINO FUNDAMENTAL	Pearson Correlation	.002
	Sig. (2-tailed)	.969
	N	246
ENSINO MÉDIO	Pearson Correlation	.077
	Sig. (2-tailed)	.226
	N	246
TÉCNICO OU SUPERIOR	Pearson Correlation	-.053
	Sig. (2-tailed)	.405
	N	246
PÓS-GRADUAÇÃO	Pearson Correlation	-.031
	Sig. (2-tailed)	.626
	N	246

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).
* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

(fonte: Raquel Meneses, 2018.)

A escolaridade, que está diretamente ligada à renda, também é um indicativo sobre o perfil dos usuários que, no caso do Parque Santana Ariano Suassuna, circula entre a população de classe social baixa, como podemos notar pela tabela 3. A tabela 4 nos mostra que a maioria dos usuários estudou até o ensino médio, seguido da opção sem escolaridade. E a minoria possui pós-graduação.

Tabela 7 - Tabela de correlações entre parques e motivações para visita dos usuários.

Dentre os vários motivos, qual o principal aspecto que o leva a escolher este parque?		
SANTANA		
SENSAÇÃO DE SEGURANÇA	Pearson Correlation	-.051
	Sig. (2-tailed)	.383
	N	290
ESTACIONAMENTO	Pearson Correlation	.073
	Sig. (2-tailed)	.216
	N	290
DIVERSIDADE DE ATIVIDADES E EQUIPAMENTOS	Pearson Correlation	.209**
	Sig. (2-tailed)	.000
	N	290
PERMISSÃO DE ANIMAIS	Pearson Correlation	.181**
	Sig. (2-tailed)	.002
	N	290
VEGETAÇÃO E SOMBRA	Pearson Correlation	-.158**
	Sig. (2-tailed)	.007
	N	290
PROXIMIDADE À MORADIA OU OUTRAS ATIVIDADES	Pearson Correlation	-.023
	Sig. (2-tailed)	.699
	N	290
FACILIDADE DE ACESSO	Pearson Correlation	-.039
	Sig. (2-tailed)	.511
	N	290
TRANQUILIDADE	Pearson Correlation	-.009
	Sig. (2-tailed)	.877
	N	290
VITALIDADE	Pearson Correlation	-.066
	Sig. (2-tailed)	.263
	N	290

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).
 **. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

(fonte: Raquel Meneses, 2018.)

Percebemos, também, que as principais motivações dos visitantes do Parque Santana giram em torno da diversidade de atividades e equipamentos, e da permissão de animais – o parque conta com um parcão interno. Enquanto que as respostas que menos aparecem como motivação de visita ao parque são a vitalidade e a sensação de segurança.

2.3 ANÁLISE FÍSICO-ESPACIAL

Observamos, no mapa a seguir, a delimitação do bairro Santana (em azul) e da Vila Santa Luzia (em amarelo), além do próprio Parque Santana (em verde) e a Ponte Emocy Krause (em laranja).

Figura 40 - Mapa com entorno do Parque Santana.



Legenda:

 Parque Santana	 Limites da Vila Santa Luzia
 Ponte Emocy Krause	 Limites do Bairro de Santana

(fonte: ESIG⁸, 2020c.)

⁸ Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br/ESIG/>>. Acesso em 18 ago 2020.

Figura 41 - Mapa da estrutura viária do entorno do Parque Santana.



Segundo o site da CTTU¹⁰, e mapas e estudos produzidos por Pedro Guedes, da Associação Metropolitana de Ciclistas do Grande Recife – AMECICLO, podemos observar que o Parque Santana encontra-se relativamente distante das principais vias arteriais da cidade, sendo delimitado apenas por vias locais em seu entorno imediato e proximidades. Este fato indica que ele possivelmente é pouco visto, considerando que os maiores corredores viários, onde circulam o maior número de veículos, e consequentemente de pessoas, não o rodeiam diretamente.

⁹ Disponível em: < <https://plguedes.carto.com/>>. Acesso em 03 set 2020.

¹⁰ Disponível em: <<https://ctu.recife.pe.gov.br/sistema-viario>>. Acesso em 03 set 2020.

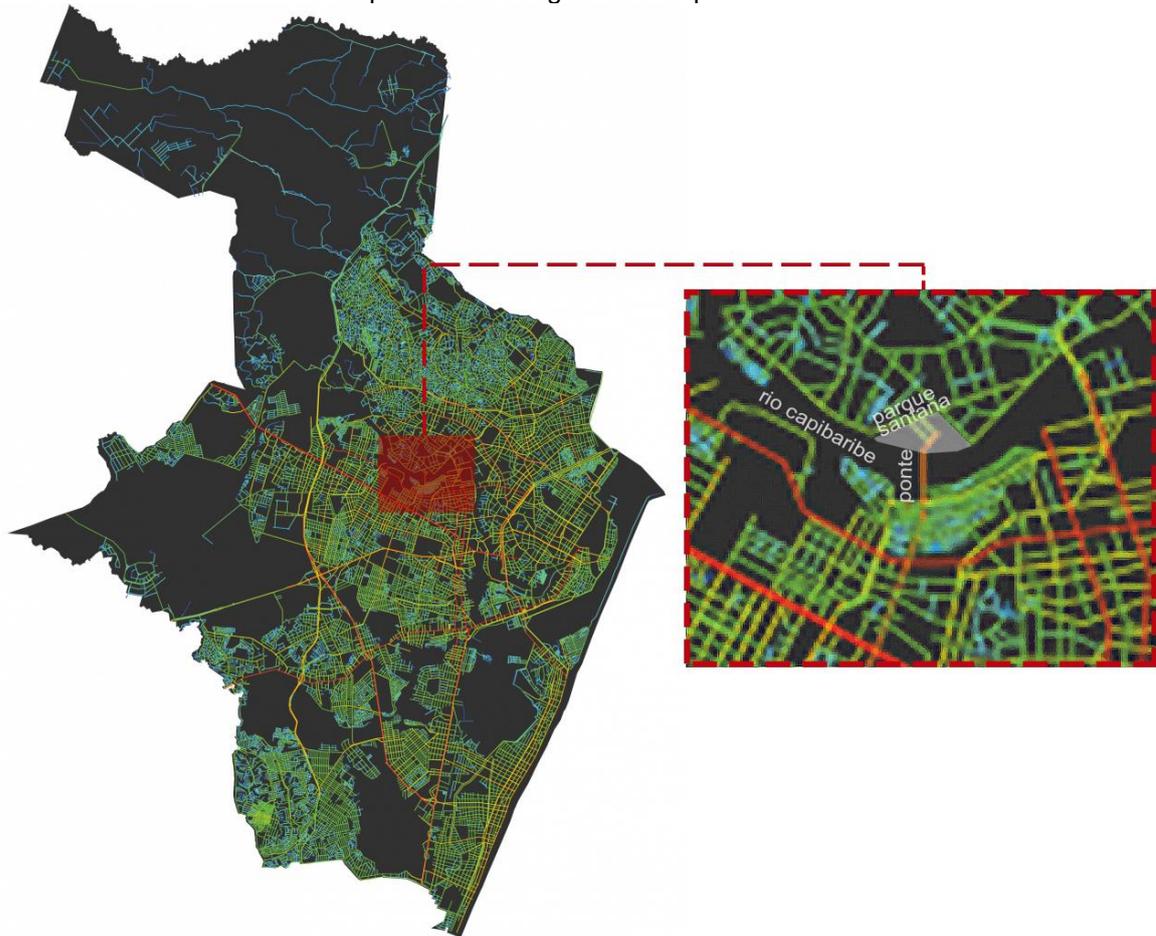
Figura 42 - Manchete da inauguração da ponte Emocy Krause.



(fonte: Diário da Manhã. 28.05.1980)

Um aspecto importante a ser considerado é a ponte para pedestres e ciclistas Emocy Krause, inaugurada em 1980, antes da construção do parque. A ponte é bastante utilizada, principalmente pelos moradores da comunidade Santa Luzia, que a atravessam diariamente como caminho de acesso aos bairros da outra margem do rio Capibaribe. A ponte representa um importante vetor de vitalidade para o parque, pois permite que as pessoas estejam neste espaço público, mesmo que de forma rápida para atravessá-lo.

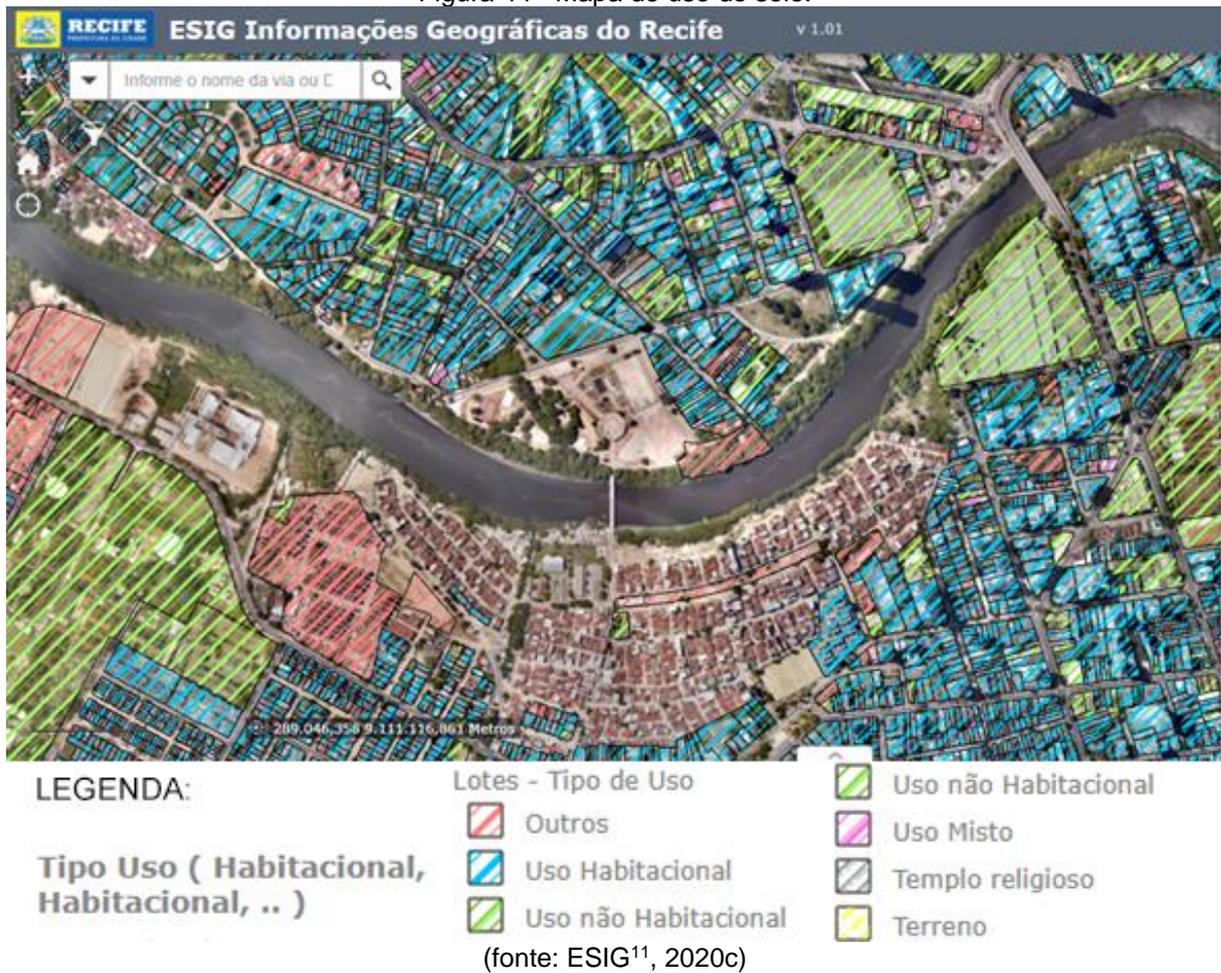
Figura 43 - Mapa de sintaxe espacial mostrando a integração local das ruas da cidade do Recife, ampliando-se a região do Parque Santana.



(Fonte: produzido pela autora com base em mapas cedidos pelo inciti/ufpe)

Através da análise de sintaxe espacial, podemos observar, no mapa de integração local, que nos mostra quais as ruas mais e menos integradas entre si localmente, que a ponte – a linha no centro do mapa ampliado – é de cor laranja, o que indica um nível maior de integração do que todas as outras linhas axiais de cor azul e verde. O índice mostra que a cor azul representa as ruas menos integradas, seguida das verdes, amarelas, laranjas e vermelhas, sequencialmente. Depois das vias de alta circulação, com nível hierárquico maior, a ponte destaca-se como via de maior integração local da região, um fato importante a ser destacado.

Figura 44 - Mapa de uso do solo.



Como observamos no mapa da figura 44, a grande maioria dos usos do entorno do parque é de tipo habitacional, o que indica que existe sim a presença de pessoas vivendo no local, porém, como veremos no mapa a seguir (figura 45), os usos diversos, como padarias, lanchonetes, supermercados, hospitais, etc, não são tão fortes, mostrando-se pontuais em alguns lotes distantes do parque. Justamente os usos que atraem o fluxo de pessoas circulando nas ruas, indo e vindo, são menores, e esse fato pode acarretar uma quantidade menor de pessoas pelas ruas diariamente, ou em horários flexíveis ao longo do dia.

¹¹ Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br/ESIG/>>. Acesso em 18 ago 2020

Figura 45 - Mapa de usos diversos.

**LEGENDA:****LANCHONETES, BARES E RESTAURANTES:**

- Lanchonetes e Serviços de Alimentação (fast-food)
- Restaurantes
- Bares

MERCADOS EM GERAL E PADARIAS:

- Padarias e Panificadoras
- Minimercados, Mercenarias e Armazens Bares
- Supermercados e Hipermercados

SERVIÇOS:

- Comércio de gás GLP
- Posto de combustível
- Hospitais
- Clínicas
- Escolas
- Estacionamentos
- Cemitérios

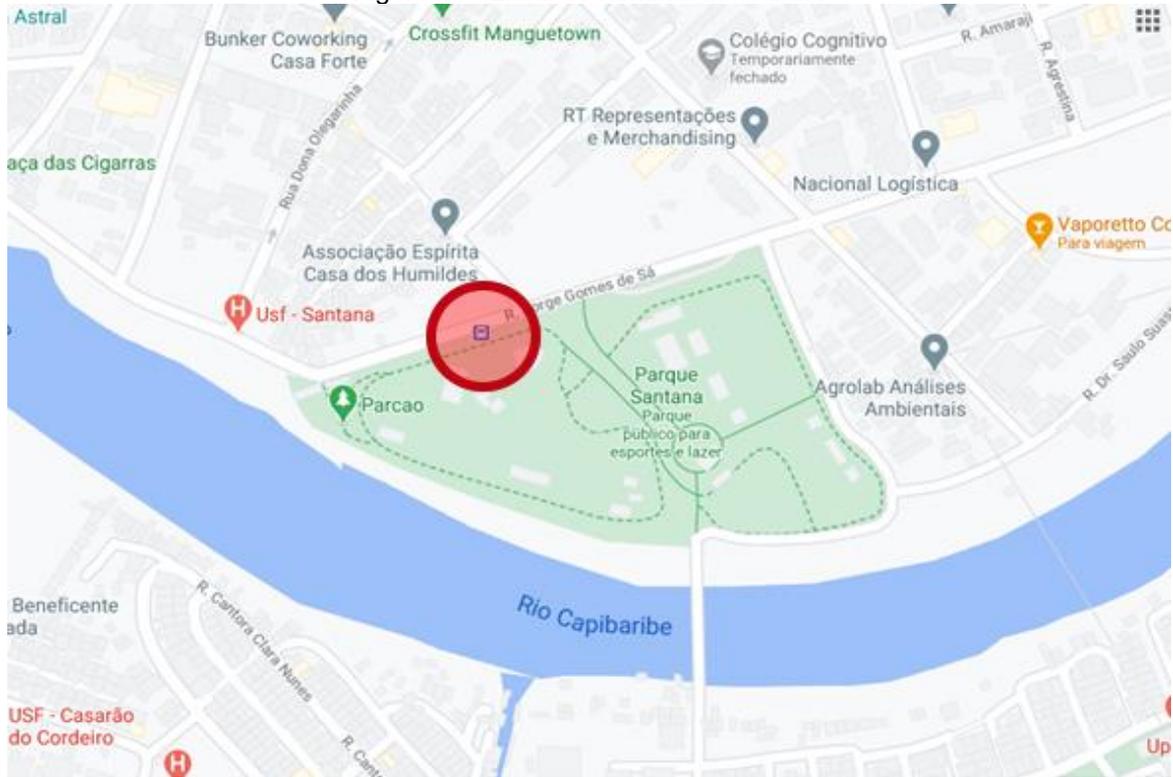
(fonte: ESIG¹², 2020c)

A rua de acesso principal do Parque Santana conta com um terminal de ônibus (circunferência vermelha na figura 46), porém abastecido apenas por uma única linha, a 411 – Plaza Shopping (Dantas Barreto), que faz seu percurso até o centro da cidade

¹² Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br/ESIG/>>. Acesso em 18 ago 2020

e volta, com intervalos que variam entre 40min e 1h (ver figura 47). As paradas de ônibus mais próximas, além dessa, encontram-se na Av. Dezanete de Agosto, a 600m do parque.

Figura 46 - Local do terminal de ônibus.



(fonte: google maps)

Figura 47 - Horário da linha de ônibus 411.

ITINERÁRIO | HORÁRIOS X LINHA

Código:

Linha:

QUADRO DE HORÁRIOS (PARTIDA DO TERMINAL)

Colocando o mouse sobre o horário sublinhado, será exibido o seu respectivo atendimento.

DIA ÚTIL - Em vigor desde 08/09/2020						
<u>05:00</u>	<u>05:40</u>	<u>06:25</u>	<u>07:10</u>	<u>08:00</u>	<u>09:00</u>	<u>10:00</u>
<u>11:00</u>	<u>11:50</u>	<u>12:40</u>	<u>13:30</u>	<u>14:20</u>	<u>15:10</u>	<u>16:00</u>
<u>17:00</u>	<u>18:00</u>	<u>19:00</u>	<u>20:00</u>	<u>21:00</u>		

(fonte: grande recife¹³)

¹³ Disponível em: < <https://www.granderecife.pe.gov.br> > . Acesso em 20 ago 2020

Figura 48 - Vista da parada de ônibus na rua de acesso do Parque Santana.
Figura 49 - Vista da parada de ônibus na rua de acesso do Parque Santana.



(Fonte das figuras 48 e 49: google street view.)

No caso do Parque Santana, entrecruzando as informações citadas neste capítulo, como a ausência de vias arteriais fortes em seu entorno; a pouca variação de usos do lugar, com poucos pontos comerciais e de serviços; a pouca oferta de transporte público; além de um entorno aparentemente descuidado; acreditamos que exista uma baixa circulação de pessoas nas ruas de entorno do parque, tornando-o pouco visto, o que influencia e dificulta a relação de proximidade com o lugar. Se as pessoas não o veem, ou o veem pouco, elas muito provavelmente têm uma dificuldade maior de reconhecê-lo enquanto lugar, enquanto ambiente conhecido, seguro e agradável. Cita-se, ainda, enquanto percepção social, uma desigualdade socioeconomicamente evidente na população geral do entorno, provocando uma coexistência, que deveria ser encarada como natural, entre pessoas de classe social diversificadas dentro deste mesmo espaço público.

3 PARTE 2 – O ESPAÇO PÚBLICO E SUA IMAGEM

Este capítulo traz definições conceituais acerca das principais categorias de análise utilizadas, nos auxiliando a compreender como é constituída a imagem de um espaço público, em especial o caso do Parque Santana. Temos aqui conceitos sobre espaços livres públicos na contemporaneidade, que nos esclarecem a essência de um espaço público e sua diferença de um espaço urbano, incluindo a ideia da sensação generalizada de medo da violência nas grandes cidades, que permeia esses espaços livres públicos. Temos também conceitos acerca da constituição e da construção da imagem atribuída ao lugar e do imaginário coletivo urbano, trazendo ainda a configuração física como contribuição para esse imaginário.

3.1 ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS NA CONTEMPORANEIDADE

Aqui, nos concentramos no conceito de espaço público relacionado à ideia de espaço social de encontro e troca, que compreende as atividades de uma sociedade humana. Trabalhamos o espaço público para além de sua materialidade, compreendendo também suas relações sociais. Segundo Guy Tapie (2018, p.372), “a ocupação de um território não é devida estritamente às condições naturais, mas às estruturas sociais e culturais de uma sociedade”. E Ângelo Serpa (2007, p.16) fala que “apropriação social dos espaços públicos urbanos tem implicações que ultrapassam o design”.

O espaço livre público não se delimita apenas por ruas, quadras, bairros, ele acontece para além de sua configuração física. Depende inteiramente da vivência humana para que exista como tal. Sem a ação humana e suas trocas sociais o espaço seria tido apenas como físico, e Rogério Proença Leite (2002) esclarece a distinção entre espaço urbano e espaço público, quando fala da dimensão sociológica que contempla o espaço público, atribuindo-lhe sentido a partir dos usos e das ações das pessoas:

“Podemos, assim, entender o espaço público como uma categoria construída a partir das interfaces entre os conceitos de esfera pública (do qual retira a categoria ação) e de espaço urbano (do qual retém a

sua referência espacial). Embora o espaço público se constitua, na maioria das vezes, no espaço urbano, devemos entendê-lo como algo que ultrapassa a rua; como uma dimensão socioespacial da vida urbana, caracterizada fundamentalmente pelas ações que atribuem sentidos a certos espaços da cidade e são por eles influenciadas. Não sendo necessariamente todo espaço urbano um espaço público, há de se verificar quando um espaço urbano pode ser caracterizado como público.” (LEITE, R.P., 2002, p.116).

Além das ações propriamente ditas que se desenvolvem no espaço público, Leite (2002) fala ainda das trocas sociais e da ideia política de confronto das diferenças:

“Um espaço urbano somente se constitui em um espaço público quando nele se conjugam certas configurações espaciais e um conjunto de ações. Quando as ações atribuem sentidos de lugar e pertencimento a certos espaços urbanos, e, de outro modo, essas espacialidades incidem igualmente na construção de sentidos para as ações, os espaços urbanos podem se constituir como espaços públicos: locais onde as diferenças se publicizam e se confrontam politicamente.” (LEITE, R.P., 2002, p.116).

Sobre esse confronto dos desiguais, Guy Tapie (2018, p.375) diz que a cidade é “um mosaico de territórios no qual a identidade de cada elemento é marcada por um grupo social ou étnico dominante”. Porém, “inversamente, a cidade admite miscigenação cultural, formas de emancipação política, uma tolerância do outro e do marginal, uma coabitação física, pacífica, entre grupos sociais e étnicos.” (*op. cit.*, p.375).

Ângelo Serpa (2007), em seu livro “O espaço público na cidade contemporânea”, também fala desse confronto e dessas trocas sociais quando afirma que “identidades constroem-se sempre a partir do reconhecimento de uma alteridade. Isso, no entanto, só pode acontecer onde há interação, transações, relações ou contatos entre grupos diferentes.” (SERPA, 2007, p.20), e essas trocas acontecem justamente na esfera social, no espaço livre público. E diz, ainda, que “diferença e desigualdade vão se articular no processo de apropriação espacial” (*op.cit.*, 2007, p.10). Sendo comum e normal a coexistência de diferentes grupos sociais no mesmo espaço público. Isso demonstra que a cidade contém, por sua própria essência, uma característica fundamental: permite conectar locais e pessoas de todo tipo e procedência, em qualquer momento. E o espaço mais abrangente da cidade é justamente o espaço

livre público, que facilita o intercâmbio mais heterogêneo em tempo, espaço, idade, gênero, crenças e nacionalidade.

O espaço público é um lugar aberto, de acesso irrestrito, um ponto estruturante da malha urbana e confluência de vários caminhos e lugares, é um espaço de passagem e de permanência, construído por diversos agentes, quer na sua forma material ou vivencial. O espaço público é uma estrutura e estratégia de forma caracterizada pelos seus elementos constituintes (que o individualizam), social e economicamente. (NARCISO, 2009, p. 268).

Como apontam Serpa (2007) e Narciso (2009), o espaço livre público não é solidificado de modo involuntário, mas sim envolvendo vários elementos físico-espaciais e, sobretudo, sociais. Tapie (2018) complementa: “O território, o espaço, o lugar, as construções e sua organização revelam o social, os poderes, e carregam identidades, normas, processos de aprendizagem dos comportamentos e atitudes.” (TAPIE, 2018, p.374). Guy Tapie diz que “o espaço é o reflexo ativo de desigualdades espaciais e sociais” (TAPIE, 2018, p.377). Portanto, além de carregar significados e representações espaciais, sociais e políticas do contexto que o reproduz, os traços delineadores do espaço físico também individualizam e marcam determinadas definições através dos elementos que o compõem.

E ainda, o espaço público pode ser analisado em diferentes escalas, desde a rua, calçadas, até espaços mais acolhedores e abrangentes, como por exemplo, praças e parques, sendo esta última a escala de espaço público que tratamos. Finalmente, é preciso esclarecer que compreendemos o Parque Santana como espaço público para a ação social e palco para manifestação de diferentes realidades sociais no contexto urbano, sendo essencialmente público e aberto às trocas e ao encontro dos desiguais. Sabemos que existem questões a serem consideradas sob a ótica da convivência de diferentes classes sociais no mesmo espaço, podendo até ser encarada como uma problemática a ser questionada por alguns autores, como a questão do preconceito social, mas decidimos não focar nestes desdobramentos no presente trabalho, por serem conceitos complexos e extensos.

Dito isto, precisamos falar também dos sentimentos de medo e insegurança, que com o passar dos anos, têm se tornado cada vez mais comuns entre a população das grandes cidades. Muito se ouve falar em relação ao temor das pessoas com o que pode vir a acontecer no espaço público, espaço esse que é considerado público a partir da inter-relação do espaço urbano aberto com as pessoas que o vivenciam. Tal temor é principalmente no sentido da violência urbana, em especial nos grandes centros urbanos.

O aumento desses sentimentos está muito provavelmente vinculado a “um conjunto de transformações sociais e urbanas, como o crescimento dos índices de violência, o tráfico de drogas, a prevalência de altos índices de desigualdades sociais, a segregação socioespacial” (ARANTES, 2015, p.45), entre outros aspectos. Alguns impactos decorrem dessa realidade, como a autosegregação residencial, principalmente entre os grupos de classe social de média e alta renda; e a constituição de uma imagem de medo, desconfiança e receio em relação aos outros sujeitos urbanos e ao espaço livre público.

Tais sentimentos se distribuem mais igualmente entre as pessoas do que a insegurança real da população, em função da agência dos meios de comunicação e dos rumores sobre casos reais de violência. Isso faz com que subjetivamente a sensação de medo se manifeste de maneira similar entre grupos vitimizados e não vitimizados. (BRICEÑO-LEON, 2007, *apud* ARANTES, 2015, p.46)

O sentimento de medo, dessa forma, ganha certa autonomia frente à violência real, e faz com que as pessoas sintam-se inseguras nos espaços públicos da cidade, que passam a ser temidos, abandonados e, por vezes, privatizados. E esse fato pode ocorrer, muitas vezes, mesmo sem uma confirmação real dos índices de violência do local. Com a rejeição ao espaço público, cresce a busca pela falsa sensação de segurança oferecida pelos grandes condomínios fechados, conforme afirma Tereza Caldeira (2000) em seu livro *A Cidade de Muros*, sobre esses empreendimentos imobiliários:

As transformações recentes estão gerando espaços nos quais os diferentes grupos sociais estão muitas vezes próximos, mas estão separados por muros e tecnologias de segurança, e tendem a não circular ou interagir em áreas comuns. O principal instrumento desse novo padrão de segregação espacial é o que chamo de ‘enclaves

fortificados'. Trata-se de espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho. A sua principal justificação é o medo do crime violento. (CALDEIRA, 2000, p.211).

A construção desses enclaves fortificados é extremamente ruim para a cidadania e vida pública porque, além de aumentar a fragmentação das cidades, a essência das cidades muda, é diminuído o uso dos espaços públicos, assim como a participação dos cidadãos na esfera da vida pública, promovendo um esvaziamento das ruas e uma segregação social perceptível.

Promove a separação e a ideia de que os grupos sociais devem viver em enclaves homogêneos, isolados daqueles percebidos como diferentes. Consequentemente, o novo padrão de segregação espacial serve de base a um novo tipo de esfera pública que acentua as diferenças de classe e as estratégias de separação. (CALDEIRA, 2000.)

A sensação de medo na contemporaneidade é discutida também por Bauman em seu livro *Confiança e Medo na Cidade*, quando diz que “nos últimos anos, (...) a forte tendência a sentir medo e a obsessão maníaca por segurança fizeram a mais espetacular das carreiras”. (BAUMAN, 2009, p.8) e que “a insegurança e a ideia de que o perigo está em toda parte são inerentes a essa sociedade” (*op. cit.*, p.9).

Bauman (2009) atribui esse medo constante, entre outros aspectos, a uma culpabilização que o ser humano delibera a alguém ou alguma coisa, quando fala que estamos sempre em busca de proteção e vantagens à altura de nossas expectativas, e quando a realidade não atinge o esperado, buscamos um culpado por nossas frustrações.

A aguda e crônica experiência da insegurança é um efeito colateral da convicção de que, com as capacidades adequadas e os esforços necessários, é possível obter uma segurança completa. Quando percebemos que não iremos alcançá-la, só conseguimos explicar o fracasso imaginando que ele se deve a um ato mau e premeditado, o que implica a existência de algum delinqüente. (BAUMAN, 2009, p.9).

Bauman (2009, p.9) fala, ainda, que boa parte desse sentimento de insegurança decorre, em suas diversas manifestações, “pela suspeita dos outros e de suas intenções, quando não conseguimos confiar na constância e na regularidade da solidariedade humana”. E destaca os problemas socioespaciais que esse sentimento de medo acarreta, quando afirma que mundialmente começam a evidenciarem-se certas zonas dentro das cidades nos quais percebemos um crescente afastamento entre as pessoas, mesmo que vizinhas fisicamente.

A segregação das novas elites globais; seu afastamento dos compromissos que tinham com o *populus* do local no passado; a distância crescente entre os espaços onde vivem os separatistas e o espaço onde habitam os que foram deixados para trás; estas são provavelmente as mais significativas das tendências sociais, culturais e políticas associadas à passagem da fase sólida para a fase líquida da modernidade. (BAUMAN, 2009, p.15)

Fica evidente, então, que as inseguranças e os sentimentos derivados do medo generalizado em crescimento constante entre a população das grandes cidades, inclusive as brasileiras, acarretam problemas socioespaciais perceptíveis. Problemas esses que causam impactos sociais e urbanos diretamente relacionados e que influenciam a apropriação social dos nossos espaços públicos, desde a rua, calçada, às praças e parques.

3.2 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM E O IMAGINÁRIO COLETIVO URBANO

Para compreendermos como a imagem atribuída ao lugar pode influenciar na apropriação social do mesmo, faremos uma explanação sobre a ideia de imaginário urbano coletivo, onde consideramos por “imaginário coletivo” o conjunto de imagens e relações de imagens acerca de determinado objeto/lugar (DURAND, 1989), e por “imagem” as representações sociais que incorporam, além das imagens visuais, a dimensão simbólica e cultural deste lugar. Acreditamos que a imagem de uma cidade abarca tanto sua estrutura física, como sua dimensão estética, cultural, e social.

A construção de um imaginário coletivo urbano é um assunto amplo, que abrange diversas teorias e autores. Trazemos aqui Armando Silva (1992), que

desenvolveu uma interpretação sobre esses imaginários urbanos formados a partir da imagem que os cidadãos constroem através das relações com a cidade. Seu olhar sobre a cidade se desdobra em três categorias, a cidade vista – fruto da interação de seus habitantes com o espaço visual, a cidade marcada – delimitada a partir de seus territórios, usos e funções atribuídas, e a cidade imaginada – construída a partir das representações evocadas da cidade, a qual daremos mais atenção. “Na percepção da cidade há um processo de seleção e reconhecimento que vai construindo esse objeto simbólico chamado cidade; e em todo símbolo ou simbolismo subsiste um componente imaginário.” (SILVA, 2006[1992], p.97, tradução nossa).

Silva fala que os imaginários são uma construção social da realidade, correspondendo a uma representação de construções coletivas. “Os imaginários sociais seriam precisamente aquelas representações coletivas que regem os sistemas de identificação social e que tornam visível a invisibilidade social.” (SILVA, 2006[1992], p.104, tradução nossa). Sendo o imaginário um conjunto de imagens que nascem do inconsciente coletivo, repletas de símbolos e significados. Entendemos como símbolo a imagem visual carregada de representações, que por sua vez possuem diversos significados. Essas representações e significados podem variar dependendo da construção social, cultural e individual de cada ser.

O símbolo é a consequência de que, na consciência humana, nada é simplesmente apresentado, mas representado. Desta forma as coisas existem, sem dúvida, mas dependem das imagens que se formam no pensamento, o que os torna símbolos. E eles terão ‘a coerência da percepção, da conceituação do juízo do raciocínio, pelo sentido que os impregna’ (DURAND, 1989). (SILVA, 2006[1992], p.92, tradução nossa.)

Acreditamos, ainda, que o imaginário se apresenta como real na medida em que gera um efeito social no público, conseqüentemente, não é uma ilusão diferente da realidade. O mundo vivido através do imaginário é real quando é determinado por suas formas de percepção, uso de objetos e apropriação de lugares. “O imaginário não é nem uma mentira nem um segredo, porque, ao contrário, é vivido como uma verdade profunda dos seres humanos, mesmo que não corresponda a fatos empiricamente verificáveis”. (SILVA, 2006[1992], p.97, tradução nossa.).

Assim, admitimos que a maneira que as pessoas enxergam determinados lugares influencia diretamente na forma com que se apropriarão deles. Se possuírem imagens cuja conotação é mais positiva, que represente um lugar bom, certamente o frequentarão com maior assiduidade do que um lugar que, para elas, é carregada de imagens ruins ou não tão boas. “O imaginário afeta, filtra e modela a nossa percepção da vida e tem grande impacto na elaboração dos relatos da cotidianidade (...). Os relatos urbanos focalizam a cidade gerando diferentes pontos de vista.” (SILVA, 2006[1992], p.106, tradução nossa).

E é a partir dessas ideias apresentadas que analisamos a construção de uma imagem coletiva acerca do Parque Santana, entendendo quais seus **símbolos, representações e significados**, e como essa imagem, juntamente a outros fatores, pode influenciar a apropriação desse espaço público.

Para compreendermos esses símbolos, o que eles representam e significam, adotamos como base uma adaptação do método “Arquétipo Teste do Lugar com 9 Elementos” (ATL-9), elaborado pela antropóloga Danielle Rocha Pitta a partir do “Arquétipo Teste de Nove Elementos (AT-9)”, desenvolvido pelo psicólogo francês Yves Durand, sobre a Teoria do Imaginário de Gilbert Durand. O AT-9 é basicamente um questionário que nos possibilita traçar a percepção do indivíduo sobre algo a partir de nove arquétipos universais (ou estímulos arquetípicos): a queda, o monstro devorador, a espada, o refúgio, o elemento cíclico, o personagem, a água, o animal, o fogo.

O teste ATL-9 baseia-se na ideia de que os arquétipos são universais, constantes, que ultrapassam as singularidades de diferentes culturas, sendo um “sistema de organização no qual as imagens se (re)agrupam e se organizam sob o método da convergência” (LEITE, PITTA, TETI, 2017, p.63). Os arquétipos são imagens que se originaram no inconsciente coletivo, sendo representados visualmente através de símbolos. Em outras palavras, os símbolos podem ser definidos como representações visíveis de ideias de tronco comum a todos, ideias essas que se tornam conscientes justamente por meio dessa representação visual.

As estruturas do imaginário foram sublocadas por Durand em duas: o regime diurno da imagem e o regime noturno da imagem, sendo o primeiro um divisor do espaço em opostos, e o segundo um elo para um espaço mais harmonioso.

De outra parte, são identificadas três estruturas do imaginário: i) as heroicas, que pertencem ao regime diurno, remetem a uma dominante postural, e se expressam pelo símbolo da elevação, da luz, do combate; ii) as místicas, que pertencem ao regime noturno, remetem a uma dominante digestiva, e expressam-se pela descida, pela intimidade; iii) e as sintéticas, que também pertencem ao regime noturno, remetem a uma dominante sexual, e se exprimem pelo simbolismo do ciclo e do progresso, em constante renovação. (LEITE, PITTA, TETI, 2017, p.63)

Segundo Loureiro (2004), a queda remete ao traumatismo do nascimento, a situação existencial do homem, a angústia humana, e representa, mais facilmente, o fim, a morte, do que a origem, a vida. O monstro devorador representa a noite inquietante, o tempo angustiante e simboliza a morte. A espada engloba níveis de agrupamentos de imagens simbólicas que formam as estruturas heroicas do imaginário. O refúgio, pertencente ao regime noturno das imagens, simboliza a proteção e o aconchego, pode representar lugar protetor, guardado, íntimo, recipiente, feminilidade maternal. O elemento cíclico, na maioria das vezes, sugere o imaginário sintético, mas pode flutuar entre o regime diurno e o noturno, entre o universo heroico, místico ou sintético, e representa uma ideia de progresso. A água, o animal e o fogo são considerados elementos complementares, com significados polivalentes. A água pode ser tanto negativa, como hostil, águas profundas, medo do desconhecido, como positiva, límpida, pura, protetora. O animal pode remeter a uma estrutura heroica, como certos pássaros, águia, ou algo de negativo, sintético, como uma serpente. O fogo também tem vários significados, pode tanto ser heroico, o calor, indispensável à vida, purificador, renovador, como pode ser negativo, remetendo a catástrofes, incêndios, vulcões. O personagem é ator da estória criada, pode ser um homem simples, um herói, um pastor, um cavaleiro medieval, caçador, masculino, feminino, plural, singular, pode ser um homem mau, legendário. O que define o sentido que tal arquétipo tem para o indivíduo é a forma que ele vai ser descrito ou representado, podendo variar seu sentido, dentro de certo universo.

A análise a partir desses elementos foi aplicada neste estudo, sendo incluída como categoria de análise nos questionários aplicados tanto a escolha do(s) símbolo(s) representativo(s) do parque, quanto a conotação que tal elemento possui (positiva x negativa), e uma pergunta aberta questionando o motivo de escolha, o significado e a representação de cada elemento em relação ao Parque Santana, para assim percebemos a relação de cada arquétipo aplicado diretamente ao parque.

Reafirmamos que dentro da discussão sobre a construção da imagem e do imaginário coletivo urbano são igualmente importantes tanto as percepções sociais e culturais da trajetória pessoal do indivíduo, quanto a localização geográfica e a configuração espacial e física dos lugares presentes na cidade.

3.3 A CONFIGURAÇÃO FÍSICA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO

Partimos aqui do pressuposto de que a inserção do Parque Santana dentro da malha urbana é um dos fatores que, além de ser peça fundamental na constituição de seu imaginário, pode também colaborar com sua não apropriação efetiva e plural. Não apenas por sua localização geográfica, mas pelas implicações que ela traz. O espaço urbano é uma estrutura concreta sobre a qual se elaboram as imagens e na qual se ancora o imaginário coletivo urbano.

A pouca visibilidade causada por essa localização acarreta a não percepção visual dos cidadãos que circulam pela cidade e contribui na construção de uma imagem de desconhecimento ou até de uma imagem negativa acerca do lugar. Quando o indivíduo não conhece de fato o ambiente, ele reproduz uma imagem coletivamente criada, sem uma opinião crítica e uma identificação pessoal verdadeiramente sua. Kevin Lynch, em seu livro “A imagem da cidade” (1989), fala sobre a imagem construída a partir da inserção do indivíduo dentro da malha urbana:

Uma imagem do meio ambiente pode ser analisada em três componentes: identidade, estrutura e significado. (...) Uma imagem viável requer, em primeiro lugar, a identificação de um objeto, o que implica a sua distinção de outras coisas, o seu reconhecimento como uma entidade separável, (...) individualidade ou particularidade. Em segundo lugar, a imagem tem de incluir a relação estrutural ou espacial

do objeto com o observador e com os outros objetos. Em último lugar, este objeto tem de ter para o observador um significado quer prático quer emocional. (LYNCH, 1989. p.18)

Dentre os elementos citados pelo autor que permitem a estruturação da imagem citadina estão a memória e os significados pertencentes ao sujeito em questão, que atribuem à percepção da imagem um caráter não universal, não podendo ser analisada de maneira generalizada. Contudo, quanto aos elementos estruturais, permanece válida uma leitura universal. E um dos conceitos tratados em sua obra é o de imaginabilidade, podendo ser lido como legibilidade ou visibilidade.

Uma vez que colocamos a ênfase no meio ambiente físico como a variável independente, este estudo procurará qualidades físicas que estão relacionadas com os atributos da identidade e estrutura da imagem mental. Isto leva à definição daquilo a que podemos chamar *imaginabilidade*: àquela qualidade de um objeto físico que lhe dá uma grande probabilidade de evocar uma imagem forte num dado observador. É essa forma, cor, disposição, que facilita a produção de imagens mentais vivamente identificadas; poderosamente estruturadas e altamente úteis ao meio ambiente. Também pode ser chamada *legibilidade* ou talvez *visibilidade* em sentido figurado, onde os objetos se podem não apenas ver, mas também são apresentados de uma forma definida e intensa aos nossos sentidos. (LYNCH, 1989, p19-20)

Quando um lugar é facilmente identificado, percebido, localizado dentro da malha urbana, é mais fácil existir uma relação entre o sujeito e o meio, contribuindo assim para sua efetiva apropriação social (LYNCH, 1989). No nosso caso, a maneira como o Parque Santana se posiciona em relação aos caminhos mais recorrentemente percorridos do entorno influencia diretamente na forma com que determinado público se apropria ou não do espaço. Quem tem um acesso visual mais fácil ao lugar certamente cria uma relação de abrigo e permanência muito maior do que o público que apenas “ouviu falar” sobre o lugar, mas nunca esteve presente ali, ou até mesmo viu o espaço em questão. Além de essa pouca visibilidade dificultar uma relação pessoal mais forte com o lugar, ela também contribui para uma percepção de desconhecimento, e ainda interfere em outro fator que tratamos aqui: a sensação generalizada de medo da violência nas grandes cidades.

4 PARTE 3 – O PARQUE SANTANA NO IMAGINÁRIO COLETIVO URBANO

Este capítulo apresenta descrição, resultados e análises de nossas pesquisas de campo, realizadas com o intuito de constituir e compreender o imaginário coletivo urbano existente acerca do Parque Santana, e como esse imaginário influencia sua efetiva apropriação pela população.

Nos nossos processos metodológicos aplicados, enquanto fizemos a análise físico-espacial, realizamos também a análise histórico-documental, em jornais, com o objetivo de entender que imagem está sendo veiculada nas mídias acerca do lugar, que tipo de informação as pessoas têm acesso.

Partimos, em seguida, para a aplicação e as análises de questionários, e então, para a aplicação e análise das entrevistas realizadas com moradores locais. O primeiro processo procura entender a imagem propagada do lugar de forma mais abrangente, em escala de cidade e região metropolitana, para visitantes e não visitantes do parque. Já o segundo procedimento foca em entender essa imagem em escala local, visando reconhecer laços afetivos e perceber como essa relação pode influenciar na imagem constituída.

Buscamos aqui entender por que, apesar de o Parque Santana ter infraestrutura adequada, boas condições de uso e ofertas de serviço, e estar localizado em uma região com perfil de público variado, acontece uma não utilização por uma parcela mais diversificada em níveis socioeconômicos da população geral dos bairros do entorno imediato. Acreditamos que esse fenômeno decorre ao menos por dois fatores distintos, porém relacionados: um de ordem físico-espacial, sobretudo associado à falta de legibilidade proveniente de sua localização e entorno, e outro de ordem social, causado por uma provável imagem negativa, coletivamente partilhada, atribuída ao parque.

Portanto, primeiramente fizemos uma leitura da localização e do entorno do parque para compreendermos como se dá a sua legibilidade (presente no capítulo 2 – O parque Santana: estrutura física e social). Em seguida, investigamos as notícias relacionadas ao parque divulgadas pela mídia impressa ao longo dos últimos nove anos. E então, através de questionários e entrevistas estruturadas, identificamos o

perfil do público predominante e as principais razões para quem o visita e para quem não o faz. Assim, com todas essas informações, podemos entender qual a imagem propagada, como ela surgiu, quem a propaga, quais seus símbolos, representações e significados, entendendo sua influência, associada a legibilidade físico-espacial, no processo de apropriação social do parque.

A análise desses registros nos auxiliará na compreensão da apropriação social do Parque Santana, entendendo os porquês da não apropriação por uma parcela mais ampla da população geral da vizinhança. As técnicas empregadas basearam-se na análise morfológica físico-espacial e social a partir de mapas e informações associadas; estudo histórico-documental, a partir de fontes jornalísticas, justificadas pelas técnicas de pesquisa utilizadas por Armando Silva (2002), e ainda, a análise das respostas obtidas por questionários aplicados ao público em geral, e entrevistas semiestruturadas com moradores locais, buscando compreender como o sujeito percebe o ambiente.

4.1 ANÁLISE HISTÓRICO-DOCUMENTAL EM JORNAIS

As notícias veiculadas em mídias televisivas, impressas, online, etc, também tem bastante influência na construção do imaginário coletivo urbano, como destaca Silva (2009) em suas técnicas de pesquisa: “recortar e avaliar discursos ou imagens de jornais em comparação com eventos urbanos”. Por isso, decidimos focar na mídia e avaliar notícias veiculadas ao Parque Santana, procurando identificar o que está sendo divulgado na imprensa e como essas notícias influenciam a imagem constituída desse espaço público.

Inicialmente, estabelecemos qual seria a fonte para esta pesquisa. Entre os meios de comunicação, optamos pela mídia impressa, especificamente jornais, e decidimos pela seleção dos dois jornais de maior circulação na cidade do Recife, sendo eles o Jornal do Commercio e o Diário de Pernambuco, por serem os mais lidos.

Partimos, então, ao recorte temporal. Gostaríamos, inicialmente, de realizar o levantamento das matérias divulgadas durante todo o tempo de funcionamento do

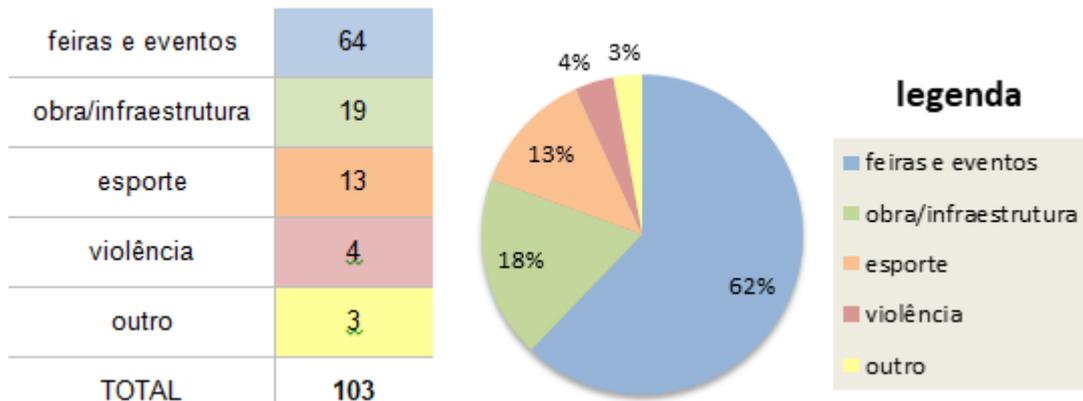
Parque Santana, desde o início de sua construção em 1985 ao ano de 2020. Porém, devido à pandemia do covid-19, e ao isolamento social decorrido da mesma, não tivemos acesso, de modo presencial, ao acervo completo dos jornais. Seria possível apenas o acesso online, e esse fato restringiu nossa fonte, nos dando um recorte temporal do ano de 2011 ao ano de 2020.

O procedimento de levantamento de dados em jornais foi sistematizado e realizado da seguinte forma:

- > 1. *Selecionar jornais de maior circulação na cidade.*
- > 2. *Fazer recorte temporal.*
- > 3. *Procurar por matérias com a palavra chave "Parque Santana" na manchete, título e/ou lead.*
- > 4. *Categorizar (agrupar as notícias em categorias).*
- > 5. *Classificar como notícia positiva ou negativa.*
- > 6. *Analisar os resultados.*

As pesquisas foram realizadas buscando localizar qualquer menção da palavra-chave "Parque Santana", presente na manchete, título e/ou lead da matéria. A pesquisa foi feita online, de 26 de abril de 2020 à 9 de maio de 2020. Chegamos ao total de 80 matérias no Jornal do Commercio e 23 matérias no Diário de Pernambuco, somando 103 matérias, que datam desde 08 de abril de 2011 a 07 de janeiro de 2020. A partir das 103 matérias, criamos, nesse momento, 5 categorias de análise para classificar a notícia em grupos: feiras e eventos, obras/infraestrutura, esporte, violência, outros, que foram agrupadas dessa forma pois, dentre todas as notícias pesquisadas, são os subgrupos em que as matérias mais apresentam semelhanças entre si. Em seguida, formamos 2 categorias de análise na intenção de identificar se a notícia teria sentido positivo (+) ou negativo (-) em relação à imagem do Parque.

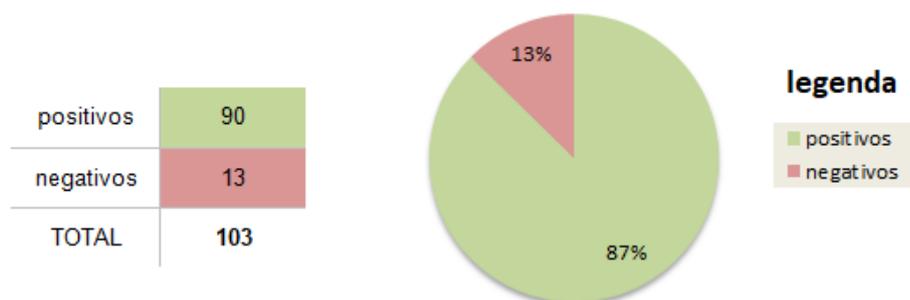
Tabela 8 - À esquerda, quantidade de matérias por categoria.
 Figura 50 - À direita, gráfico da quantidade de matérias por categoria.



(fonte: a autora)

Das 103 matérias analisadas, 64 têm seu conteúdo relacionado a divulgação de feiras e eventos, 19 a realização de obras e/ou infraestrutura, 13 a práticas esportivas, 4 a casos de violência, e 3 se enquadram em outras categorias. Sendo assim, observamos que a grande maioria das matérias, com 62%, é atrelada a divulgação de eventos no local, que acontecem esporadicamente, mantendo certa frequência anual. Em seguida, a realização de obras para reparos ou melhorias da infraestrutura do local, com 18%. Logo depois, a realização de práticas diretamente relacionadas a esportes no local, marcando 13%.

Tabela 9 - À esquerda, quantidade de matérias positivas e negativas.
 Figura 51 - À direita, gráfico representando quantidade de matérias positivas e negativas.



(fonte: a autora)

Em uma análise para definir o sentido positivo ou negativo das 103 matérias em relação à imagem do parque, temos 90 matérias positivas e 13 negativas, o que nos dá uma porcentagem de 87% de matérias positivas e 13% de matérias negativas. Esse dado nos leva a acreditar que nos últimos 10 anos, considerando o recorte dos

dois jornais de maior circulação da cidade, a imagem reforçada pela mídia impressa é, em geral, positiva em relação ao Parque Santana.

Construindo uma análise mais qualitativa a partir das matérias coletadas, observamos que, dos anos 2010 a 2014, foram 21 notícias com o conteúdo das manchetes e leads quase que totalmente focados em obras. Em dezembro de 2012 ocorreu a finalização da reforma do parque, que, construído em 1985 com uma extensão de 26 mil m², teve sua expansão para cerca de 63 mil m² de área total. A intervenção integrou o programa Capibaribe Melhor e recebeu R\$ 9,2 milhões em investimentos da Prefeitura e Banco Mundial. 9 matérias falam sobre o início da reforma, suas vantagens, com conotação bastante esperançosa e positiva, mas também trazem alguns problemas gerados durante a mesma, como lentidão e atraso nos prazos e retirada de moradores irregulares nas imediações.

Figura 52 - Matéria jornalística de 24/07/2012.



(fonte: Jornal do Commercio online.)

Figura 53 - Matéria jornalística de 31/12/2012.



(fonte: Jornal do Commercio online.)

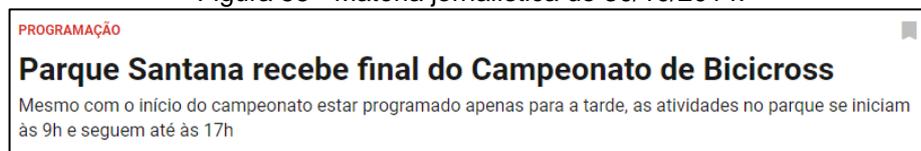
A partir de 2014, quase dois anos após a reinauguração, começam a sair matérias acerca do uso do espaço, falando em aprovação da nova ciclofaixa e de uso da pista de skate, como também informando sobre eventos que começaram a acontecer ali, dentre eles eventos esportivos e espetáculo natalino, realizado pela prefeitura da cidade.

Figura 54 - Matéria jornalística de 12/10/2014.



(fonte: Jornal do Commercio online.)

Figura 55 - Matéria jornalística de 30/10/2014.



(fonte: Jornal do Commercio online.)

Figura 56 - Matéria jornalística de 19/12/2014.



(fonte: Jornal do Commercio online.)

Do final de 2014 até o final de 2019, a grande maioria, cerca de 90% das matérias, tem um conteúdo positivo, anunciando eventos e feiras diversas que aconteceram no Parque Santana, como feiras gastronômicas, encontros de food truck, festival VOX, festival de blues e Jazz do Banco do Brasil, festival de flores, eventos natalinos. Também tem divulgação dos eventos esportivos, como aulas de yoga, programação infantil de esportes nas férias, escolinha de bicicleta para crianças, aulas de respiração e relaxamento, circuito viva academia, seletiva de torneio de futebol, grupos de cicloativismo, ofertas de exercício gratuito. Ao longo desses anos saíram poucas matérias pontuais com teor negativo, sendo elas em julho de 2015 pela falta de iluminação e alagamento da pista de skate pelas chuvas; risco de foco de aedes aegypti, em dezembro de 2015; prisão de grupo acusado de praticar assaltos, detidos enquanto jogavam futebol no parque, em fevereiro de 2017; destruição da pista de

skate (maio de 2018) para execução de obras que atrasaram para serem em entregues (maio de 2019), e notícia de assalto em agosto de 2019.

Figura 57 - Matéria jornalística de 05/11/2015.

REC Gastrô acontece no Parque Santana
 Diário de Pernambuco - 5 de nov. de 2015
 O REC Gastrô, encontro mensal de food trucks, está de volta. O evento gastronômico acontecerá no Parque Santana, Zona Noroeste do Recife, entre 16h e 22h ...

(fonte: Diário de Pernambuco online.)

Figura 58 - Matéria jornalística de 09/02/2017.



PRISÃO
Polícia prende grupo acusado de praticar assaltos em bairros na Zona Norte do Recife
 Os suspeitos foram detidos enquanto jogavam futebol no Parque de Santana, na Zona Norte

(fonte: Jornal do Comercio online.)

Figura 59 - Matéria jornalística de de 19/05/2017.



ZONA NORTE
Aula gratuita de yoga no Parque Santana, no Recife
 Atividade será neste sábado, a partir das 8h30. Participantes devem levar canga ou tapete de yoga

(fonte: Jornal do Comercio online.)

Figura 60 - Matéria jornalística de 08/11/2017.



Cinco anos após reinaugurado, Parque Santana se integra à ...
 Diário de Pernambuco - 8 de nov. de 2017
 Lazer Cinco anos após reinaugurado, Parque Santana se integra à rotina da RMR com diferenciais Parcão, espaço exclusivo para cachorros, e a pista de ...

(fonte: Diário de Pernambuco online.)

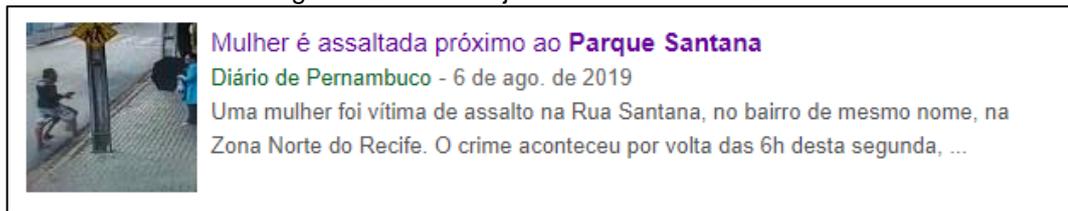
Figura 61 - Matéria jornalística de 17/11/2018.



MÚSICA
Festival de Jazz e Blues leva público diverso ao Parque Santana
 Programação especial levou amigos, famílias, crianças e idosos à Zona Norte do Recife

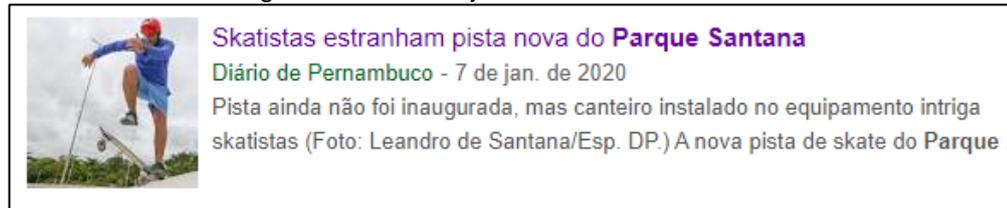
(fonte: Jornal do Comercio online.)

Figura 62 - Matéria jornalística de 06/08/2019.



(fonte: Diário de Pernambuco online.)

Figura 63 - Matéria jornalística de 07/01/2020.



(fonte: Diário de Pernambuco online.)

De maneira geral, as matérias divulgadas na última década pelos jornais de maior circulação na cidade apresentam um teor positivo. Porém, mesmo com carga positiva, a maioria das notícias tem o propósito de divulgação de eventos e/ou feiras, e isso faz com que as matérias relacionadas ao parque aconteçam de forma esporádica e com um espaçamento de tempo um tanto quanto grande, já que não acontecem eventos rotineiramente.

Sendo assim, apesar de o parque ter pouca imaginabilidade/visibilidade enquanto objeto físico, ele parece ter uma divulgação positiva na mídia impressa/online, mas ainda assim, é pouca e não é suficiente para fazer com que o parque consiga altos índices diários de apropriação. E para entendermos como a relação imaginabilidade x divulgação na mídia atinge os cidadãos da cidade como um todo, decidimos aplicar questionários com o objetivo de entender que imagem estaria sendo formada pelo público geral.

4.2 QUESTIONÁRIOS

Para elaboração do questionário, tomamos como base os estudos de Armando Silva. O livro *Imaginários Urbanos* (2006), dividido em duas partes, traz em sua primeira parte um apanhado de três teorias principais, incluindo a "cidade imaginada",

que trata justamente das representações evocadas da cidade e sua construção simbólica. A segunda parte do livro traz algumas técnicas de investigação que o autor utilizou para constituir e entender a construção do imaginário urbano em suas pesquisas anteriores.

As técnicas de investigação que utilizei são reduzidas a cinco procedimentos: fotografias de diferentes eventos urbanos e análise deles; coleta de fichas técnicas onde os episódios são descritos e os dados de localização são tecnificados; recortar e avaliar discursos ou imagens de jornais em comparação com eventos urbanos; técnicas de observação contínua para estabelecer possibilidades lógicas de percepção social e preparação de um formulário de pesquisa sobre projeções imaginárias de cidadãos, de acordo com explicações de desenhos urbanos que serão explicados no texto. (SILVA, 2006, p.16)

Mais adiante, o autor descreve o procedimento utilizado em duas cidades: Bogotá e São Paulo. Fala sobre a construção, aplicação e resultados dos formulários de pesquisa utilizados. Adotamos, então, a aplicação do formulário de pesquisa acerca das projeções imaginárias dos cidadãos, adaptados a nossa realidade. Além das orientações de Silva, buscamos também as técnicas envolvidas na aplicação do teste ATL-9, realizado por Julieta Leite, Tania Pitta e Rafaela Teti no artigo *Workshop Imaginários Urbanos: um estudo exploratório da função simbólica no espaço*. Ambas as pesquisas procuravam, resumidamente, entender e constituir a imagem que as pessoas teriam de determinado lugar.

Armando Silva (2006) pretendia averiguar os processos sociais na construção de símbolos coletivos na projeção da imagem urbana dessas cidades, cruzando as respostas dos formulários com outras técnicas utilizadas. O formulário proposto por Silva (2006) é dividido em três partes. A primeira busca informações de identidade do entrevistado, com perguntas como endereço, nível socioeconômico, escolaridade, idade, sexo, etc. A segunda é o que o autor chama de "evocar", onde registra as representações de caráter metafórico, questiona as lembranças do entrevistado em relação ao lugar, personagens lembrados, escalas cromáticas, olfativas, etc. E a terceira parte é a de "uso", onde trata das experiências do entrevistado no espaço, como caminhos utilizados, qualidade dos serviços, o nível de conhecimento de zonas da cidade, etc. Em seguida, é feito um cruzamento das informações da primeira parte (dados) com as outras duas (projeções que os habitantes têm da cidade).

Já o Workshop Imaginários Urbanos apresenta “um estudo que leva em consideração a correspondência física e social existente no espaço urbano e no qual desejou-se observar a arquitetura e suas formas de apreensão social” (LEITE, PITTA, TETI, 2017, p.62) . Foi aplicado um questionário com o método do “Arquétipo Teste do Lugar com 9 Elementos” (ATL-9) objetivando “permitir uma composição e uma narração do espaço pelo sujeito a partir de nove arquétipos (estímulos) desenhados em um mapa” (*op.cit.*, p.62).

Com base nesses estudos, formulamos nosso questionário e o aplicamos de forma online, por meio da plataforma google forms, no período de 13/07/2020 à 28/07/2020. O link do formulário foi compartilhado nas redes sociais (facebook, instagram, whatsapp, twitter) para um público amplo e diverso, constando principalmente de moradores de Recife e região metropolitana, desde grupos sobre estudos urbanos a grupos de discussões diversas. Foi compartilhado também por líderes comunitários da comunidade Santa Luzia e moradores dos bairros de Santana, Poço da Panela, Casa Forte, Torre, dentre outros. Durante esses 15 dias, tempo suficientemente estimado, obtivemos 345 respostas, dentre moradores da cidade do Recife e região metropolitana, até moradores de cidades mais distantes. A exigência para participação no questionário seria o participante já ter ouvido falar no Parque Santana, tendo o visitado presencialmente ou não.

Pretendemos, com nosso questionário, investigar a constituição da imagem coletiva urbana do Parque Santana, a partir de símbolos presentes nas impressões sociais gerais. O formulário é dividido em três partes. A primeira é a que trata das “pessoas”, onde registramos dados como formas de deslocamento, atividades praticadas, etc., e verificamos também as lembranças pessoais em relação ao lugar, impressões e sensações, personagens representativos, encarados como formas de representação de caráter metafórico. A segunda parte é a de “lugar”, onde tratamos das experiências do entrevistado no espaço, e da qualidade dos serviços – algumas perguntas só pessoas que já visitaram o espaço poderiam responder. E na terceira parte buscamos informações do perfil do entrevistado, com perguntas como endereço, renda, escolaridade, idade, gênero, etc. Especificamente acerca da constituição do imaginário, partimos para uma análise qualitativa das respostas em relação aos nove arquétipos (mencionados no capítulo 3 – o espaço público e sua imagem, no subitem

3.2 a construção da imagem e o imaginário coletivo urbano, páginas 51 à 53), suas conotações e significados, focando em investigar um possível imaginário coletivo urbano partilhado entre visitantes e não visitantes do Parque Santana. O modelo do questionário encontra-se nos apêndices, e a seguir temos a análise de suas respostas.

PERFIL DAS PESSOAS QUE JÁ VISITARAM O PARQUE SANTANA:

Em nossas análises, buscando traçar o perfil das pessoas que responderam já terem visitado o Parque Santana ao menos uma vez, percebemos que tanto o público feminino quanto o masculino o frequentam, sendo 58% feminino e 42% masculino. A grande maioria se considera de cor/raça branca, com 58%, seguido de parda com 32%, e preta com 7%. A imensa maioria possui curso superior, apresentando 53% do total, seguido de 19% com mestrado e 18% com alguma especialização. A renda familiar per capita dessas pessoas se apresenta de forma bem distribuída entre as classes, sendo 33% de 01 a 03 salários mínimos, 26% acima de 07 salários mínimos, 21% de 03 a 05 salários mínimos, 17% de 05 a 07 salários mínimos, e por último, com uma grande diferença das demais, com 3% de até 01 salário mínimo. Porém, devemos levar em consideração que o questionário foi aplicado de forma online, em causa do isolamento social decorrente da covid-19, e isso pôde interferir no público que respondeu a esta pesquisa, tendo provavelmente uma participação maior de quem tem acesso à internet e a informação. Fazendo um levantamento dos endereços das pessoas que disseram ter visitado o parque, percebemos que elas derivam de toda a cidade e região metropolitana, inclusive de forma bem distribuída. Não existiu um bairro específico que se sobressaiu nas respostas.

Figura 64 - Imagem composta por tabelas e gráficos com dados sobre o perfil das pessoas que já visitaram o Parque Santana.



(fonte: a autora)

PERFIL DAS PESSOAS QUE NUNCA VISITARAM O PARQUE SANTANA:

Dentre as justificativas e motivos das pessoas que nunca o visitaram, 35% cita a “distância da residência” como resposta, sendo bem expressiva essa questão. Com 13% cada, seguem a “falta de oportunidade” e o fato de “não saber onde fica/não conhecer”. Isto nos leva a crer que, apesar de o Parque Santana apresentar visitantes de localidades variadas, eles podem ter o visitado devido ao fato de acontecerem alguns eventos esporádicos lá, como cita a maioria dos visitantes ao elegerem “eventos e/ou feiras” como principal atividade praticada. A localização do parque em relação à cidade é um fator prejudicial, pois a grande maioria diz ser esse o motivo da

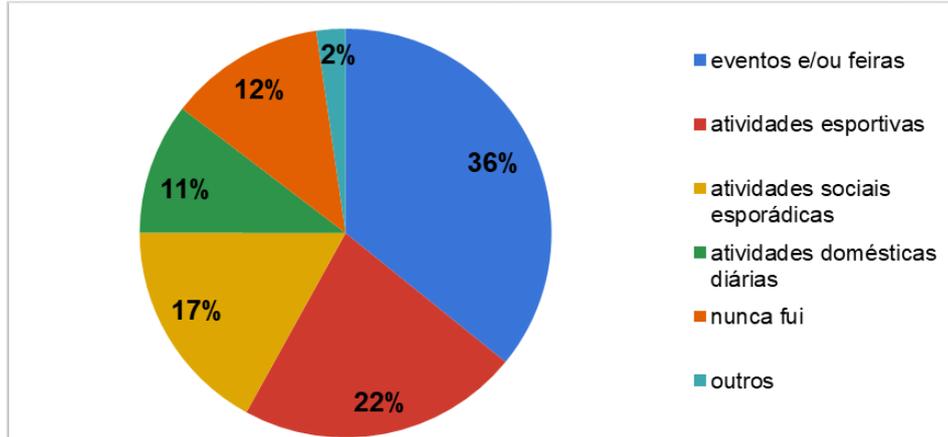
ausência de visitas. A falta de divulgação do parque foi bastante citada, bem como a dificuldade de acesso/transporte público.

Tabela 10 - Principais motivos de visitas ao parque.

eventos e/ou feiras	204
atividades esportivas	126
atividades sociais esporádicas	97
atividades domésticas diárias	59
nunca fui	70
fazer refeições	2
fotografar	3
treino autoescola	2
ensaio maracatu	1
passagem rápida	2
pesquisa acadêmica/levantamento	3

(fonte: a autora)

Figura 65 - Gráfico de principais atividades praticadas/motivos de visitas ao parque.



(fonte: a autora)

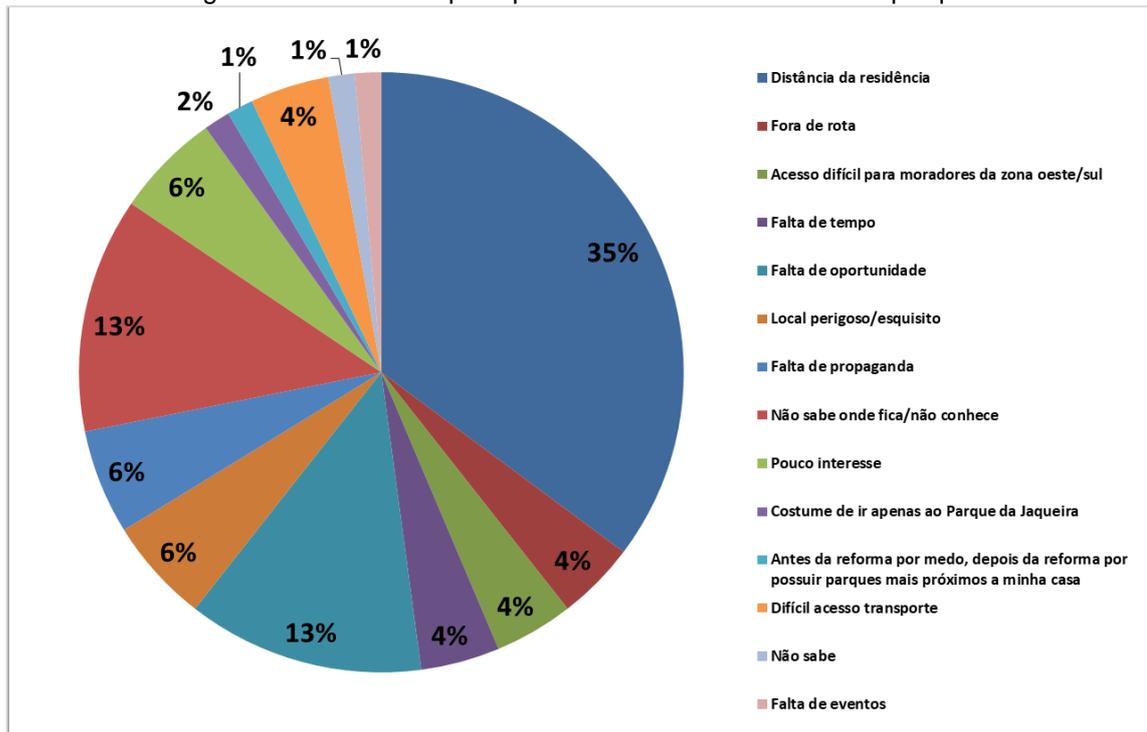
Tabela 11 - Motivos das não visitas ao parque.

POR QUE NUNCA VISITOU/NÃO VISITA? (pode ter sido citado mais de um motivo por pessoa)

Distância da residência	25
Fora de rota	3
Acesso difícil para moradores da zona oeste/sul	3
Falta de tempo	3
Falta de oportunidade	9
Local perigoso/esquisito	4
Falta de propaganda	4
Não sabe onde fica/não conhece	9
Pouco interesse	4
Costume de ir apenas ao Parque da Jaqueira	1
Antes da reforma por medo, depois da reforma por possuir parques mais próximos a minha casa	1
Difícil acesso transporte	3
Não sabe	1
Falta de eventos	1

(fonte: a autora)

Figura 66 - Gráfico de principais motivos das não visitas ao parque.



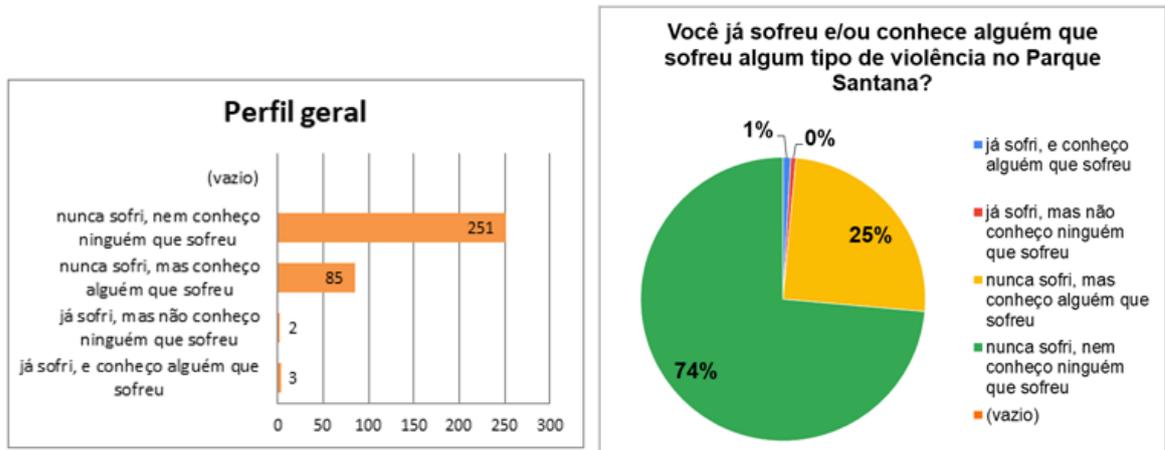
(fonte: a autora)

ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS:

Agora, fazendo um esforço de constituir e compreender o imaginário acerca do parque, apresentaremos as respostas de forma geral, e em seguida as dividiremos entre pessoas que já visitaram o parque, portanto o conhecem pessoalmente de fato, e pessoas que nunca o visitaram, só ouviram falar.

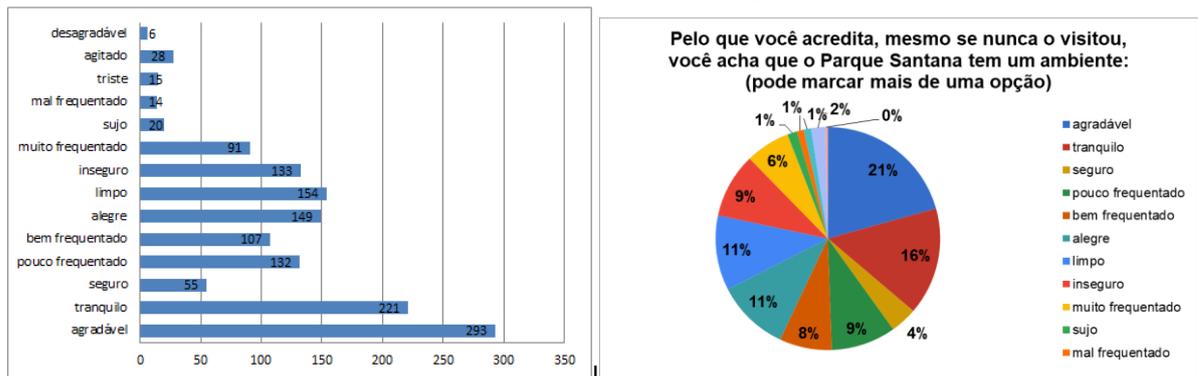
De forma geral, a grande maioria das pessoas nunca sofreu nem conhece ninguém que já sofreu algum tipo de violência no parque (75%) e algumas nunca sofreram, mas conhecem alguém que já sofreu (25%). Quanto à percepção do ambiente do parque, a grande maioria o acha agradável (21%), seguido de tranquilo (16%), por último temos o termo desagradável (0%). Em geral, as pessoas acreditam que o Parque Santana tem, prioritariamente, visitantes de nível socioeconômico entre classe média baixa (38%) e classe média (38%). Ainda de forma geral, para a maioria os problemas e/ou dificuldades do parque giram em torno da sensação de violência (26%), falta de atividades/eventos (19%) e poucos visitantes (18%).

Figura 67 - Gráficos gerais com dados sobre a percepção da violência.



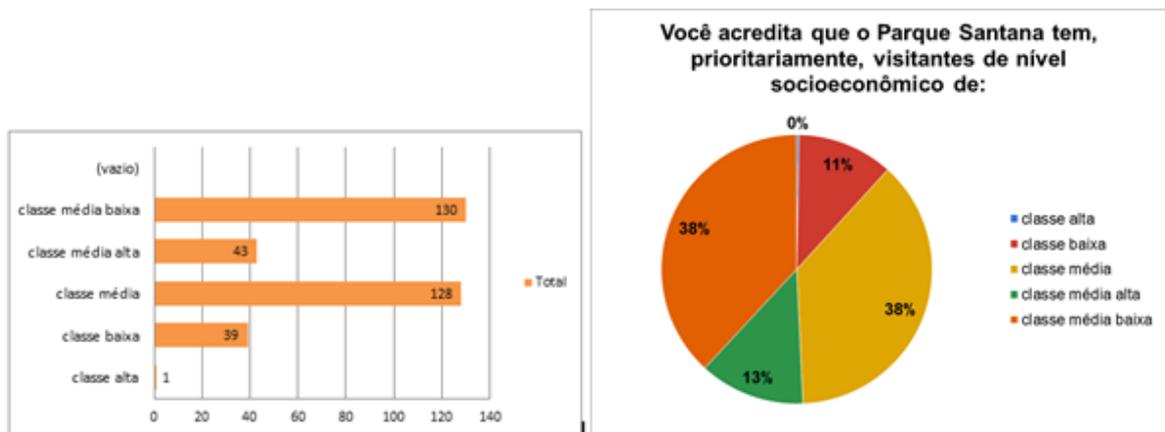
(fonte: a autora)

Figura 68 - Gráficos gerais com dados sobre a percepção de ambiência do parque.



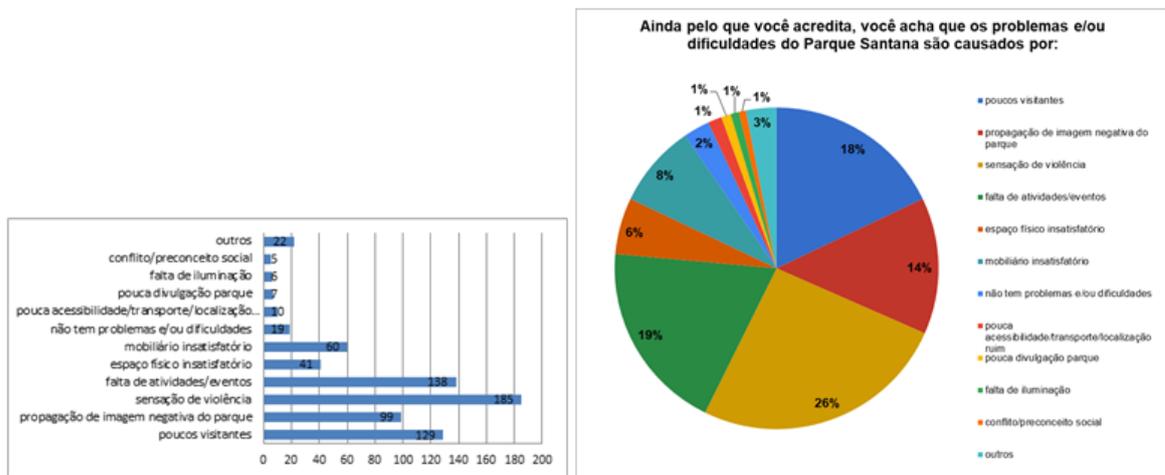
(fonte: a autora)

Figura 69 - Gráficos gerais com dados sobre a percepção do nível socioeconômicos dos possíveis usuários.



(fonte: a autora)

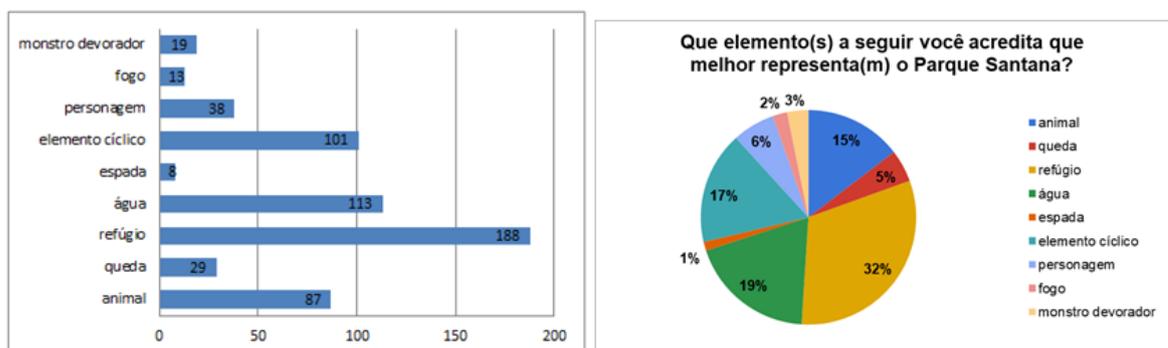
Figura 70 - Gráficos gerais sobre a percepção dos problemas e/ou dificuldades do parque.



(fonte: a autora)

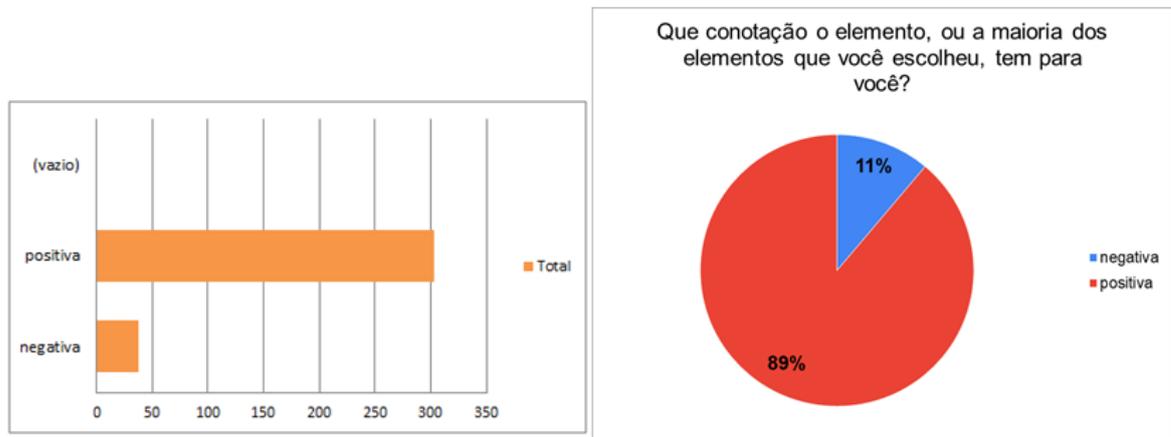
Quanto aos arquétipos (ler mais no capítulo 3 – o espaço público e sua imagem, no subitem 3.2 a construção da imagem e o imaginário coletivo urbano, páginas 51 à 53), foi perguntado qual/ quais dos nove elementos apresentados as pessoas acreditavam melhor representar o Parque Santana, e os mais citados foram refúgio (32%), água (19%), elemento cíclico (17%) e animal (15%), estando em último fogo (2%) e espada (1%). A grande maioria afirma que o elemento escolhido apresenta conotação positiva (89%) e só 11% diz ter conotação negativa. Sendo assim, a maioria das pessoas enxerga o parque como um local bom, agradável, com sensação de abrigo, porém, muitos acreditam existir uma sensação de violência, que seria um dos seus maiores problemas. E, apesar dos eventos esporádicos atraírem muita gente e serem motivo da maioria das visitas, muitas pessoas acreditam que esses eventos ainda são poucos.

Figura 71 - Gráficos gerais sobre os elementos representativos do parque.



(fonte: a autora)

Figura 72 - Gráficos gerais sobre a conotação do elemento representativo do parque.



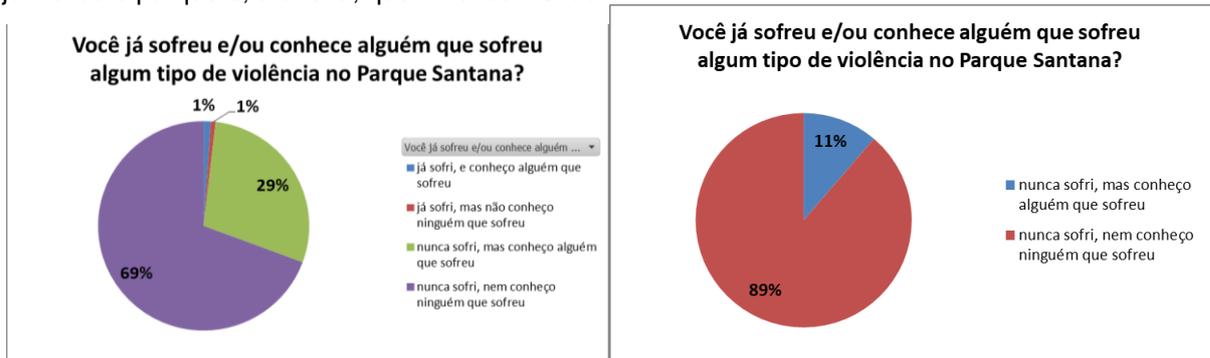
(fonte: a autora)

Considerando **apenas quem já visitou o Parque Santana**, segue-se o padrão de que a maioria nunca sofreu nem conhece ninguém que sofreu violência no parque, com 69%, seguido de pessoas que nunca sofreram, mas conhecem alguém que sofreu, com 29%. A grande maioria acredita que o parque tem um ambiente agradável, com 21%, seguido de tranquilo, com 15% e limpo e alegre, ambos com 11%, por último temos mal frequentado (1%), triste (1%) e desagradável (0%). Quem já visitou acredita que o parque tem, prioritariamente, visitantes de nível socioeconômico de classe média baixa (40%) e classe média (36%). Para essas pessoas, os problemas e/ou dificuldades são causados pela sensação de violência (25%), seguido de falta de atividades/eventos (19%), poucos visitantes (18%), e propagação de imagem negativa do parque (14%). Dos nove arquétipos citados, os que mais aparecem são o refúgio (31%), água (20%), elemento cíclico (17%) e animal (15%). A imensa maioria acredita que o elemento tem conotação positiva (91%), conta 9% de conotação negativa.

Dos que **nunca visitaram o parque Santana**, apenas 11% não sofreu, mas conhece alguém que sofreu algum tipo de violência no parque, sendo 89% composto de pessoas que nunca sofreram nem conhecem alguém que sofreu violência no parque. Mesmo sem conhecerem, porém considerando o imaginário coletivo urbano, essas pessoas acreditam que o parque seja agradável (22%), tranquilo (16%), e pouco frequentado e inseguro, ambos com 11%. As pessoas que nunca visitaram acreditam que o parque tem prioritariamente visitantes de nível socioeconômico de classe média (41%) e classe média baixa (34%). Mesmo sem visitarem, essas pessoas acreditam que os problemas e/ou dificuldades do parque Santana são

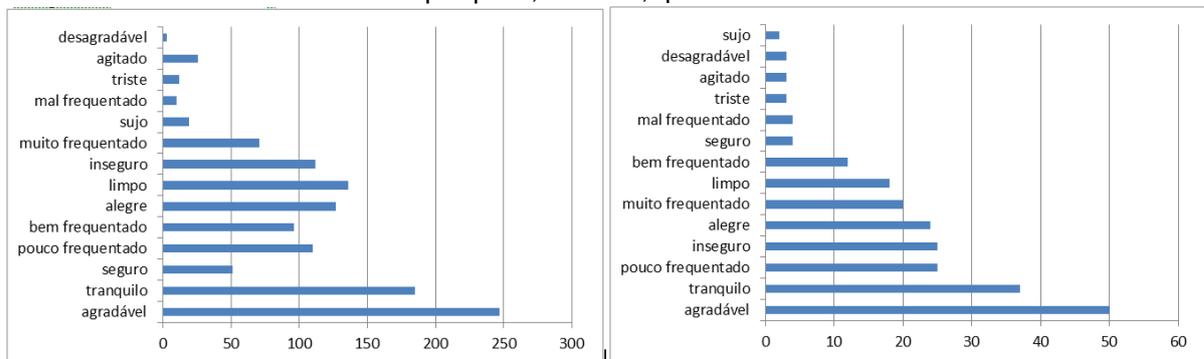
causados principalmente pela sensação de violência (25%), falta de atividades/eventos (25%), poucos visitantes (18%) e propagação de imagem negativa do parque (12%). Quanto aos arquétipos, dos nove, os mais citados foram refúgio (33%), elemento cíclico (16%), água (16%), personagem (12%) e animal (11%), espada não chegou a ser citada. Para a maioria esses elementos tem conotação positiva (82%), contra 18% de negativa.

Figura 73 - Gráficos comparativos sobre a percepção da violência no parque. À esquerda, quem já visitou o parque e, à direita, quem nunca visitou.



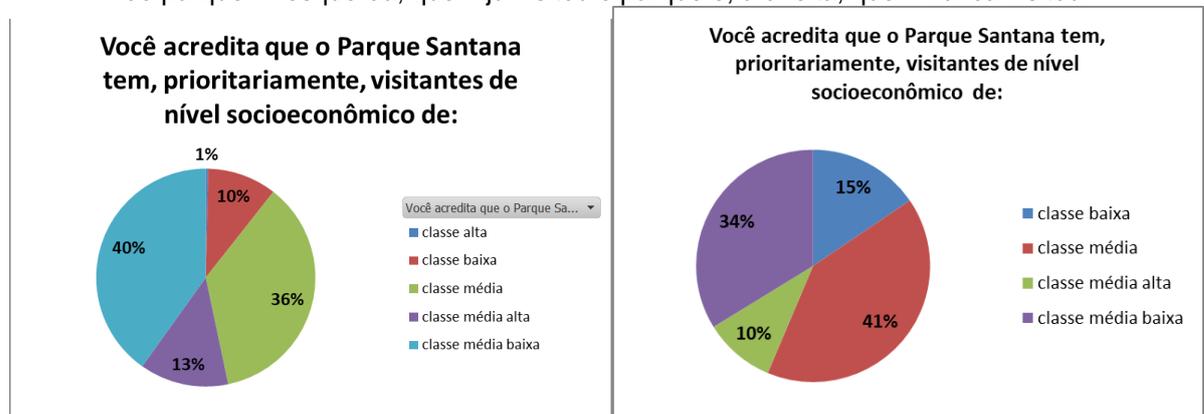
(fonte: a autora)

Figura 74 - Gráficos comparativos sobre a percepção de ambiência no parque. À esquerda, quem já visitou o parque e, à direita, quem nunca visitou.



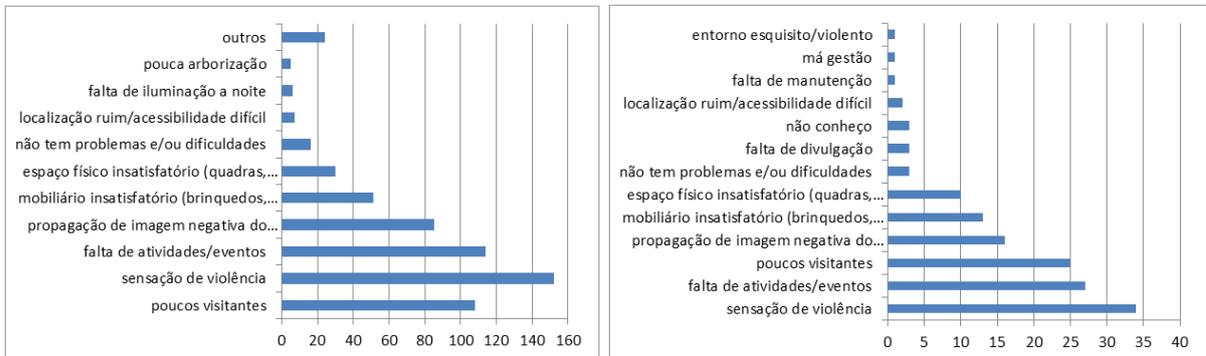
(fonte: a autora)

Figura 75 - Gráficos comparativos sobre a percepção de nível socioeconômico dos possíveis usuários do parque. À esquerda, quem já visitou o parque e, à direita, quem nunca visitou.



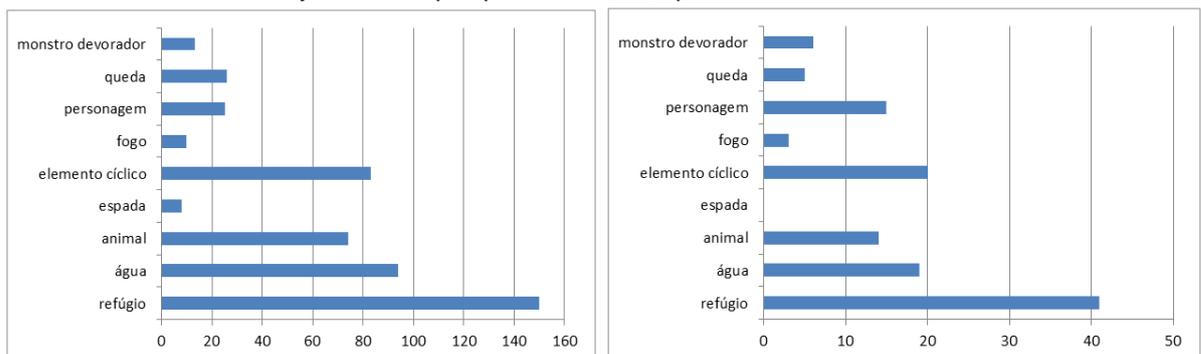
(fonte: a autora)

Figura 76 - Gráficos comparativos sobre os problemas e/ou dificuldades do parque. À esquerda, quem já visitou o parque e, à direita, quem nunca visitou.



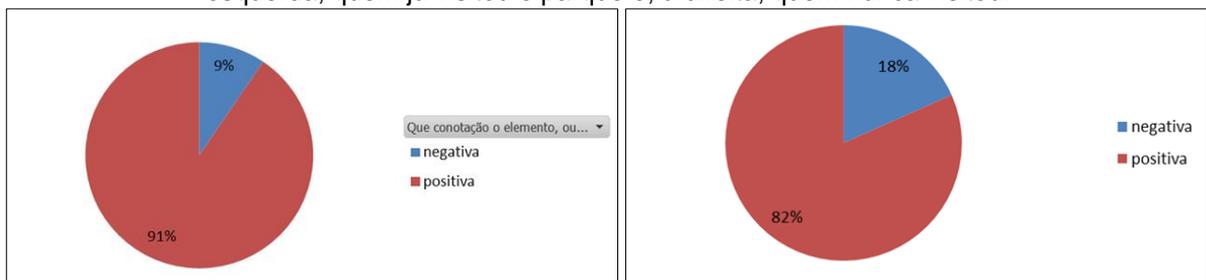
(fonte: a autora)

Figura 77 - Gráficos comparativos sobre os elementos representativos do parque. À esquerda, quem já visitou o parque e, à direita, quem nunca visitou.



(fonte: a autora)

Figura 78 - Gráficos comparativos sobre a conotação dos elementos representativos do parque. À esquerda, quem já visitou o parque e, à direita, quem nunca visitou.



(fonte: a autora)

Os principais destaques nesta comparação entre grupos distintos giram em torno da percepção do ambiente, onde **quem já visitou o vê principalmente como lugar agradável, tranquilo, limpo, alegre, quase que totalmente com uma conotação**

positiva. E quem não o conhece pessoalmente o percebe, além de agradável e tranquilo, pouco frequentado e inseguro também. O que nos leva a crer que o parque talvez possua uma imagem negativa sendo propagada, que pode ser desfeita quando a pessoa o visita e o conhece de fato. Porém, ambos os grupos citam a sensação de violência como maior problema e/ou dificuldade do parque. O fato de quem o conhece perceber que a maioria dos visitantes é de classe média baixa, e quem não o conhece acreditar que é classe média, apesar de estarem em níveis percentuais parecidos nos dois grupos, chama atenção. E, ainda, os arquétipos. **Quem não o conhece cita o personagem como um dos destaques, que pode estar relacionado tanto ao imaginário em relação ao lugar, como também possivelmente demonstrando uma forma de ver o parque ligado a sensação de medo da violência urbana.**

Destacamos citações comuns e marcantes nas falas das pessoas em resposta às perguntas: “Que elemento(s) a seguir você acredita que melhor representa(m) o Parque Santana?”, os elementos são os nove arquétipos do teste AT-9, sendo eles “refúgio, elemento cíclico, água, animal, personagem, queda, monstro devorador, fogo e espada” podendo representar uma conotação positiva ou negativa, que nos leva à pergunta: “Que conotação o elemento, ou a maioria dos elementos que você escolheu, tem para você?”. E em seguida, para investigar de forma mais abrangente o significado desses elementos para cada um, temos a pergunta aberta “Por que você escolheu esse(s) elemento(s)? Para você, o que significa(m) e o que representa(m) esse(s) elemento(s) em relação ao Parque Santana?”.

Primeiro tratamos as respostas das pessoas que dizem **já terem visitado** o parque ao menos uma vez, divididas em blocos de respostas relacionadas à conotação positiva e depois relacionadas à conotação negativa. Como já mencionamos, em geral, as pessoas que visitaram mostram os seguintes arquétipos como mais citados: refúgio (31%), água (20%), elemento cíclico (17%) e animal (15%).

Com a **conotação positiva**, o elemento **refúgio** é bastante citado: “o parque em si é um refúgio”, “refúgio é proteção, cuidado”, “Refúgio por achar um lugar tranquilo, no sentido de "esconderijo"”, “refúgio porque tem potencial para ser lugar de fuga da correria da cidade”, “Refúgio porque sinto que muitas pessoas da comunidade de

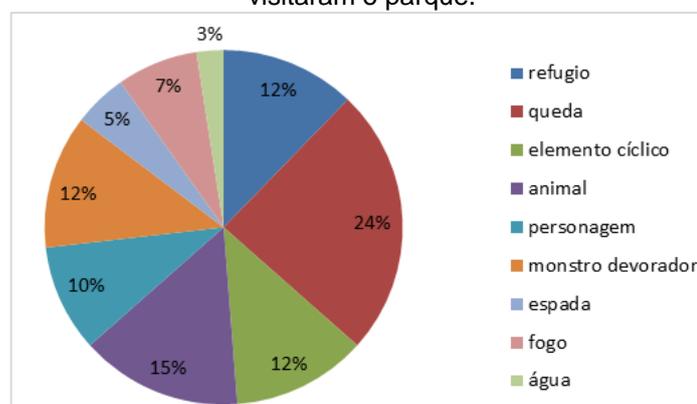
Santa Luzia usam dessa forma”, “que te acolhe”, “calmo e aberto, em contato com a natureza”, “Refúgio pelo fato de ser arborizado e como uso para caminhar frequentemente é um momento de refúgio, de suspensão das obrigações, do prazer”, “ponto verde”, “refúgio do caos”. “Acho um ambiente agradável e nunca passei ou ouvi nenhuma história ruim sobre ele, por isso que me passa a sensação de refúgio!”. “aconchego e paz”, “O parque é um refúgio de lazer e contemplação e contato com a pessoas diversas. Existe um estereótipo de violência que pela minha experiência de morador não existe, talvez exista pra quem tá lá em cima da pirâmide da desigualdade e cultive esse sentimento constantemente em relação a outros estratos sociais”. Tais respostas apresentam muita relação com aspectos gerais de parques, o ambiente natural, verde, arborizado, a sensação de aconchego, acolhimento, fuga da agitação da cidade urbana, como citado “Todo lugar que se propõe ser um parque é um refúgio para se estar ao ar livre e conviver com outras pessoas.”

Ainda com conotação **positiva**, o elemento **água** é bastante relacionado com a presença do rio no entorno do parque: “água pelo rio que fica logo atrás”, “por causa do rio”, “água pela proximidade com o rio”, “é inevitável a relação com o Rio Capibaribe”, “navegabilidade”, bem como o elemento **animal**, que também é bastante citado pela proximidade com a natureza e presença literal de animais no local: “Devido a fauna e a flora que vem a cabeça”, “porque são elementos que existem no parque, tipo animal e água”, “animal porque é um parque *pet friendly*”, “Animal pois vejo que animais têm conduzidos as pessoas para aquele espaço”, “Animal porque pra mim sempre foi o grande símbolo do parque, que sempre aceitou animais de estimação”. Ambos os elementos também foram citados por uma ótica mais sentimental e nostálgica: “Animal representaria o ser e a água seria a relação com o espaço. Estar na natureza e aproveitar os atributos do lugar”; “A relação com a água marcou a minha mente, uma vez que lá encontrei um pescador que realizava passeios de barco saindo do parque”; e “Para mim, a água do rio traz um simbolismo bonito. Cresci vendo o rio. (...) E os animais lembram minha infância quando via os cavalos por lá e também meu filho que hoje pode ver também os animais”. E, ainda, de forma diferenciada, apesar de estar atrelada a conotação positiva: “Água tranquilo, mas que tem seus riscos”, “Animal no sentido de ser imprevisível”.

O **elemento cíclico** também foi muito mencionado ligado a conotação **positiva**, “Pelo que se realiza ou retorna periodicamente”, “pode remeter ao aspecto multiuso do parque, que pode ser experimentado e vivenciado de várias maneiras - mesmo que, atualmente, seja bastante subutilizado”, “Por se tratar de um espaço que remete a constante movimento, circulação de energia. É positivo por renovar a vida”, “Cíclico porque já fui lá pra eventos diferentes em horários diferentes com climas específicos”, “Elemento cíclico me remete a frequência repetitiva que a maior parte do público visitante faz para praticar suas atividades físicas”, “Vejo o espaço público como um espaço de retorno à sociedade. (...) um ambiente de trocas sociais, onde se pode dar e receber. Por isso escolhi um elemento cíclico que, a partir das trocas, é constantemente renovado”, “Todas as vezes que o visitei estiveram ligadas a eventos, e que, por natureza são passageiros, e por normalmente acontecerem anualmente, também são cíclicos”, “Eu fui no parque antes da reforma dele, após a reforma, é como se um novo ciclo tenha se iniciado”, “Diversas atividades/funções diferentes para diversas fases da vida”. Resumidamente, a maioria das pessoas afirma escolher esse elemento pela periodicidade de eventos no parque, pela diversidade de funções e atividades lá exercidas, pelas trocas sociais e de energia, e também pela percepção do parque mudar ao longo do tempo.

Os elementos mais citados relacionados a uma conotação **negativa** foram a queda (24%), o animal (15%), monstro devorador (12%), refúgio (12%) e elemento cíclico (12%).

Figura 79 - Gráfico com elementos de conotação negativa mais citados entre pessoas que já visitaram o parque.



(fonte: a autora)

Quanto ao elemento **queda**, com conotação **negativa**, temos: “tem relação a minha experiência que vivi devido a sensação de medo e insegurança ao atravessar o parque”, “A escolha do elemento queda diz respeito ao processo de deterioração”, “Acho muito pela má fama dele, também por ficar num lugar que a cidade vira as costas pro rio, e ao se planejar ele, isso foi acentuado”, “Queda porque com certeza já deve ter sido um bom parque”, “O parque está em decadência. Precisa de mais estímulo para ser utilizado”, “Queda porque precisa ser erguido, valorizado”. Praticamente todos elegeram o elemento com o sentido de declínio, deterioração, como se o parque tivesse potencial, mas que hoje passa por um momento negativo.

Ainda com a conotação **negativa**, temos o elemento **animal**: “A depender do instinto e da abordagem o animal será coagido ou agressivo”, “Insegurança, medo, abandono”. O elemento **monstro devorador** traz falas como: “violência”, “acho o parque Santana não é um lugar seguro”, “a margem do Rio Capibaribe dentro do parque é altamente poluída, incomoda bastante. Além da sensação de insegurança”, “insegurança”. O **refúgio**, “A localização do parque me gera surpresa, esse trecho da cidade é um pouco invisibilizado. Acredito que uma parte da população tenha criado uma imagem negativa do parque, diferente, por exemplo, do que ocorre no bairro da Jaqueira que possui um status de valor agregado”, “Pela sensação de ambiente amplo, triste e um pouco abandonado”, “O Parque de Santana para mim representa um objeto isolado, por isso escolhi o elemento de refúgio. Porém como ele também se apresenta de forma misteriosa e isolada, me transpassa uma conotação mais negativa”. O **elemento cíclico**: “Elemento cíclico está ligado muito as perspectivas que são construídas dependendo do momento e que não se sustentam, não se enraízam e não criam uma identidade própria”, “elemento cíclico pois acredito que volte a ser um bom parque”, “Um lugar agradável, mas a experiência pode ser cíclica, a depender do dia, evento, período que visita o local”, “a rotatividade é grande, você volta pouco”.

Os elementos **espada**, **fogo**, **personagem**, e **água** estão constantemente relacionados à “violência” e “insegurança”. Falas ligadas ao elemento **personagem** demonstram a relação com uma imagem propagada: “O sentimento de que o parque representa algo para promoção ou propaganda de uma imagem e no seu interior não ser de fato aquilo”, “Acredito (posso está enganado) que atualmente o parque Santana

pode ser um parque pouco frequentado no dia a dia, por consequência da sua geolocalização, porém no evento de blues chega a lotar, fazendo que o parque Santana seja um personagem que em redes sociais/eventos possa ser uma coisa, porém na realidade pode ser outra (podendo ser perigoso e afins)". O elemento **espada** é ligado a "segregação social", o **fogo** traz "Escolhi o fogo porque me sinto insegura".

Partindo para as análises das pessoas que **nunca visitaram o parque**, temos como elementos mais citados, em geral, o foram refúgio (33%), elemento cíclico (16%), água (16%), personagem (12%) e animal (11%).

O elemento **refúgio**, com conotação **positiva**, traz falas como "dá uma sensação de recolhimento", "Um refúgio com relação ao espaço construído. No parque, esse refúgio é representado pela natureza", "No sentido de poder ser livre para praticar um esporte, ter um momento de lazer com a família", "refúgio porque acredito que os parques na cidade cumprem o objetivo de ser um lugar em que se possa descansar", "Parques públicos são locais para se encontrar com você mesmo", "Apesar de nunca visitar, já passei em frente e a sensação é de tranquilidade", em geral, as falas demonstram a mesma sensação de quem já visitou, que provavelmente representa uma ideia comum ligada a parques, de tranquilidade, leveza. Como mostrado por tais falas: "Porque acredito que um parque sirva de refúgio para muitas pessoas", "Para mim, um parque é sempre uma espécie de refúgio. No caso do parque Santana em específico o fato de não ser tão visitado (comparado a outros parques urbanos) reforça essa sensação, mesmo que isso traga alguns efeitos negativos.", "Acho que na verdade todo espaço chamado Parque, tem, ou deveria ter, uma conotação relacionada à lugar de paz e tranquilidade, refúgio."

Quanto ao **elemento cíclico**, "Renovação esportiva pelos frequentadores e eventos com personagens distintos", "Clima de paz e tranquilidade", "Diversidade", "especialmente lembra coisas cíclicas, que se repetem", "Utilizada em ciclos, quando se percebe necessário esvaziar um pouco a mente e entrar em contato com a natureza", as falas também parecem demonstrar um significado comum ao de quem já visitou, de renovação, ciclos de eventos, e também ligados a tranquilidade e paz.

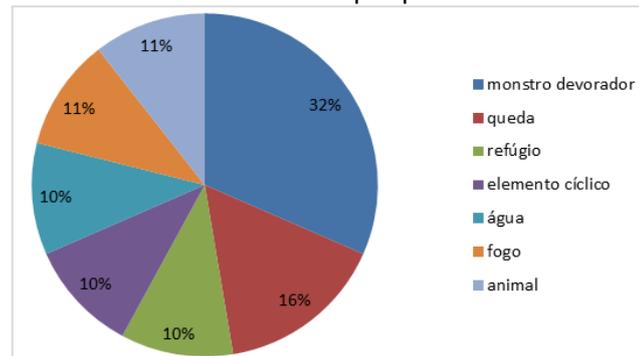
O elemento **água**, com conotação **positiva**, é ligado a “relação de saúde e bem estar”, “contato com a natureza”, “o parque por ser próximo ao rio Capibaribe deve ter um espaço agradável, ventilado com cheiro de maré, por isso escolhi a água”, “Imagino um parque como um espaço livre, ventilado, que me traga conexão com a natureza, e a mesma sempre me traz a sensação de paz. A água tem disso comigo”, “por causa da proximidade do rio, lembro da água”, demonstrando a mesma relação do elemento água com o fato do Parque Santana estar localizado à beira do rio. Bem como o elemento **animal**, que traz falas como: “um parque em que eu poderia levar meu cachorro”, “Natureza e estar em contato com animais locais”, “Por ser um parque público deve ter vários cachorros frequentando também, como acontece em outros lugares da cidade, por isso escolhi o animal”, “se relacionam com a natureza”. Ambos os elementos estão comumente relacionados à natureza e a estrutura visível do parque.

O elemento **personagem** foi bastante citado, dentre as falas de conotação **positiva**, temos: “pode ser uma boa forma de personificar o parque, trazer uma identidade. Talvez encontrar um perfil no que as pessoas se vejam refletidas”, “imaginário”, “A representação do indivíduo em um lugar acolhedor e protegido, onde possa ter contato com a natureza”, “Um personagem acolhedor e mal visto por quem não o conhece de verdade”, que demonstram a relação direta do personagem com o imaginário, com a percepção do parque, que em geral, foi positiva, mesmo dentre as pessoas que nunca o visitaram.

Os elementos a seguir, ligados a conotação **positiva**, aparecem pouco. A **queda**: “A queda por conta das atividades esportivas praticadas”, o **fogo**: “o fogo e personagem se referem ao calor humano da multidão e a cultura, respectivamente”, a **espada** e o **monstro devorador** não foram citados.

Partindo para os elementos ligados a uma conotação negativa, os elementos espada e personagem não foram citados. O que mais aparece é o monstro devorador, seguido da queda.

Figura 80 - Gráfico com elementos de conotação negativa mais citados entre pessoas que nunca visitaram o parque.



(fonte: a autora)

O **monstro devorador**, ligado a uma conotação **negativa**, traz falas como: “insegurança”, “Sensação que será abordado por uma coisa ruim”, “Como mulher, ao me projetar num espaço cujo no imaginário é inseguro, pouco movimentado e com relatos de violência, escolhi os elementos que me remetem ao medo e à insegurança”, que claramente indicam a ligação do elemento com a sensação de insegurança e medo da violência. O elemento **queda** também apresenta falas parecidas: “pelo histórico ruim”, “Sensação de insegurança total, sempre fui informado da insegurança de lá, e de vários casos de violência”, “Sensação de angústia e insegurança, são as sensações que sinto sobre este espaço público, o que o torna pouco atrativo para mim”.

Entrando no elemento **refúgio**, temos também a questão da localização e da intensidade de uso: “Nunca fui ao parque. No entanto, em meu imaginário ele é representado por um local isolado e vazio com aparência de abandono. Por isso escolhi queda e refúgio como elementos que mais se aproximariam dessa representação”.

No elemento **fogo**, temos a “agitação e um pouco de perigo”. E no **elemento cíclico**, a ideia já conhecida de declínio, antes relacionada ao elemento queda. “O parque quando foi inicialmente criado deve ter sido bem utilizado, depois foi caindo em desuso e abandono”. O elemento **animal** também foi relacionado a insegurança: “Me faz pensar em algo ‘aberto’, ‘livre’, o que para mim não traria muita segurança”.

Nas falas de quem já visitou apresentam-se com conotação positiva características físicas do parque, como o ambiente agradável de natureza, as árvores, o rio, os animais, e também percepções imateriais, como as trocas sociais entre os visitantes, o ciclo de vida do parque com suas reformas, os eventos, os diversos usos diferentes desde esportes à lazer e cultura. Com a conotação negativa temos elementos que mostram a percepção de pouca utilização, localização ruim, ambiente degradado, e uma percepção que propaga a sensação de insegurança e medo da violência, que pode ser pelo medo generalizado do espaço público.

Quem nunca o visitou menciona com conotação positiva elementos como natureza, momentos de lazer, bem estar, fuga do caos urbano, muito provavelmente por representarem um parque, um lugar que se imagina ser de acolhimento e tranquilidade. E com conotação negativa temos o medo pela insegurança, o histórico ruim, a impressão de abandono, provavelmente pela imagem propagada com referências de como era o parque antes da reforma de 2012, e pelo medo generalizado de violência urbana no espaço público.

4.3 ENTREVISTAS COM MORADORES

Após a aplicação dos questionários online, decidimos realizar entrevistas estruturadas, dessa vez focadas em moradores do entorno imediato do Parque Santana, buscando perceber que impressões a vizinhança local teria sobre o parque. Admitimos que o Parque Santana, por todos os fatores já apresentados neste documento, seria principalmente destinado ao uso de moradores das redondezas, do entorno próximo, e menos utilizado pela população geral da cidade, por isso as entrevistas com os moradores locais seriam primordiais para constituição da imagem do lugar.

Diferentemente do questionário, para a seleção dos entrevistados consideramos figuras que conhecessem bem a região e o parque, pois a relação de vivência com o lugar seria crucial nesse momento. Buscamos, então, pessoas que experienciam as redondezas há muito tempo, e que possuem alguma relação com moradores locais,

para além do parque, conhecendo, assim, realidades mais plurais do que apenas sua própria realidade.

O roteiro preparado para a entrevista buscava conhecer os usos e frequências de visitas dos entrevistados, que aspectos do parque mais e menos os agradavam, como se sentiam em relação às pessoas que frequentam, quais as impressões e sensações que experienciam dentro do parque, quais as percepções sobre a relação do parque com o entorno e com a cidade. Enfim, a intenção era de entender qual seria a imagem do parque percebida pelas pessoas que o conhecem.

As entrevistas estruturadas foram aplicadas para seis pessoas, individualmente, e foram realizadas tanto por vídeo chamada quanto presencialmente, todas gravadas. Dentre eles, cinco participantes são moradores do entorno imediato, três vivem na Vila Santa Luzia e dois no bairro Santana. Uma participante é proprietária de uma escola vizinha ao parque, localizada no Bairro Santana, há muitas décadas. Todos possuem relações e memórias afetivas em relação ao parque desenvolvidas ao longo de muito tempo, no mínimo vinte anos.

João: Artista visual, homem, 59 anos, morador de Santana há 59 anos.

Amanda: Educadora social, mulher, 55 anos, presidente e coordenadora de projetos por 8 anos de ONG situada nos arredores do parque, moradora da Vila Santa Luzia há 34 anos.

Luana: Psicóloga, mulher, 65 anos, proprietária de instituição de ensino localizada em Santana há 47 anos.

Antônio: Marceneiro, homem, 40 anos, fundador e administrador de biblioteca em espaço livre público nos arredores do parque, morador da Vila Santa Luzia há 22 anos.

Marina: Do lar, mulher, 38 anos, moradora da Vila Santa Luzia há 20 anos.

Nana: Comunicadora/editora de vídeo, mulher, 34 anos, moradora de Santana há 31 anos.

João nasceu e cresceu no bairro Santana, e tem vívidas memórias de sua infância e vida adulta relacionadas ao parque. “Eu nasci ali na Rua do Chacon, que é do lado do Parque Santana, o que hoje é o Parque Santana, e na época era uma fazenda abandonada, uma pequena propriedade rural, rural não, que fazia pecuária. **Tinha uma antiga ruína, tinham umas árvores, que hoje estão dentro do parque, que eu me lembro, uns pés de azeitona, um pé de mangueira, é... algumas acácias**, que eram dentro dessa, dessa, dessa mata, dessa matinha que tinha e hoje estão dentro do Parque. O Parque eu não sei o ano que ele foi construído, mas, **eu frequento ele desde o tempo da criação dele**, hora como caminhante, e hora como quando meus filhos eram pequenos, (...) tinham lá uns brinquedinhos e a gente às vezes fazia piquenique e tal com os meninos, ficava ali, né, convivendo com aquele ambiente do parque”.

Hoje em dia João caminha constantemente no parque, e o utiliza principalmente com esse objetivo. Quando questionado sobre sua utilização, diz que “só a caminhada, e observar, como eu disse, essas árvores afetivas que eu conheço de lá”, e quanto ao que mais lhe agrada dentro do parque, diz que “é exatamente isso, **essa coisa de convívio com a natureza, né, o rio, do lado, né, que tem uma paisagem**, apesar de tá poluído, mas que, que **faz parte da minha memória afetiva**, né, o rio, ai tem uma parte que a pista passa bem do lado do rio assim, onde tem quase um túnel de árvores que é muito bonito, que eu acho que deveria ser melhor aproveitado, e aumentar a quantidade de árvores, eu acho, acho que deve aumentar”. Quando perguntado sobre o que menos lhe agrada, João hesita, titubeia, e tem dificuldade em responder, dizendo “a minha opinião, ela é pessoal, mas assim, eu acho que as pessoas, né... é... devem conviver em harmonia com outras pessoas, né, com outros gostos. Eu não vejo, não me lembro de ter alguma coisa que me desagrade não, não tou lembrado não.” Mas completa dizendo que acha que deveria ter uma identidade maior de seu pai. Sendo efetivamente marcado dentro do parque, e não só dando-lhe o nome.

Quanto às pessoas que frequentam o parque, diz que “A maioria das pessoas que tão lá me conhecem. Como eu fui nascido e criado nesse ambiente, né, certo... E... E, então... As pessoas mais novas não conhecem não, os moradores de Casa Forte, vamos dizer assim, mais recentes, eu praticamente não conheço. Agora os mais

antigos sim, porque a gente tinha uma relação muito forte com todos os moradores da região. Ali onde, onde tá o parque tinha uma vila de casas, de pessoas, né, e a gente conhecia todo mundo. Tinha uma vacaria, tinha um ambiente muito peculiar, aquele lugar de antes, dez vacarias né, muita gente pegava o leite dessa vacaria, entendeu, era um ambiente bem diferente pra uma cidade.” **Sobre os moradores do outro lado do rio e a ponte**, João diz: “Eu acho que, que as pessoas, é... Com seus defeitos e com suas qualidades, elas tem liberdade de opinião, do jeito que é, né. Agora eu acho que é cada um se portar da sua maneira, né. **Eu não me incomodo não. Acho que todo mundo é gente.**”

Sobre a manutenção do parque e os cuidados fornecidos pela administração, diz que: “Eu já vi ele mais abandonado, visse, com capim alto e tal, já vi ele mais abandonado.” Diz que “tem algumas coisas pra fazer, alguns ajustezinhos, mas isso é coisa do que acontece mesmo, né” e se sente satisfeito com a situação física do parque.

Em relação ao entorno e a relação do parque com a cidade, leva para um lado mais social e diz que “Ele é mais fechado, fechado não, ele é mais, pouca gente que vai, **eu acho que vai mais aquelas pessoas do entorno ali, né, das comunidades**”. “O Recife ele tem um crescimento meio desordenado, eu acho, sabe? Eu acho que, ele é... Ele é... Uma coisa meio desordenada. **O que eu vejo lá é que quem vai é a comunidade, que mora em torno do rio**, que vai jogar bola, que é mais os meninos, a molequeira do outro lado que vem jogar bola. Ali tem a Rua de Santana, que tem uma comunidade muito forte também. Eu vejo as pessoas, os mais antigos, eu encontro lá, com o pessoal da minha idade, e os mais velhos também, que as pessoas sempre que me veem me reconhecem, que eu sou artista, e às vezes tem a relação comigo e com meu pai, me cumprimentam por causa do meu pai e tal. **É mais esse pessoal da comunidade mesmo, entendeu? Não vejo muito, muita gente, vamos dizer assim, dos apartamentos, não.**”

Sobre a violência, diz “Falam da violência, né, **eu nunca presenciei nada de violência lá não, mas sempre o pessoal comenta**, né, a gente às vezes caminhando, ai ‘houve aqui um assalto, não sei o que, levaram’ (...) Eu nunca vi, nunca vi, nunca vi nada. (...) Eu me sinto seguro em todo canto que eu ando. Quando eu tou

só, eu não tenho medo de nada, só tenho medo quando eu tou com minha família. Mas sozinho eu me sinto seguro”.

Completa dizendo que é uma pena que o transporte fluvial e as estações de barco não tenham sido executados. E que sente falta de uma abordagem artística no parque, acredita que seria uma forma de abordagem cultural interessante e que a academia da cidade poderia utilizar mais músicas como frevo, maracatu, etc.

Em relação aos outros parques da cidade “Eu gosto muito do (parque) Treze de Maio, né, é tudo sempre uma questão afetiva, né, eu frequentei quando era menino, então tudo isso traz uma memória afetiva muito grande, lembranças, meu pai e tal, meus irmãos, a gente ia pra esses parques, entende, então...”

João demonstra uma relação boa e amável em relação ao parque, possui muitas memórias afetivas, que comenta com carinho, principalmente acerca da paisagem. Diz gostar muito do rio e das árvores. Sobre os frequentadores, acredita que os principais usuários são os moradores do entorno imediato, mais precisamente das comunidades, e não se incomoda com isso. Diz não ver muitas pessoas de classe social mais abastada, a quem chama de “gente dos apartamentos”. Sobre a violência, afirma nunca ter presenciado nenhum episódio negativo. Já ouviu comentários sobre possíveis acontecimentos, entretanto, sente-se seguro.

Amanda mora e é engajada socialmente com a Vila Santa Luzia, tendo presidido e coordenado por muitos anos um centro de ensino popular e assistência social, que existe há 34 anos e é representativo para a população. Começa falando sobre a formação da comunidade Santa Luzia “Ela tem uns 40 (anos), porque foi por etapas, tem Vila Santa Luzia 1, 2 e 3. A primeira Santa Luzia acho que tem uns 40 anos já, aí o CEPAS nasceu dessa Vila da Prata, que antes era um grupo de mães, que se tornou centro comunitário.”

Sobre a frequência de visitas ao Parque Santana, fala “Eu conhecia, é... O parque Santana, ele não era como está agora, né. E eu fiz parte do projeto como

comunidade, a gente construiu junto a reforma do parque, na gestão de João da Costa, e aí a gente participou dos, de todas as etapas, né, da construção do parque. **E aqui na Vila Santa Luzia a gente não temos, né, um parque como o parque Santana**, né, porque tem a praça, né, que é na Torre, em frente ao campo do bueirão. Mas o parque, ele vem como uma... Com equipamentos pra gente utilizar aqui na Santa Luzia. Na época a gente brigava muito porque a gente dizia que **a gente era como filhos adotivos, porque a gente queria que fizesse um aqui na vila, né**. Porque assim, **a gente é de uma RPA (região político-administrativa), e o parque é de outra**, mas assim, **o que só muda é uma ponte, né, a gente pode atravessar a ponte e ir pra lá pro parque**. Então **o parque ele é muito utilizado por nós**, principalmente por mim, que trabalhava com as crianças e a gente ia sempre, né, quando tínhamos o projeto Criança e Adolescente, e agora com meus netos, né, então **sempre utilizei o parque**". (...) "Antes da pandemia eu caminhava todos os dias, né, é muito bom lá pra gente caminhar e também tem academia da cidade, né, e eu tava utilizando, mas depois da pandemia a gente parou, e assim, faz seis meses que eu não vejo o parque. Só passando rápido. Mas pra tá lá mais não, mas eu utilizava sim também". (...) "Quando as minhas meninas eram pequenas eu fazia piquenique lá".

Quando perguntada sobre o que mais utiliza e a agrada, Amanda diz: "**O que eu mais gosto é do verde**. É como se lá não tivesse tanta poluição, então a gente tem... E assim, como eu tou na minha idade, né, já chegando assim, eu gosto muito de conversar com as árvores, chegar e ficar quietinha lá, né. Eu gosto muito de me sentar naqueles bancos, fazer reflexão, até pra estudar também. Eu vou muito lá pra estudar. **Houve um tempo lá no parque que era mais violento**, né, a gente não ia tanto, **mas agora, depois que a reforma, aí tem guarda, é bem tranquilo**. E também gosto de ir pros eventos, né, quando tem lá". E sobre o que menos agrada: "É muita calçada. É o que menos me agrada é aquelas coisas cimentadas, sabe. Eu acho que deveria ser grama, tem muito cimento lá".

Sobre a relação do parque com o entorno, com o rio, Amanda diz: "Eu acho que quando um bom parque... É... O mangue, ele é bem conservado, a gente vê uma diferença. De um lado, né, e do outro já tem essa questão da depredação, né, porque o parque ele é bem grande. Mas ele tem uma conexão com o rio, agora era pra ter

mais uma prevenção, fazer uma interação, né, campanhas, e isso não faz. Antes tinha, né, antes tinha, agora nesse novo modelo ai de gestão não tem mais”.

Sobre as pessoas que frequentam o parque: “Rapaz, a gente, às vezes, percebe uma diferença muito grande, porque quem participa da comunidade aqui é mais o pessoal da periferia, né, e **lá tem uma elite diferenciada, né**. É... Assim, né, eu, eu percebo uma diferença, mas a gente não somos excluídos... Entendeu? **Não somos excluídos**, eu não vejo isso, porque a academia da cidade é para todos, né, é, a pista de caminhar também é pra todos, e aí **tem muita gente diferente. Tem pessoas diferentes**. Diferentes pessoas lá. Mas ai academia quando tem lá a maioria é o pessoal da comunidade, quando tem academia de manhã cedo”. Sobre a possível existência de um predomínio de uso por alguma classe social: “Não, eu acho que é igual. Eu não vejo muito essa diferença não. Que é, tem, né, a gente discutiu muito na época, né, que eles iam fazer os equipamentos e a gente achou que iam ter algumas restrições pra gente da comunidade, mas eu não vejo não. **As pessoas frequentam de todo jeito, não existem essas restrições.**”

Sobre a frequência pré e pós a existência da ponte: “Desde que eu vim morar aqui que já existia a ponte, já existia o parque. (...) Agora assim, **as pessoas dizem que era mais frequentado quando era mais simples**. Depois da reforma eu percebo que é pouco. Agora quando tem evento a comunidade toda vai”. Sobre a utilização da ponte: “Ela é uma ligação, né, daqui para Casa Forte. É bastante utilizada como forma de passagem”.

Sobre a manutenção do parque e os cuidados necessários pela administração: “Assim, deixa um pouco a desejar, porque assim, faz seis meses, né, que a gente não vai tanto, eu não sei como é que tá, mas antes tava deixando muito a desejar. E uma coisa que a gente ficou muito triste foi que assim, já existia a pista de skate, então não havia necessidade deles fazerem de novo, e eles fizeram lá, gastaram dinheiro sem necessidade. Mas, assim, a academia é bem cuidada, né, têm profissionais, não falta. Tanto a da cidade, como a outra, que são duas, é uma que só é com equipamentos manuais, e a outra que tem as máquinas. Que são duas, né, duas que tem lá. **Mas eu costumo frequentar mais a outra, que é com o grupo da comunidade**. Mas assim, a manutenção tem, tem banheiro, né, existe guarda lá, municipais. Pessoas, né,

funcionários cuidando. Mas eu falo assim é quando eles quebram lá, eu falo, né, do exagero do gasto, que não havia necessidade de fazer uma reforma que não tinha necessidade tanto. Eles poderiam ter feito é plantar mais, ter mais árvores. Mas os eventos quando tem lá eles cuidam, sabe”.

Sobre a segurança local: “Sempre tem guardas. Depois da reforma sempre tem a guarda municipal, a policia sempre tá lá na ponte, **perto da ponte sempre existe segurança. (...) Antes já foi pior, antes foi pior, mas agora não.** Antes da reforma era muito assaltado ali, tinha muito assalto”. Quando questionada se se sente segura, afirma que sim.

Em relação ao entorno, a relação com a cidade e com os visitantes: “**São moradores de perto. Eu não vejo pessoas de outros locais vêm não. Porque ele é, ele é escondido, né,** o parque assim ele é bem recuado, agora a comunidade de Santa Luzia frequenta, né. Mas **eu não percebo o entorno no geral da cidade vir não. Só quando tem um evento lá,** que é o natal para sempre, que as pessoas vinham, né. Mas eles tiraram de lá, não vai ser mais”. Sobre o entorno fisicamente falando: “A rua de frente pra o parque ela é bem cuidada, né, tem o terminal de ônibus ali. Tem o CPRH, né, ai tem o estacionamento lá, é bem cuidado. Agora mais na frente tem um terreno baldio que o pessoal joga muito lixo lá, e que é uma rua de frente, ai do lado tem um terreno, que só tem... é... tá muito cheio de árvore, cheio de mato, e as pessoas jogam lixo lá, eu acho feio, né, lá no fim da rua, mas do lado do parque, passando do lado do parque ele é bem cuidado, né, tranquilo, por fora assim na rua principal. Já do lado do rio, né, que é quando a gente já faz o entorno voltando, também tem, é, muito esquisito, muito estranho, mas é muito mato que tem lá e lá é área ribeirinha. Mas como **agora tá tendo mais segurança, ai a gente não tá sendo tão assaltado, mas ali era assalto direto na época.**” Sobre o período que possivelmente começou a ocorrer a diminuição dos assaltos: “**Foi muito depois da reforma.** Uns quatro anos pra cá”. Fala que sente muito não ter acontecido a instalação da estação fluvial.

Sobre ter lembranças antigas: “Era um parque, os, os balanços eram de madeira, não eram de ferro. Os escorregos também era assim mais natural, era de ferro, não é como é agora de cimento. Mas era coloridozinho, né, sempre teve aquele colorido lá.

E era mais, mais, tinha mais grama. Tinha uma parte lá do parque que era enorme, tinham aquelas pedras, ne, aquele calçamento, mas antes não era, era verde, aí a gente deixava as crianças brincar, pra não se machucar, porque caía na grama, né, tinha mais grama. (...) Os balanços eram né de ferro, com a borda, era bom, era natural”.

Em relação aos outros parques da cidade: “Eu gosto muito do parque da Jaqueira, mas só que é um pouquinho mais distante, mas o parque da Jaqueira é uma referência. Quando eu morava em outro lugar, que eu morava em Nova Descoberta, o ponto de encontro era no parque da Jaqueira. (...) Conheço alguns, conheço o Treze de maio, mas não frequento tanto porque é longe. O da Macaxeira fui somente umas duas vezes. O da Macaxeira também é muito bonito.” (...) Acrescentou ainda que na Jaqueira funcionam quiosques de alimentação, e sente falta disso no Santana: “Tem os quiosques lá no Santana, mas não funciona. Está sempre fechado. Só abre às vezes quando tem evento grande, aí as pessoas botam umas coisas lá. Mas dizem que tá ocupado. Quando a gente pensou aquilo lá era pra comunidade usar, ne, mas não é, não é pra comunidade, é pra empreendedor, né, usar. Tipo, ali que fosse artesanato, que fossem coisas bem típicas, comidas típicas, coisas que não tem, né, tipo tapioca, essas coisas, cocada, coisas diferentes. Mas aí foi assim a conversa, mas no papel não é não. São pessoas estranhas que a gente não conhece”.

Amanda fala, enquanto comunidade, que o Parque Santana é encarado como sendo um espaço público que eles se apropriam sim, mas que não sentem exatamente que foi feito pra eles. Porém, pela ausência de um parque dentro da própria comunidade, e pela existência da ponte, que facilita bastante o acesso, o Parque Santana torna-se bastante utilizado pelos moradores da Vila Santa Luzia. Amanda fala que percebe dentro do parque a presença de uma elite diferenciada, mas não se sente excluída. Diz haver pessoas diferentes, mas não sente restrições em relação ao uso. Costuma frequentar a academia da cidade do parque com o grupo da comunidade. Diz que os frequentadores são pessoas de perto, e não advindos de outras partes da cidade, e fala sobre o parque ser escondido. Sobre a violência, diz

que já foi pior, mas hoje em dia, depois da reforma de 2012, mais recentemente, os casos de assaltos cessaram e percebe segurança no parque.

Luana é a única que não mora nas proximidades, porém é uma das proprietárias de uma conhecida instituição de ensino vizinha ao parque, localizada no bairro Santana. A escola é de ensino infantil, fundamental e médio, e funciona há quarenta e sete anos na região, sendo assim, Luana conhece bem tanto a região quanto os moradores locais. Luana começa falando sobre o quanto passa mais tempo na escola do que na própria casa, e de como tem uma forte relação com o bairro. Quanto ao parque, diz: “A relação da escola e a minha com o Parque de Santana, a gente gostou muito quando foi feito aquele parque, apesar de **achar que ele ainda é um parque muito abandonado. A gente não se sente segura para frequentar aquele parque, né?** Porque **ele tem um grande problema** de que já há muito tempo isso atormenta a população de Casa Forte, **que é uma ponte** estreita, que passa ali praticamente nas margens do parque, e que por ali passa muita gente que costuma assaltar de um lado e correr pro outro, pro lado de Caxangá, né. E todo mundo sabe disso, mas a vigilância não consegue se fazer presente pra que a gente possa utilizar o parque com segurança, entendeu? E **a gente sofre muito em função dessa ponte, que não é vigiada, e todo mundo teme a usar o parque.** Nós da escola, assim que o parque foi inaugurado, nós tentamos fazer uma festa do dia dos pais, e a gente não sabia, porque não foi informado nada a comunidade, que a gente precisava reservar o espaço, marcar hora, essa burocracia, não é!? E então desistimos da festa e no ano seguinte a gente entrou dentro da burocracia e conseguiu fazer a festividade lá, né. Mas sempre com muito medo por causa do abandono com relação a questão da segurança das pessoas no parque, certo? **Hoje talvez até esteja um pouco melhor, não sei, porque a gente não tá mais utilizando o parque,** não é, pras festividades da escola. Em função justamente dessa insegurança que gera ali dentro, certo!? E também, é, muita coisa que precisaria melhorar, por exemplo, eles fizeram uma quadra, uma quadra que é um sol horroroso, ninguém consegue, a gente já tentou utilizar numa aula de educação física o espaço daquela quadra, mas os meninos não aguentavam, saíam pingando de suor, certo!? Então o espaço que é, acredito que não foi muito bem planejado para o que ele pretendia atingir, certo!? **Que era a**

comunidade frequentar aquele parque assim como se costuma frequentar o parque da Jaqueira, entendeu? Teria tudo pra ser um parque maravilhoso, mas ainda há muita insegurança. É a única coisa que eu coloco como grande dificuldade do parque, certo? Bonito, as margens do rio, acho que deveria também ter uma proteção melhor, porque por ali circulam muitas crianças e aquilo ali termina na beira do rio, é um tanto quanto perigoso, né. Eu já estive fazendo um passeio de catamarã, que a gente vem do centro da cidade e fica ali na parte do, do colégio damas, por trás, por ponde d'Uchôa, e nas margens dali a gente viu um jacaré, certo, deitadinho tomando banho de sol. Então é uma coisa até perigosa pra uma criança cair ali e ter um acidente sério. Acho que precisaria ter uma proteção maior ali pra dar uma segurança aos usuários."

Sobre a frequência de uso, fala que "Já fui com a escola, né, a comemoração do dia dos pais, já fui outro dia com o pessoal na aula de educação física, os meninos do ensino médio. Mas, é, o parque totalmente abandonado, sem policia, ne, cachorro pra todo lado dentro do parque. As meninas se engraçaram do cachorro, levaram o cachorro pra casa pra adotar o cachorro, certo. O vigia tomava conta, botava uma raçãozinha pro cachorro, mas o cachorro não era do vigia. Então é, é uma, é um certo abandono. Depois eles fizeram umas reformas, inauguraram ali, deram o nome de Ariano Suassuna, que é uma pessoa que tem muita ligação com a escola, os netos quase todos foram alunos nossos. Então, é, eu fui convidada o ano passado para um ato de solidariedade ao parque, né, eles iriam fazer uma limpeza porque o parque tava, acredito que eles sentiram que o parque poderia estar melhor cuidado, fizeram uma plantação de árvores. Mas, infelizmente caiu num dia que nós tínhamos provas de alunos na escola, e o horário que eles tinham planejado era justamente o horário das provas dos meninos, né, e eu não pude ir. Mas já disse a João, que é quem tá muito a frente ali do, dos movimentos em prol do Ariano Suassuna, do avô, né, que a próxima vez eu estaria presente, né. Porque é um parque que tem tudo pra dar certo. Mas, falta, **o único elemento que falta ali chama-se policiamento.**"

Quando perguntada se algo a agradava, ou o que mais a agradava dentro do parque, disse "Olhe, andar, eu adoro andar, e ali é um lugar muito agradável para andar. Agora perigoso, como eu tou dizendo. **Eu não, não costumo ir por ali.** Fui um outro dia, faz um certo tempo já, no passeio de domingo de bicicleta, que eu gosto

muito de andar de bicicleta. E, quando eu cheguei lá, que estava andando naquela parte que ia por trás, onde pega o rio, as pessoas disseram ‘não vá por ai não, que ali costumam assaltar’, certo!? Então mais uma vez eu tou lhe dizendo que o problema daquilo ali é a segurança”. Quanto ao que mais a desagrada: “Segurança. Porque o parque ali é tudo muito bonito, muito bem planejado, entendeu. Poderia se ter também, é, ali, é, aulas de tênis para a comunidade. Marcar hora e ter. Mas não tem nada ali, entendeu. **Não vejo a utilização do que tá ali a disposição do, dos habitantes do lugar, de certa forma, entendeu.**”

Quando perguntada sobre as pessoas que frequentam o parque, se sente-se incomodada, ela diz que “Não, não, nos dias que eu fui, no dia da bicicleta, tinha muita gente, criança, tem lugar de cachorro, né, que eles abriram lá o lugar do cachorro. **Estava bem frequentado. Mas isso a gente pode dizer que é específico para os dias de bicicletada, dia de domingo, dia de parque aberto às crianças.** Mas se você for lá, acredito que ainda é, **no dia a dia, assim como numa terça ou numa quarta, aquilo ali é abandonado, entendeu.** Poucas pessoas circulam por ali fazendo exercício, certo. (...) E outra coisa também, (contou uma história e pediu para não ser mencionada), ali é ponto de droga, de gente que se droga, é, é perigoso, e ponto de venda de droga também. É perigoso, até porque a gente teve na Rua do Chacon assaltos quase que todo final de semana. Um meliante entrava na escola, entrava nas casas, roubava as casas, e por ai se vai, fazia a festa. Saia com televisão das casas na cabeça. E ninguém conseguiu detectar os roubos. E a policia muitas vezes fica parada ali, atrás daquela rua, justamente no final do parque de Santana, certo. Então deixa uma certa insegurança na gente.” Continua dizendo que tem policiamento fora do parque mas não na frente, nem dentro. “Quando a gente esteve lá com a escola pra fazer uma, um trabalho de educação física, a gente custou pra achar o rapaz que tomava conta do parque lá dentro. Ninguém sabia, certo. Não sei atualmente, pode ser que depois que veio o nome Ariano Suassuna, que eles estão fazendo shows ali também. Shows que fazem, muitas vezes é ponto de droga também pra todo lado, que a gente tem notícia. Como tem ai por tudo quanto é canto hoje em dia. Que esses shows tem tudo droga, né, e ali também, fala-se muito dos shows com as drogas.”

Quanto a manutenção do parque e os cuidados necessários, Luana diz: **“Faz tempo que eu não vou lá.** Esse ano não fui hora nenhuma. Pode ser que eles tenham investido mais na, na melhoria, entendeu. Até por conta dos eventos que eles estão promovendo lá, certo. É show de tudo quanto é canto agora, eles fazem por ali. Tanto de um lado, como do outro lado, que eles também, aquele terreno que é do CPRH, eles também muitas vezes eles fazem ali, alugam, não sei, que aquilo ali é uma espécie de, é um, um lugar da, é, público, público num sentido de, público não, é privado num sentido que o governo é que é dono, e eles utilizam pra alugar pra show, entendeu. Enquanto na realidade aquilo ali, pelo que eu sei, é do CPRH. Posso estar até enganada.”

Em relação ao entorno do parque, comenta que “Olha, a manutenção está melhor. Não posso dizer recentemente, porque eu não estive mais lá, mas inclusive eu já tive alunos que saíram da escola, meninos do ensino médio, pra almoçar ali no (shopping) Plaza, e na volta foram assaltados. Uns correram, outros foram agarrados pelo ladrão, certo, então é perigoso.”

Quando questionada sobre a presença da ponte, Luana é enfática ao afirmar não gostar da presença do elemento: **“A ponte é péssima, porque ela é utilizada principalmente pra o bandido do lado de lá,** de Caxangá, vir assaltar aqui e passa ligeirinho por ali, entendeu, então faz até medo as pessoas passarem por ali, porque é assalto e por ai se vai, certo. Já pensaram até em fazer um abaixo assinado pra tirar aquela ponte dali. (...) **Eu acho que seria bom tirarem a ponte dali,** porque no momento que aquela ponte causa esse, esse, essa pandemia (risos) de assaltos no bairro, certo, então por que manter? Se não tem condição de ter um policiamento. Eles roubam até, pelo que eu já soube, as armas dos policiais que vão pra lá. Ninguém tem coragem de ficar ali, entendeu. Então é difícil, é difícil. Ou eles botam uma, uma guarita ali pra que eles possam, é, fiscalizar, né, vigiar. Ou então eles tiram aquela ponte dali, que é uma coisa séria aquela ponte ali.”

Quanto aos outros parques da cidade, ela diz que “Eu usaria o parque da Jaqueira, certo, pela segurança, porque você vai no parque da Jaqueira qualquer hora. Eu costumo andar, agora não, porque estou na pandemia e eu só fico em casa, só saio pra ir na escola, mas eu saio daqui, eu moro na Conselheiro Rosa e Silva, vou a pé, volto a pé, a hora que eu for, vou de noite, as vezes 18h eu tou voltando, 19h

tou voltando da Jaqueira, não tem um problema, certo. Mas eu não sairia jamais da escola 17h, 18h, pra ir praquele parque pra voltar, entendeu. Pela beleza acredito que o de Santana é muito mais bonito talvez do que o parque, pela estrutura que ele tem, pelo rio que corre ali atrás, entendeu, é uma área maravilhosa, mas, é uma insegurança muito grande.”

Quando perguntada sobre lembranças e memórias do lugar, diz que **“Olhe, não era nem um parque. Eu acho que ele nem existia, existia? (...) Eu não utilizava aquilo ali. Ninguém ia praquilo ali. Depois que eles fizeram a reforma foi que veio a ser notado, entendeu. Porque a vida inteira aquele espaço dali era espaço de bandido, de maconheiro, e ninguém tinha coragem de estar ali, entendeu.** E eu tou naquele bairro há 47 anos. Era abandonado, e ainda continua.” Diz que se tivesse mais policiamento certamente seria um parque mais frequentado e fala que “o grande problema, inclusive, existe uma associação, não sei se é associação, que minha irmã até participa, Casa Forte Mais Forte, né, um grupo que foi criado pra que a gente pudesse notificar assaltos, inseguranças, que a policia vem de imediato, entendeu, mas quando a gente tem uma notificação eles aparecem, o carro da policia aparece imediatamente. Mas ainda é um bairro que a gente ainda tem muita insegurança, né, naquela área especificamente, entendeu.”.

Sobre a opinião de outras pessoas, como os pais dos alunos, ela afirma que “Os pais dos alunos, quando eles vão nos domingos, nos sábados, eles gostam. **Às vezes marcam até**, um grupinho de crianças da escola, e vão pro parque aproveitar, andar de bicicleta, certo. Eles costumam frequentar, mas estão com seus pais. **Eu nunca ouvi falar de assalto por esses pais, entendeu. É mais acredito dia de semana,** domingo talvez porque eu fui, já me disseram ‘não vá por ali não, minha senhora, aquilo ali é assalto de bicicleta pra todo lado’, certo, então, num dia de domingo eu já ouvi esse comentário, entendeu. Ai eu não voltei mais.”. (...) “O que eu quero acrescentar é que aquilo ali poderia ser um espaço maravilhoso, se tivesse uma segurança maior, onde as pessoas pudessem frequentar o parque. E eu vejo as pessoas muitas vezes ao invés de ir pro parque de Santana, marcam encontro no parque da Jaqueira, mesmo morando em Casa Forte, entendeu. E outra coisa também, é, eles, eles fazem, tem o parque, tem o parque de Santana, tem o parque ali defronte do colégio eminente, aquele parque do colégio eminente é um deus nos

acuda. Não sei agora, mas os drogados todinhos, quando dava 16h da tarde ia tudo ali pra fumar maconha. Ou seja, falta policiamento.”. Levanta-se o ponto da questão do policiamento ser geral, em todos os lugares, não só no parque Santana, mas em todo o entorno, e Luana diz “É, o que eu sabia é que dava 16h da tarde juntava os maconheiros ali pra fumar droga, traficar, comprar, e por ai vai, né, ai dá medo, né.”. (...) “Gostaria que aquilo ali fosse a sétima maravilha do mundo, né, porque eu adoro andar, gostaria de sair da escola de noite, que eu só saio muitas vezes de noite, pra dar minha voltinha ali e ir pra casa, mas não tenho essa coragem por enquanto.”.

Luana não demonstra uma boa impressão do Parque Santana, afirma ser um parque extremamente perigoso e diz não frequentá-lo por sentir-se insegura. Comenta que o parque não é frequentado pela “comunidade” e que durante a semana é abandonado. Acredita que o parque estava bem frequentado em um domingo, num dia de bicicletada, que comumente é organizada por pessoas de classe média. Não o vê utilizado pelos habitantes do lugar, mas diz não visitar o parque há muito tempo. É categórica ao dizer que a ponte é péssima, pois seria utilizada pelas pessoas da outra margem do rio para realizar assaltos, e que seria bom se o elemento fosse removido do local. Luana não apresenta memórias afetivas em relação ao parque, diz que só depois da reforma de 2012 veio a ser notado, mas antes seria um espaço abandonado e “de bandido”. Apesar de afirmar que o parque é violento, diz que nunca ouviu falar de assaltos pelos pais dos alunos de sua escola, e que até marcam para frequentarem, mas que já ouviu relatos de outras pessoas, e diz que o que falta no parque é policiamento.

Antônio mora há mais de 20 anos na Vila Santa Luzia, nas proximidades do Parque Santana Ariano Suassuna. Fundou e coordena uma biblioteca comunitária em um espaço público na beira do rio, espaço esse que a comunidade utiliza bastante para diversos fins sociais. Quanto a frequência de uso do parque, diz: “De vez em quando que eu vou lá, depois dessa pandemia mesmo eu não pisei nenhuma vez lá, não sei nem como ele tá o parque. (...) De vez em quando eu ia, passava um mês sem ir lá. **Eu acho incrível aquilo ali, né, o povo ali brincando, fazendo**

piquenique, é muito lindo aquilo né. Deveria existir mais, né, espaços assim na comunidade.” Começa a falar sobre o projeto da biblioteca comunitária, “É aqui mesmo a biblioteca, só que tá em obra, isso aqui é a praça rioteca, né. Eu botei esse nome porque tem uma biblioteca e é na beira do rio, a rioteca. Eu cuido disso aqui, né, tudo fui eu que transformei, né, pra fazer uma pracinha pros meninos da comunidade, e os moradores também, fazer festa. Porque as casas aqui são muito pequenas, ai não tem lugar pra fazer festa, né, e aqui tinha esse espaço aqui, eu improvisei uma lona, tinha tudo, mesa, cadeiras, freezer, fogão, tinha geladeira, televisão. E o pessoal usava. As vezes não queriam ir pras festas porque tinha novela, ‘ah, não vou não porque tem novela’, ai veio essa ideia de botar a televisão lá.”

Sobre o uso do parque, diz que “Eu usava pra caminhada, pra sentar lá nos banquinhos que tem lá, aquela paisagem linda que tem ali. É muito bom. Não tenho filho, só os meninos da comunidade mesmo, mas os meninos gostam muito”. Sobre o que mais gosta dentro do parque: “O que eu mais gosto é o passeio, que as pessoas podem se exercitar, né, aquela academia da cidade também é muito boa, né.”. Em relação ao que menos gosta, diz: “**O que eu menos gosto, é, de vez em quando chega usuário de droga,** né, fica ali, né, tipo assim, intimidando as pessoas que tá caminhando ali. Às vezes a pessoa vê e não quer, ‘ai é bom não vir mais não’, porque, entendesse, o mau cheiro da droga, entendesse. Isso incomoda as pessoas que tão caminhando. Porque fui caminhar uma vez e, rapaz, a policia parou quatro caras, tavam fumando droga na mesa lá. Ai a pessoa caminhando, quando vê o cheiro da droga no nariz da pessoa. **O que eu menos gosto não é nem do parque em si, é dessas pessoas, né, usando o parque pra outros meios, ne, entendeu, que não é adequado pro espaço.**”.

Sobre as pessoas que frequentam, afirma que: “**Tem todo tipo de pessoa ali, né, tem todo tipo de pessoa. De rico a pobre ali,** ali é muito bom o espaço, todo mundo ama aquele espaço ali. E eu também gosto de tá ali, né, **eu gosto das pessoas. Não fico intimidado de tá ali não.** O que eu vejo é só aquele comentário das mulheres, né, ‘ó aquele cara fumando droga ali’, né, ai vê. Cadê a policia, e num sei o que, vê. (...) Tem os guardas lá, né, tem os guardas, mas ficam na guarita, não vai dar uma voltinha pra ver como é que tá, né. Era pra dar, né, pra ver como é que tá, pelo menos uma voltinha, ficava dois ali e dois ia dar uma volta. Mas eles ficam na

guarita lá. Era pra tá observando aquilo ali.”. Quando questionado se já havia presenciado algum caso de violência, Antônio diz que “Não. Nunca vi não. Só naquela área da ponte ali, né, já ouvi que alguém levou facãozada ali, porque não queria dar o celular. **É perigoso, né, a travessia aqui.** É perigoso. Esses dias a menina tava caminhando lá, disseram que roubaram o celular do lado dela lá.” Sobre o uso da ponte: “Usam muito, usam bastante. Era bom ter pra carro também, né, porque o carro tem que fazer esse retorno todinho pelo Carrefour pra chegar ali na Praça de Casa Forte. Era pra ter uma ponte aqui. Isso aqui já era pra ter feito há muito tempo. Mas sabe como é que é, né. A política daqui não ajuda, não ajuda não. (...) Tem gente que passa na ponte pra ir trabalhar do outro lado, né. Usam a ponte pra atravessar, é mais pra ir trabalhar do lado de lá, ou ir pro shopping, né, o Plaza, né, o hiperbompreço, que fica ali do outro lado, entendeu. (...) O parque é um espaço de passagem, mas também é de estar ali, final de semana é muita gente ali. Usam mais final de semana, que é quando os pais estão de folga, vai levar os meninos pra espairecer um pouco, é quando tem mais gente. Todo mundo usa.”.

Sobre a manutenção do parque: “É, ai eu não tenho o que dizer não. É limpinho, as gramas tudo aparada, é muito bonito lá.”. Sobre memórias anteriores a reforma: “É, né, fizeram uma reforma recentemente, né, trocaram a posteação todinha, ficou bem iluminado. Ficou muito lindo. Tem uma área pros cachorros brincarem lá, fazer exercício, muito bom. Eu gosto da estrutura, é muito bem cuidado” (...) “Eu lembro de antes, era bem acabadozinho o parque, **era muito, muito esquecida aquela área ali. Era abandonada.** Agora que recentemente fizeram uma reforma bem legal nele, né. **Antes o pessoal usava, mas hoje usa mais, né, hoje o pessoal usa mais, que tá mais organizado, né. E tem segurança lá no parque, né.** Tão lá, né. Tem os guardas, e às vezes aparece um policial, né, de vez em quando. Faz uma paisana dentro do parque, a viatura.” Quando perguntado se sente-se seguro, Antônio diz que: “**Não, não me sinto seguro não.** Devia melhorar mais, né. Violência é um defeito lá, né. Fica o medo muito grande, principalmente as mulheres, né. Que as mulheres que caminham mais ali, né, a noite.” Questionado sobre o medo ser em relação parque ou generalizado, diz que: “**É o mesmo medo de andar em qualquer lugar.** Não é seguro não. Eu acho que devia ter, né, segurança armada ali, porque o guarda não é armado, né, tem o guarda municipal, sem arma nem nada, só quando vem uma viatura. Por isso ele não se mete a proibir alguém de fumar droga ali. Desarmado, quem é que vai

se meter? Entendesse. Os guardas deviam tá era armados ali. Pra mim, né. Não sei as pessoas ai. Pra mim o guarda ele devia ter arma também. Só a policia não, tem que ter o guarda mesmo do parque. Eu mesmo que queria armar o povo.”

Sobre o entorno do parque, diz que: “Fora do parque não é bem cuidado não. As calçadas é cheio de mato. Ninguém cuida, né. Dá pra ver mesmo a beira do rio ali, quando vai ali pra monteiro, né, aquela área dali? Só tem os matos tomando conta. Ali pode a pessoa tá caminhando ali, vai caminhar ali no parque, de repente um tarado puxa uma mulher pra dentro do mato, e ai? Feito foi essa semana ai, ou foi ontem, o cara pegou uma mulher, tentou estuprar, perto do mangue, passou no NETV, ali perto da ponte da Capunga. Foi, é perigoso. Entendesse. Ainda bem que a policia chegou e proibiu o cara, ne, de fazer o ato com a mulher.”

Com relação a outros parques da cidade: “É, esses outros parques eu não frequento muito não. Não conheço muito não, entendeu” Sobre a opinião de outras pessoas, diz que **“As pessoas falam bem, né, mas só que, devido de algumas noticias ai, que roubaram alguém, ai eles ficam meio, né, ‘rapaz, era pra ter mais segurança ali’, ‘vê, assaltaram a mulher, e levaram o celular de duas mulheres que tavam lá caminhando’, vê. Ai não deveria, né, entendesse. No geral ele é bom, mas de vez em quando tem umas noticiuzinhas que prejudica, né”**.

Antônio demonstra gostar do parque, e fala que deveria existir mais espaços assim na comunidade. Comenta que percebe usuários de droga, aparentemente de maconha, no parque e isso o incomoda. Diz haver todo tipo de pessoa dentre os frequentadores, entre ricos e pobres, e não se sente intimidado em visitar e utilizar o parque. Acredita que ainda carece de policiais para melhor segurança do parque, apesar de afirmar que antes era menos usado, e agora, por ter mais segurança, é mais utilizado. Ainda assim, Antônio não se sente seguro dentro do parque, mas diz que é a mesma sensação de insegurança genérica que sente em qualquer espaço público. Afirma, ainda, que no geral as pessoas gostam e falam bem do Parque Santana, porém “boatos” e algumas notícias negativas, em relação a episódios relacionados à violência, afetam seu índice de apropriação social.

Marina mora na Vila Santa Luzia há aproximadamente 20 anos, e é frequentadora assídua do parque, visto que realiza caminhadas diárias, tanto pela manhã, quanto a tarde e a noite. Começa falando da frequência de visitas ao local: **“Eu vou lá diariamente.** Costumo caminhar, pedalar também. A academia da cidade eu não uso não, mas caminho, corro, faço meus exercícios e pedaladas também. (...) As vezes, no fim de semana também a gente vai, né, com os sobrinhos, deixa eles brincando também, fica a vontade, então usa pra lazer também, né. Mas com certeza uso mais pra exercício. Eu vou e fico por lá mais ou menos uma hora, saio umas 5 da tarde, 6 horas eu tou de volta, passo 1 hora.”.

Sobre o que mais gosta dentro do parque, diz que “O que eu gosto eu acho que é a estrutura. Ficou muito boa a estrutura do parque, depois que fizeram aquele lazer pros animais também, né, o parcão também. Ficou muito legal isso ai. Tem muito verde. Mas assim, precisaria de mais verde ainda, eu acho. Por enquanto tá bom, agora eu acho que se botar mais concreto não valoriza o parque não. Do jeito que tá, tá bom.” Sobre o que menos agrada: “Acho que é a insegurança. A insegurança, é. Tenho receio de acontecer alguma coisa, principalmente na volta, né, que tá um pouco escuro assim, na saída do parque é um pouco inseguro ali.”.

Quanto às pessoas que frequentam, Marina diz que: “Na maioria das vezes tem pessoas assim que eu não conheço, né, mas **a maioria são todas pessoas conhecidas. Me sinto a vontade.** Porque assim, até as pessoas que vão pra lá fazer, é... usar droga, assim, a maioria são também... conhecidos... São todas as tribos ali dentro, todo mundo, de todo lugar. **Ele é muito utilizado, tem muita gente. Sempre tem gente lá todo dia.** De manhã também as vezes, não sempre, mas as vezes de manhã, ai **eu vou e sempre tem muita gente, muito mesmo.**”

Sobre a manutenção do parque, afirma que: “Eles mantêm direitinho. Todo dia quando eu tou lá caminhando sempre tem alguém limpando, tirando as folhas. São limpos. A manutenção é ótima. Agora policiamento, assim, às vezes, de vez em quando, tem um ou outro. Guarda também. Mas assim, não é muito, precisaria de mais. Eles ficam olhando, de vez em quando dão uma ronda assim. Eu me sinto, na minha opinião, eu me sinto segura, **me sinto segura. O medo de acontecer alguma**

coisa é mais na saída, dentro não. Na saída ali na ponte, **tenho mais medo de passar pela ponte do que tá dentro do parque.**” Marina continua falando sobre a ponte: **“A ponte em si é bastante usada,** bastante usada. O dia todo é movimento pra lá e pra cá. **E mesmo assim tem caso de assalto. Mas as pessoas não deixam de usar.** Porque, no entanto, é o caminho deles, né, de ir pro trabalho, ir pro parque fazer os exercícios, mas é muito utilizada aquela ponte. **É importante a ponte. O pessoal usa demais.** (...) Eu acho que o pessoal usa a ponte pras duas coisas, eu acho, tanto pra ir pro parque, quanto pra passar. Mas assim, na maioria das vezes, eu acho assim que usam mais pra ir pro parque.”.

Sobre a relação do parque com o entorno, comenta que: “Dentro do parque com certeza é muito bem cuidado, mais do que fora. Fora não é tão bem cuidado quanto o parque. Eu acho que, pra mim, eu acho que por lá, **por fora é mais perigoso,** eu acho. **Tenho mais medo de tá do lado de fora do que dentro do parque.** (...) Agora ele é muito bem iluminado, botaram umas lâmpadas agora, tá muito bem iluminado, a iluminação é boa.”. Sobre a possível relação com outros parques da cidade: “Não, não, só vou mais o parque de Santana, porque os outros assim, as vezes, só passo, mas assim, pra frequentar mesmo só o Santana. Conheço os outros, de ter ido uma vez ou outra. Mas eu acho assim, de estrutura o Santana é pior do que os outros, mas em compensação é o que eu mais uso e o que eu mais gosto. Por tá perto de casa também, né.”.

Sobre a possibilidade de ter conhecimento da opinião de outras pessoas, diz: “Eu acho que a maioria das pessoas gosta, a maioria gosta. **Eu acho que a maioria das pessoas acha perigoso, mas mesmo assim elas usam.** (...) O que eu lembro dele antes assim ele não tira aquela área principal ali, né, que o pessoal faz show, né, antes não tinha, mas agora tem, **por isso que eu acho que é mais frequentado, por conta disso, porque acrescentaram mais aquela área que tem, é, quadra, fizeram aquela pista de skate, de bicicleta ali, ai eu acho que agora é mais usado do que antigamente.** Mas assim, nunca foi, **ninguém nunca deixou de usar por conta disso. Mesmo antes as pessoas frequentavam.** Iam nos balancinhos, nos escorregos, que eu já andei muito (risos). De vez em quando tem uns eventos, eu gosto, mas assim, a noite pra ir só eu não costumo ir, mas mesmo assim, uma vez ou

outra, quando tem, eu vou. Acho que valoriza bastante, é bom esses eventos. Na minha opinião o parque é ótimo. Eu gosto do parque.”.

Marina utiliza o Parque Santana diariamente para caminhadas. Diz haver a presença de várias pessoas, algumas desconhecidas, mas afirma que a maioria é composta por pessoas conhecidas e se sente a vontade. Fala que o parque é bastante utilizado, e enfatiza que sempre que o visita, tem muita gente. Marina sente-se segura dentro do parque, e para ela o medo pela insegurança concentra-se na parte externa do parque, especificamente na ponte. Fala que existem casos de assalto na ponte, mas que mesmo assim as pessoas não deixam de atravessá-la, e que é muito utilizada. Acredita que a maioria das pessoas gosta e usa o parque, apesar de achar perigoso. E que depois da reforma é mais frequentado, pois tem elementos novos como a pista de skate, bicicleta, etc.

Nana mora em Santana, nas proximidades do Parque Santana praticamente por toda sua vida. Conhece o parque há 31 anos, porém não tem muitas lembranças antigas relacionadas a ele. Começa falando desde quando conhece o parque: “Conheço desde que, acho que, sei lá, 30 anos, sei lá, 29 anos. É, desde que eu tenho consciência, né. Mas eu sempre morei aqui, eu moro nessa casa há 31 anos. E antes eu morava onde é o hiper de Casa Forte, que antes era a rádio jornal do comércio. Conheço desde que nasci, é.” Sobre a frequência de visitas: “Vê, agora, na pandemia, eu não tenho ido, não tenho saído mesmo, tou totalmente isolada, mas antes eu tava indo praticamente todo final de semana. E quando tinha evento assim. Eu já fui uma época pra fazer caminhada, mas eu achei muito esquisito, e ai eu já fui pra evento, né, acho que sempre por lazer. Poucas vezes fui pra fazer exercício. Ultimamente eu tinha ido mais pra pista de skate. (...) Eu acho que eu passo até 2 horas mais ou menos, não passo mais do que isso não. (...) O que mais uso dentro do parque é a pista de skate, e a parte do gramadinho, né”.

Sobre o que mais agrada, Nana diz: “Vê, é, eu acho lindo assim a parte das árvores, mas tem o outro lado, que é também um pouco esquisito. Me agrada também

porque é perto de casa. Mais perto que a Jaqueira. Dá pra ir a pé. E, e eu gosto dele porque ele é pequenininho assim.". Do que menos se agrada: "Eu acho que a segurança mesmo. Não me sinto segura lá não."

Sobre as pessoas que visitam: "Eu acho que tem, **vai gente de todas as classes assim, eu acho que é bem misturado, sabe?** Mas, eu não... Das pessoas que estão lá nas áreas de convivência eu **nunca me senti estranha**, mas assim, vai muita gente, vai tipo uma galera skatista, e vai uma família com criancinha andar de bicicleta, sabe? **Eu acho que vai gente de todo tipo.**" E diz que não se sente incomodada com ninguém.

Quanto à manutenção do parque: "Eu sempre via o parque muito limpo, a minha lembrança é essa. A única coisa que me incomoda é justamente essa, na pista de skate até a ultima vez que eu fui a reforma tava inacabada. Tinham umas partes que estavam pra serem, é, reformadas ou terminadas, e isso não parecia ter uma previsão. Já tinha passado o tempo da obra.". Quanto ao policiamento: "Eu confesso que eu, eu acho que só lembro de ter visto policial lá no Parque Santana em época de evento ou, é, na frente do parque. Dentro eu nunca vi. Quer dizer, eu acho que eu já vi, não quando eu estava lá, mas passando. Porque eu passo muito por ali de carro, já vi policial no fim da tarde pela área de cooper. Mas enquanto eu tava frequentando eu nunca vi assim.". Quanto a insegurança: "**Então, eu não me sinto insegura na parte da pista de skate. Eu me sinto insegura na parte do cooper**, porque tem uma área de que é perto do rio, uma área do, do trajeto, que é perto do rio e... **Não é bem iluminada, enfim, é, é um lugar que você... Se acontecer qualquer coisa ninguém vai nem saber, sabe? Mas nunca presenciei nada.** Eu acho que assim, eu já fiquei com um pouco de medo de alguém que passou de bicicleta nessa parte, sabe? Pessoas, não sei, que não pareciam estar na pista de cooper fazendo exercício, sabe? **Mas nunca presenciei, nem ouvi falar. Não que eu lembre, assim, nada muito próximo não.**"

Com relação ao entorno: "Eu acho estranho que tem uma, como se fosse uma entrada, que é fechada, que é mais perto da parte que tem residência. Porque fica quase de frente ao terreno baldio, né, e ai um pouco mais pro lado do poço, ali naquela ruazinha tem como se fosse um portão assim, um portal, que não é usado, assim, **eu**

acho que não existe interação pra comunidade. (...) Vê, porque o parque tem dois lados, ne, tem aquele lado de Santana, que eu acho que é mais tranquilo, e tem o lado que vai pra Santa Luzia, que eu acho que é, é mais esquisito, que é também onde fica a beira do rio, a parte mais fácil de, sei lá, fugir. Eu já ouvi história de assalto ali naquela ponte ali. Que ali eu já passei pra ir trabalhar, e eu sempre morria de medo, assim. Eu ia de bike... A ponte eu acho bem esquisita. Não, veja, **eu acho a ponte incrível, sabe? Mas é, é muito esquisito ali,** eu acho que ali é um lugar que não tem policiamento. Pelo menos as vezes que passei, de manhã ali é esquisito. Sabe? Tipo, na luz do dia é esquisito. (...) **Não tiraria ela dali. Só melhoraria a infraestrutura dela assim.** É, sei lá, é porque ela é meio esquisita, ne, tem uns bloqueios pra carro, mas passa moto. Eu acho que ela deveria ser só de pedestre, mas ainda passa moto. É, eu acho que ela não tem iluminação. Eu acho que só algumas melhorias. Porque **eu acho incrível o pessoal de Santa Luzia ter acesso ao parque. Inclusive, eu acho que deveria ter uma integração maior também com o pessoal de Santa Luzia. Acho que tem pouco envolvimento da galera no parque, assim, eu acho. (...) Ah, eu acho ótimo que o pessoal passa ali. Porque é uma forma de ocupar também, né, ter gente passando, nem que seja só cruzando o parque”.**

Em relação a outros parques da cidade: “A Jaqueira não pode andar de skate, então, eu prefiro o Santana. E eu acho o parque da Jaqueira sempre muito lotado. Eu gosto do Santana porque ele é pequenininho, sabe? Eu tenho um carinho, assim, por ele. Acho que tem menos gente no Santana. É bom que tenha gente, mas é que tem dia que a Jaqueira parece uma multidão, né, é um mar assim de gente, e ai não da pra conviver, né, tipo. Mas eu acho que a quantidade de gente que vai pro Santana, pronto, pra área verde eu acho que vai pouca gente, assim, pra fazer piquenique, pra ficar lá de boa, é, pra pista de skate é super bem, a galera ocupa mesmo, vai de criança, skatista profissional, e eu que fico lá atrapalhando as crianças e os profissionais (risos). É, e a pista de cooper eu acho que é ocupada, mas poderia ser mais. E é, é, eu acho que uma coisa que não é, não sei se é bem mantida, mas é, aquela quadra de tênis e de basquete. Eu já vi sendo usada, mas eu nunca vi, assim, nunca vi sendo muito usada. Não sei se tem alguma restrição. Não sei como funciona. A parte verde eu acho que usam pouco, muito pouco. (...) Eu acho bom os eventos, porém eu acho que, é, precisaria um planejamento melhor em relação a parte externa,

né, a chegada e a saída dos carros, que vira um caos. Mas isso, assim, eu acho que existem outras coisas por trás, né, consciência, sei lá. Não é culpa do parque. Na verdade, eu acho maravilhoso assim, inclusive, pra pessoas que moram mais distantes conhecerem o parque, ne, e assim, sei lá, eu acho muito positivo. Apesar que deve incomodar a vizinhança ne, os shows, mas é, sempre tem os dois lados.”.

Quanto à sensação de insegurança, Nana fala que: “Pensando numa rua esquisita, é a mesma sensação que eu tenho numa área específica do parque, que é ali, é, perto do rio, na parte do cooper perto do rio. No resto é normal, assim, **é um nível de insegurança básico da cidade**”.

Em relação às memórias mais antigas: “Não tenho. Não tenho lembranças. Eu não sei se, é porque ali, é um, aquela parte ali era muito esquisita, né, então a gente não circulava muito por ali não. A sei lá, 15 anos atrás, não faz muito tempo não, na verdade (risos).” Nana não tem memórias antigas e não sabia que o parque havia sido construído em 1985, só lembra-se da reforma em 2012. “É, **eu lembro depois da reforma**. Nunca fui lá antes, nunca. **Eu acho que era um lugar, é, meio abandonado assim. Não era um lugar que me chamava atenção assim, pra ir, sabe.** (...) Eu tenho a mesma impressão dele desde o começo assim, depois da reforma acho que nada melhorou nem piorou, sabe, em relação à segurança.”.

Sobre a opinião de outras pessoas: “A maioria das pessoas que eu converso, é, gosta de ir lá, assim, pelos mesmos motivos que eu, pelos eventos, e é, tipo, um amigo meu um tempo desses foi pra lá, é, durante a pandemia, num feriado. Naquele feriado que a praia ficou lotadíssima. É, foi pra lá com o pessoal da família, e foi massa assim. Fazer aquilo que eu disse, né, fazer um piquenique, ficar na área verde, conversando e tal. **Eu acho que todo mundo fala bem, assim, que gosta de lá.** (...) É, eu só acho que é, há uma restrição maior quando tá escuro, sabe, quando tá ficando de noite. Eu acho que na parte de cooper não tem iluminação suficiente. Eu acho que naquela parte que tem, a, que as pessoas atravessam é até iluminado, assim. Mas eu acho esquisito, que é tipo uma florestinha assim. (...) É lindo de dia, mas até de dia eu acho esquisito lá, naquela parte mais perto do rio.”.

Nana acrescenta, ainda: “É, eu acho que, pronto, uma coisa que não é tão legal lá, é a parte de alimentação assim, eu acho muito fraco. Se lá tivesse uma estrutura

melhor, sei lá, se lá tivesse um foodparkzinho, uma coisa mais bonitinha, organizada, eu acho que seria mais atrativo, sabe? Seria mais ocupado.”.

Nana diz que os frequentadores do Parque Santana são “misturados”, que vai gente de todo tipo e não se sente estranha em relação a isso. Afirma sentir-se insegura em uma parte específica do parque, próximo a pista de cooper, onde diz que é uma área esquisita e que não há iluminação. Porém, em relação ao parque em si, fala que é normal, em um nível de insegurança “básico da cidade”. Nunca presenciou nem ouviu falar de nenhum episódio de violência dentro do parque. Acredita que o parque não tem muita interação pra comunidade. Acha a ponte incrível, apesar de também percebê-la como esquisita e violenta. Comenta que é incrível o pessoal de Santa Luzia ter acesso ao parque, mas acredita que ainda tem pouco envolvimento da comunidade, apesar de achar ótimo que o atravessem, mesmo que de passagem, pois é uma forma de ocupar o espaço. Parece receptiva em relação ao parque e acredita que a maioria das pessoas fala bem e gosta dele.

Analisando as entrevistas, percebemos que existem personas com perfis e impressões muito diferentes acerca do parque. Temos o perfil de João, morador de classe média, antigo no bairro, que valoriza o espaço público e a troca das conexões sociais, que se sente seguro nesse espaço. Mas também temos Luana, com o mesmo perfil de morador de classe média, que rechaça essas trocas sociais e parece ter um bloqueio em compartilhar o espaço público com os desiguais, sentindo-se completamente insegura. Temos o perfil de morador de classe social baixa, Amanda, que percebe uma diferença de classes entre os frequentadores do parque, mas que não se incomoda e se sente segura naquele espaço público. Também temos o perfil de morador de classe social baixa, Antônio, que igualmente percebe uma diferença social entre visitantes, e que se incomoda com a presença de alguns usuários de drogas (que, segundo Marina, são da própria Vila Santa Luzia). Marina, perfil de classe social baixa, não percebe uma diferença tão grande no perfil dos visitantes, comentando que a maioria é de pessoas conhecidas. Se sente segura dentro do parque, mas não fora dele. Nana, perfil classe média, percebe um misto de perfis entre os frequentadores, e se sente insegura em uma parte específica dentro do parque.

É possível que o Parque Santana, assim como outros, sofra as consequências de uma sensação generalizada de medo da violência sentida no espaço público. Por vezes, o medo de sofrer algum tipo de sinistro precede até mesmo a primeira visita ao local. E, mesmo sem conhecer pessoalmente o lugar, ou tendo visitado poucas vezes, as pessoas podem compartilhar casos que assustam, sendo eles verdade ou não, ratificando a sensação de medo. Essas ideias partilhadas entre os cidadãos influenciam bastante o imaginário coletivo urbano conformado.

Salientamos algumas semelhanças nas falas em relação à ponte, Luana, Antônio, Marina e Nana acreditam ser um elemento que apresenta perigo e causa essa sensação de insegurança. Porém, apenas Luana encara a ponte de forma completamente negativa, os outros parecem favoráveis e esperam uma melhoria basicamente em relação à segurança no local.

Uma semelhança geral é que todos, sem exceção, acham o parque bonito e/ou agradável. João, Amanda e Nana destacam e afirmam gostar mais do verde, da natureza, das árvores, do rio. Luana e Antônio gostam do passeio, do lugar de caminhada caminhar. Marina gosta da estrutura geral pós-reforma. Sobre os pontos que menos os agradam, João diz não haver nenhum. Amanda fala sobre o excesso de pavimentação. Antônio cita usuários de drogas. Luana destaca a sensação de insegurança e suposto abandono. Marina e Nana também seguem mencionando a insegurança. Nenhum dos entrevistados passou por algum episódio de violência no local.

Quanto às memórias em relação ao local do Parque Santana, João recorda com carinho e possui muitas lembranças positivas. Amanda tem boas lembranças e fala com saudosismo de como era “verde” e sem calçamento, com brinquedos mais naturais, de madeira. Luana não possui memórias pessoais, só menciona como era um espaço abandonado, que só foi notado pós reforma de 2012. Antônio diz que o parque era utilizado e bom, mas que é melhor hoje em dia, depois da reforma. Marina não tem muitas lembranças anteriores, mas acredita que hoje possui uma melhor estrutura e é mais frequentado. Nana não tem lembranças do parque antes da reforma de 2012.

Vale destacar, ainda, que os entrevistados que tem uma relação maior com o parque, seja através de memórias afetivas, como João, ou por uso cotidiano, como Amanda e Marina, falam de forma mais amigável e demonstram ter um apreço maior pelo espaço público e pelas pessoas que o frequentam. Sentindo-se, inclusive, menos inseguras do que as que não o frequentam tanto, como no caso de Antônio e Nana. Ou como no caso de Luana, que praticamente não o frequenta, e o vê de maneira muito negativa.

Compreendemos, cruzando os dados da análise físico-espacial com as informações apresentadas neste capítulo, que a legibilidade do Parque Santana não é boa. O parque tem uma localização que o desfavorece, e possui aspectos que prejudicam seu acesso e uma possível relação visual para a população geral e para os moradores locais.

A imagem desenvolvida pelas matérias divulgadas na mídia impressa, em geral, detém uma conotação positiva, porém, a maioria das notícias é relacionada a eventos pontuais, o que torna sua divulgação esporádica e não muito presente e efetiva na memória da população.

As análises dos questionários apresentam informações de como muitas pessoas não visitam, ou visitaram, o Parque Santana por causa da distância ou falta de conhecimento sobre sua existência, que retoma a questão da legibilidade ruim. E, segundo Kevin Lynch (1989), a ausência de legibilidade pode dificultar a criação de laços, tanto visuais quanto afetivos, com o lugar. As análises dos questionários demonstram ainda como as impressões de quem conhece o Parque Santana presencialmente são mais amigáveis do que as impressões de quem nunca o visitou, retomando as ideias de Armando Silva (2006[1992]), de que se as pessoas possuem imagens cuja conotação é mais positiva, que represente um lugar bom, certamente o frequentarão com maior assiduidade do que um lugar que, para elas, é carregada de imagens ruins, ou até mesmo desconhecidas.

A análise das entrevistas nos mostra que existem perfis bem diferentes de pessoas que convivem com o Parque Santana, porém, em geral, as falas corroboram

a ideia apresentada nos questionários de que quanto maior a relação desenvolvida com o espaço, melhor é a imagem que a pessoa tem do lugar. Seja essa relação desenvolvida por visitas recorrentes ao local, ou pela memória afetiva de visitas no passado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização do espaço livre público está atrelada a diversos fatores, dentre eles, a imagem do lugar. A constituição da imagem do lugar é desenvolvida, por sua vez, através de elementos de percepções individuais e coletivas, como a legibilidade, as formações simbólicas, suas representações e significados. Comprovamos, através deste trabalho, que a imagem do lugar exerce sim grande influência na apropriação social do espaço livre público, através de estudos e pesquisas aplicadas no caso do Parque Santana.

Com os referenciais teóricos estabelecidos principalmente por Armando Silva, Ângelo Serpa, Kevin Lynch, Bauman e Tereza Caldeira, dentre outras contribuições, compreendemos que tanto a localização quanto a configuração físico-espacial caracterizam a legibilidade de um lugar, e essa legibilidade é um aspecto fundamental para a percepção imaginária do mesmo. Por sua vez, a percepção do lugar, a imagem constituída acerca desse lugar, tanto individual, quanto coletivamente conformada, tem influência direta na relação que estabelecemos com esse lugar, e na apropriação e utilização que faremos dele.

Kevin Lynch (1989) fala sobre a ideia de imaginabilidade (ou legibilidade/visibilidade) e de como um lugar com uma forte visibilidade, enquanto objeto físico, possui uma probabilidade muito maior de evocar uma imagem forte em qualquer observador, e em como a ausência de legibilidade pode dificultar a criação de laços, tanto visuais quanto afetivos, com o lugar. No caso do Parque Santana, percebemos, através das análises físico-espaciais, que a localização do parque não é boa para sua legibilidade/imaginabilidade, muito porque ele não é “visto”, com isso queremos dizer que o parque localiza-se em uma posição que não é privilegiada em relação a seus acessos e as ruas em seu entorno. O parque possui apenas uma rua de acesso principal, e ainda é delimitado em uma de suas faces pelo Rio Capibaribe. Não possui ruas de alto fluxo de circulação nos arredores, tanto de automóveis quanto de pedestres. Não apresenta pontos de comércio e serviço em seu entorno imediato. Enfim, o parque não é “visto” porque não possui atrativos – além da própria existência e de eventos esporádicos que lá acontecem – que cativem transeuntes que possam vê-lo. Contudo, há que se destacar a presença da Ponte Emocy Krause, que liga o

parque diretamente à margem direita do Rio Capibaribe, e essa ponte faz com que haja um fluxo de pedestres cruzando o parque para chegar ao seu destino final.

Percebemos, ainda, pelas análises histórico-documentais em jornais, que o Parque Santana tem boa divulgação na mídia impressa, principalmente composta por notícias atrativas sobre eventos de lazer, esporte, cultura, que acontecem no parque. Porém, tais eventos ocorrem de forma pontual, algumas poucas vezes ao ano, e esse fato faz com que as notícias em relação ao parque sejam propagadas esporadicamente, trazendo um efeito de visitas pontuais aos eventos, mas pouca apropriação efetiva nos outros dias ao longo do ano. Sendo assim, tais notícias e eventos não se mostram suficientes para atrair mais usuários ao parque e desfazer uma suposta imagem negativa partilhada entre os não usuários. Imagem essa que comprovamos através da aplicação de questionários e entrevistas.

Os questionários foram aplicados para pessoas de toda a cidade, que precisavam ter ouvido falar do parque em algum momento, tendo o visitado ou não. Os resultados do questionário mostram que dentre as principais razões de utilização do parque destacam-se a natureza, as diferentes possibilidades de uso, desde esportivos até de lazer, os eventos que acontecem, o espaço agradável. Dos principais motivos de não utilização, os mais evidenciados foram a localização, o desconhecimento do lugar, além da sensação de insegurança e o medo da violência. Entendemos que esse medo se conforma como medo generalizado da violência no espaço público, nas grandes cidades de forma geral, corroborado ainda mais pela partilha de uma imagem negativa de abandono e descaso atribuída ao Parque Santana antes da reforma que aconteceu em 2012.

Dentre os moradores locais, apresentam-se algumas impressões diversificadas entre si, que acessamos através das entrevistas realizadas. Tem-se, por exemplo, Luana, como uma persona que demonstra aversão à ponte, ao parque, e aos seus usuários, e Antônio, que chega a assumir a existência de uma diversidade de público e mostra simpatia por isso. De modo geral, o parque é visto como agradável e bom, porém fica claro que, de fato, a apropriação do parque se dá principalmente pelas pessoas que vivem na Vila Santa Luzia, e menos pelos moradores de Santana, Poço da Panela, e bairros mais nobres do entorno. Esse fato tem relação direta com a

imagem de violência e abandono fortemente propagada entre os não usuários, e também talvez com certo preconceito social não discutido aqui.

Uma observação a ser feita é acerca da questão da convivência de diferentes grupos sociais no mesmo espaço público e a problemática do preconceito social que pode surgir dessa interação. Decidimos não trabalhar essa questão na análise das respostas devido a sua complexidade, mas acreditamos que é muito possível que existam respostas dentro desse campo de estudo quanto a não utilização do Parque Santana por uma parcela mais ampla e diversificada da população. Esperamos que os dados aqui expostos sirvam de base para futuras análises no que diz respeito a esse ponto.

Destaca-se que, dentre os entrevistados, os que falam de forma mais afetuosa do lugar são justamente os que o frequentam mais assiduamente ou possuem uma forte memória afetiva em relação ao mesmo. Com este trabalho, ampliamos nossa compreensão acerca da interação da imagem do lugar com a efetiva apropriação do espaço livre público, e concluímos que uma imagem negativa coletivamente partilhada, advinda de diversos fatores – como a pouca legibilidade, memórias negativas do passado perpetuadas, e a sensação generalizada de medo da violência no espaço público das grandes cidades – influencia sim e afeta de forma negativa sua efetiva apropriação. Enquanto que uma imagem positiva, com uma relação afetiva maior, acentua a utilização desse mesmo lugar.

Outro fato a ser destacado é a forte presença da Ponte Emocy Krause. Talvez o imaginário mais contundente seja, sobretudo, o da ponte, que revela uma fratura exposta. Um elemento de ligação físico e estrutural que escancara a frágil interação entre o público de classe alta e baixa presentes no entorno imediato do local. A pressão imaginária posta pela ponte é uma questão a ser futuramente trabalhada.

Faz-se necessário esclarecer, ainda, que o presente trabalho obteve inúmeras respostas aos diferentes métodos utilizados, desde a análise urbana aos questionários e entrevistas aplicados. Respostas essas que podem ser definidas como plurais e diversificadas, mas também singulares e únicas em suas particularidades, cada uma podendo ser encarada por inúmeras visões e recortes diferentes. Utilizamos aqui alguns desses recortes, mas devido à multiplicidade de

métodos e respostas encontradas, as possíveis análises derivadas desses dados podem ter desdobramentos inimagináveis, com caminhos para resultados diferentes, aos quais esperamos vislumbrarmos posteriormente.

Por fim, espera-se que essa dissertação tenha elucidado a questão da relação da imagem do lugar com a efetiva apropriação do espaço público, e que os instrumentos aplicados, as discussões e os resultados obtidos a partir do referencial teórico e da análise das pesquisas apresentadas possam subsidiar futuras investigações sobre o tema. Além de auxiliar, na prática, gestores públicos, ou quem possa se interessar, a encontrarem ferramentas que ajudem a suprir as demandas para uma maior apropriação do Parque Santana por um público mais plural de moradores do entorno e de toda cidade.

REFERÊNCIAS

ANNA LAURA PARQUE PARA TODOS. **Anna Laura**: Sobre nós, c2018. Disponível em: <<https://annalaura.org.br/#objetivos>>. Acesso em: 20 de ago de 2020.

ARANTES, Rafael de Aguiar. A cidade do medo: segregação, violência e sociabilidade urbana em salvador. **Cadernos do CEAS**. Salvador, n. 235, p. 45-73, 2015.

ARENDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007[1958].

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.

BOURDIEU, P. Bourdieu e a questão das classes: Capital simbólico e classes sociais (1978). Tradução de Fernando Pinheiro. **Novos estudos**. n.96. Julho, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n96/a08n96.pdf>. Acesso: 07/03/2019.

BOURDIEU, P. **Capital Cultural, Escuela y Espacio Social**. México: Siglo Veinteuno, 1997.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp/Editora 34, 2000.

CENTER FOR PARK MANAGEMENT - NATIONAL PARKS CONSERVATION ASSOCIATION. **Best management practices used at urban parks in national and international locations - A background report for the National Mall Plan**. National Park Service, U.S. Department of the Interior. Washington, p. 64. 2007.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário** [4ªed.], trad. Hélder Godinho, São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2012[1957].

FILHO, L C; SÁ, W F; PUTTINI, C; MONTEIRO, C. The Capibaribe Park: Restructuring the urban fabric of the city of Recife by articulating public spaces. In: **Proceedings of the 10th International Space Syntax Symposium**. London. 2015. Disponível em: http://www.sss10.bartlett.ucl.ac.uk/wp-content/uploads/2015/07/SSS10_Proceedings_063.pdf. Acesso em 20/03/2019.

FUINI, L. L. O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Vol. 21 (2017), n.1, p. 19-29

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: **ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA**, 10, 2005, São Paulo. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. p.6774-6297

LAMAS, J.P.G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.

LEITE, Julieta. PITTA, Tânia. TETI, Rafaela. Workshop Imaginários Urbanos: um estudo exploratório da função simbólica no espaço. In: **Anais do Colóquio internacional ICHT – Imaginário: construir e habitar a terra**. Recife. 2017.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Revista brasileira de ciências sociais** - VOL. 17. No 49. 2002.

LOUREIRO, Altair Macedo Lahud (Org.). **O velho e o aprendiz: O imaginário em experiências com o AT-9**. São Paulo: Z ou K, 2004.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**: Tradução de Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 1989. 193 p.

MENESES, Ana Raquel Santos de. **Desafios da gestão dos parques urbanos de recife**. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

NARCISO, C. A. F. **Espaço público: acção política e práticas de apropriação. Conceito e procedências**. Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia – UERJ, Rio de Janeiro, ano 9, n.2, p.265-291, 2009.

ROCHA PITTA, D. P. Imaginário, antropologia e espaço: o ATL-9. In: **Discutindo o Imaginário**. Lucia Leitão; Julieta Leite. (Org.). Recife: UFPE, p. 17-31. 2015.

SÁ CARNEIRO, A. R.; MESQUITA, L. B. **Espaços livres do Recife**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/ Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

SABOYA, R. T. **Fatores morfológicos da vitalidade urbana**. 18 Nov 2016. ArchDaily Brasil. Acessado em 10 Out 2020. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/798436/fatores-morfologicos-da-vitalidade-urbana-nil-parte-1-densidade-de-usos-e-pessoas-renato-t-de-saboya>>. ISSN 0719-8906

SANTOS, M. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2014 [1996].

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007. 208p.

SERPA, _____. **Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica**. Revista GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, n.15, p.21-37, 2004.

SILVA, A. **Imaginários urbanos** [5ªed.]. Bogotá: Arango Editores. 2006. 390p.

SILVA, _____. **Imaginario Urbanos: hacia la construcción de un urbanismo ciudadano**. Bogotá: Publica CAB y Universidad Nacional de Colombia. 2004.

SOUZA, M. A. Pierre Bourdieu: espaço social e a construção da nossa visão de mundo. **Filosofonet**. 2017. Disponível em: <https://filosofonet.wordpress.com/2017/04/10/pierre-bourdieu-espaco-social-e-a-construcao-da-nossa-visao-de-mundo/>. Acesso em 22/02/2019.

TAPIE, G. Sociologia do espaço: modelos de interpretação. Tradução de Cristina de Araújo Lima. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 20, no 47, jan/abr 2018, p. 370-391

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, vol.40 no.1 jan./feb., 2006

SITES:

<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/perfil-dos-bairros>

<http://www.recife.pe.gov.br/ESIG/>

<https://plguedes.carto.com/>

<https://cttu.recife.pe.gov.br/sistema-viario>

<https://www.granderecife.pe.gov.br/>

<https://www.google.com.br/maps>

<https://www.diariodepernambuco.com.br/>

<https://jc.ne10.uol.com.br/>

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOBRE O PARQUE SANTANA

Questionário sobre o Parque Santana

*Obrigatório

Pessoas

(cidadãos: tempo, marcas e rituais)

Quando foi a primeira vez que você ouviu falar do Parque Santana? *

- nunca ouvi falar
- há menos de um ano
- de 01 a 05 anos
- de 05 a 07 anos
- mais de 07 anos

Se você já ouviu falar e/ou viu algum conteúdo sobre o Parque Santana, poderia contar o que ficou mais marcado em sua memória a respeito parque?

Sua resposta _____

Quando foi a última vez que você visitou o Parque Santana? *

- nunca o visitei
- há menos de 01 ano
- entre 01 e 05 anos
- há mais de 05 anos

Se você nunca o visitou, explique o porquê.

Sua resposta _____

Quais as suas principais formas de deslocamento até o Parque Santana? *

- nunca fui
- caminhando
- bicicleta
- automóvel próprio
- táxi/carona/semelhante
- transporte público

Que atividades você já praticou no Parque Santana? (pode marcar mais de uma opção) *

- nunca fui
- eventos e/ou feiras (shows, festival de flores, espetáculos, etc)
- atividades esportivas (corrida, bicicleta, yoga, skate, musculação, etc)
- atividades domésticas diárias (parquinho para crianças, parcão, etc)
- atividades sociais esporádicas (piquenique, passeio, etc)
- Outro: _____



Em suas visitas, qual o tempo médio você costuma permanecer no Parque Santana? *

- nunca fui
- menos de 30min
- de 30min a 1h30min
- de 1h30min a 2h30min
- mais de 2h30min

Você já sofreu e/ou conhece alguém que sofreu algum tipo de violência no Parque Santana? *

- nunca sofri, nem conheço ninguém que sofreu
- nunca sofri, mas conheço alguém que sofreu
- já sofri, mas não conheço ninguém que sofreu
- já sofri, e conheço alguém que sofreu



Pelo que você acredita, mesmo se nunca o visitou, você acha que o Parque Santana tem um ambiente: (pode marcar mais de uma opção) *

- agradável
- desagradável
- tranquilo
- agitado
- alegre
- triste
- seguro
- inseguro
- limpo
- sujo
- muito frequentado
- pouco frequentado
- bem frequentado
- mal frequentado



Pelo que você acredita, mesmo se nunca o visitou, você acha que o Parque Santana possui: (pode marcar mais de uma opção) *

- pista de bicicross
- bicicletário
- posto de administração
- posto policial
- área de brinquedos infantis
- academia da cidade
- pista de corrida
- pista para ciclismo
- pista para skate
- quadras poliesportivas
- quadra de tênis
- campo de futebol com arquibancada e vestiários
- pavilhão coberto
- parque para cães
- praça de eventos
- quiosques para lanchonetes

Você acredita que o Parque Santana é principalmente frequentado por: *

- crianças
- adolescentes
- adultos
- idosos



Você acredita que o Parque Santana tem, prioritariamente, visitantes de nível socioeconômico de: *

- classe baixa
- classe média baixa
- classe média
- classe média alta
- classe alta

Ainda pelo que você acredita, você acha que os problemas e/ou dificuldades do Parque Santana são causados por: (pode marcar mais de uma opção) *

- não tem problemas e/ou dificuldades
- poucos visitantes
- falta de atividades/eventos
- mobiliário insatisfatório (brinquedos, bancos, equipamentos de ginástica, etc)
- espaço físico insatisfatório (quadras, pistas de corrida/bicicleta/skate, área para piquenique, etc)
- sensação de violência
- propagação de imagem negativa do parque
- Outro: _____

As próximas perguntas tem relação com seu imaginário acerca do Parque Santana, assim, gostaríamos que você fizesse um esforço de simbolizar mentalmente o parque, mesmo que você nunca o tenha visitado.



Que elemento(s) a seguir você acredita que melhor representa(m) o Parque Santana? (pode marcar mais de uma opção) *

- queda
- monstro devorador
- espada
- refúgio
- elemento cíclico
- água
- animal
- fogo
- personagem

Que conotação o elemento, ou a maioria dos elementos que você escolheu, tem para você? *

- positiva
- negativa

Por que você escolheu esse(s) elemento(s)? Para você, o que significa(m) e o que representa(m) esse(s) elemento(s) em relação ao Parque Santana? *

Sua resposta

[Voltar](#)

[Próxima](#)

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários



Questionário sobre o Parque Santana

*Obrigatório

Lugar

(parque: qualidades, classificações, configurações urbanas)

Qual dos parques destacados no mapa a seguir, sem consultar, você acredita ser o Parque Santana? *



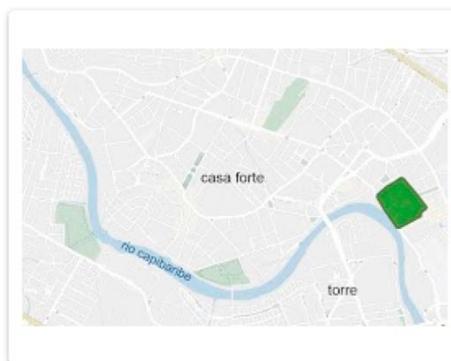
opção 01



opção 02



opção 03



opção 04



Você já visitou o Parque Santana? Se sim, com que frequência? *

- não, nunca visitei
- sim, poucas vezes
- sim, de 01 a 04 vezes ao mês
- sim, de 05 a 15 vezes ao mês
- sim, mais de 15 vezes ao mês

As perguntas a seguir destinam-se apenas a quem já visitou o Parque Santana ao menos uma vez. Se você nunca o visitou, por favor, siga até o final da página e avance para a próxima seção.

Você considera a localização dos equipamentos (pista de corrida/bicicleta/skate, quadras, brinquedos, banheiros, etc) dentro do Parque Santana:

- péssima
- ruim
- regular
- boa
- ótima



Você considera os mobiliários (brinquedos, bancos, equipamentos de ginástica, etc) do Parque Santana:

- péssimos
- ruins
- regulares
- bons
- ótimos

Você considera a arborização do Parque Santana:

- péssima
- ruim
- regular
- boa
- ótima

Você considera a iluminação do Parque Santana:

- péssima
- ruim
- regular
- boa
- ótima



Você considera a localização do Parque Santana em relação à cidade:

- péssima
- ruim
- regular
- boa
- ótima

Você considera a oferta de atividades e/ou eventos do Parque Santana:

- péssima
- ruim
- regular
- boa
- ótima

Você considera a sensação de segurança no Parque Santana:

- péssima
- ruim
- regular
- boa
- ótima



Explique por que você considera dessa forma a sensação de segurança no Parque Santana:

Sua resposta

O que você mais gosta no Parque Santana?

Sua resposta

O que você menos gosta no Parque Santana?

Sua resposta

[Voltar](#)

[Próxima](#)

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários



Questionário sobre o Parque Santana

*Obrigatório

Identificação

E-mail (se você se sentir a vontade):

Sua resposta _____

Idade: *

Sua resposta _____

Gênero: *

- feminino
- masculino
- não-binário

Endereço (rua, bairro, cidade): *

Sua resposta _____



Cor/raça: *

- branca
- preta
- amarela
- parda
- indígena

Escolaridade: *

- ensino fundamental
- ensino médio
- ensino técnico
- curso superior
- especialização
- mestrado
- doutorado/pós-doc

Renda familiar per capita (renda familiar dividida pela quantidade de moradores da residência): *

- até 01 salário mínimo
- de 01 a 03 salários mínimos
- de 03 a 05 salários mínimos
- de 05 a 07 salários mínimos
- acima de 07 salários mínimos



Voltar

Enviar



APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

- Explicar por alto do que se trata a pesquisa, dizer que quer entender melhor a relação das pessoas com o parque, sem falar muito ou influenciar.

- Perguntar nome, idade, onde mora, há quanto tempo conhece/mora próximo ao Parque...

- Perguntar sobre a frequência de visitas ao Parque. Desde quando frequenta, com que objetivo, quanto tempo passa lá, se vai muitas ou poucas vezes por semana...

- O que mais usa dentro do parque? O que faz? O que mais agrada? O que menos agrada?

- O que acha das pessoas que frequentam? São conhecidos? Se sente confortável lá?

- O que acha da manutenção do parque? A prefeitura fornece os cuidados necessários?

- O que acha da relação do parque com o entorno e com a cidade em geral?

- O entrevistado tem relação com outros parques da cidade? Prefere outros? Por quê?

- O entrevistado pode falar por outras pessoas? Representa algum grupo/organização?

- Agradecer.